

da mesma autora de *Além do Esperado*

PAT MÜLLER

# Memórias em papel timbrado





*da mesma autora de Além do Esperado*

PAT MÜLLER

# Memórias em papel timbrado

Copyright © 2020 por Pat Müller

Revisão: Clys Oliveira  
Diagramação: Pat Müller  
Capa: L.A Capas

Imagens da capa: depositphotos

### **É PROIBIDA A REPRODUÇÃO**

É expressamente proibida a reprodução, total ou parcial, ou qualquer tipo de impressão sem prévia autorização da autora deste livro. Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

Para mim.

# Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1 - Que história é essa?](#)

[Memórias em papel timbrado - A primeira carta](#)

[Capítulo 2 - A fazendeira](#)

[Memórias em papel timbrado - bilhetes](#)

[Capítulo 3 - Vizinhança](#)

[Memórias em papel timbrado - cartas](#)

[Capítulo 4 - Lama, muita lama](#)

[Memórias em papel timbrado - bilhetes](#)

[Capítulo 5 - Uma conversa aberta](#)

[Memórias em papel timbrado - cartas](#)

[Capítulo 6 - Uma fazenda virtual](#)

[Memórias em papel timbrado - bilhetes](#)

[Capítulo 7 - Muito prazer...](#)

[Memórias em papel timbrado - cartas](#)

[Capítulo 8 - Lembre-se de quem você é](#)

[Capítulo 9 - Dúvidas e despedidas](#)

[Memórias em papel timbrado - cartas](#)

[Capítulo 10 - Fogo!](#)

[Memórias em papel timbrado - cartas](#)

[Memórias em papel timbrado - bilhetes](#)

[Capítulo 11 - Hóspedes inesperados](#)

[Memórias em papel timbrado - cartas](#)

[Capítulo 12 - Ainda não](#)

[Capítulo 13 - Malas prontas](#)

[Memórias em papel timbrado - bilhetes](#)

[Capítulo 14 - Céu estrelado](#)

[Capítulo 15 – Entrego meu coração](#)

[Memórias em papel timbrado - a última carta](#)

[Carta ao leitor](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)

## Prólogo

— Você realmente fez isso durante cinco anos? Cinco anos inteiros? — O homem segurava a pequena caixa em suas mãos, indignado com o peso que aquelas cartas tinham, e não somente o físico, mas também o significado. — Estou surpreso!

— Eu sei... é algo bem estranho mesmo, levando em consideração que eu nem conhecia você direito e todo o resto que aconteceu em seguida... — Paula alisava a saia de modo ansioso, evitando fitar o marido nos olhos para que não percebesse suas bochechas rosadas.

— Por que está me mostrando só agora? — Ele sentou do lado dela na cama, tão próximo que ela podia sentir o cheiro da loção pós-barba.

— Não sei... eu estive com vergonha de te contar. Você vai entender assim que começar a ler, pois não tem cartas somente sobre você. Quer dizer, a maioria é...

Eles estavam em um silêncio contemplativo, quando Paula tentou tomar a caixa das mãos do marido.

— Sabe, é melhor você não ler. Não sei onde estava com a cabeça! Ai, que vergonha! — disse chorosa, mas o homem não permitiu que ela lhe tomasse a caixa. Vencida, encolheu os ombros e balançou a cabeça, pesarosa.

— Ei! — Ele se aproximou, pegando em seu queixo de forma delicada e levantando o rosto dela. — Não há motivo para se envergonhar — falou com firmeza sem desviar os olhos. — Você é tão sensível e brilhante! Ler estas cartas vai me aproximar ainda mais de você. Vai permitir que eu conheça ainda mais minha esposa. Além disso, sempre curti muito a sua escrita.

— Sério!? — perguntou incrédula.

— Oras, até acompanho aquele seu *blog* maluco sobre tudo e nada. — Conteve um riso e ficou em pé, dando uma piscadela em seguida.

— Como? *Blog* maluco? E aonde você vai? — Paula perguntou.



— Estarei na biblioteca, quero ler todas as cartas. — Curvou-se e deu um beijo carinhoso e apaixonado nos lábios rosados de Paula, deixando-a sem fôlego.

— Nossa, será que algum dia vou me acostumar com seus beijos? — sussurrou com a boca ainda próxima da dele.

— Eu espero, sinceramente, que não.

Ele deixou a caixa com as cartas de lado.

— Eu também... eu também, meu amor.

# Capítulo 1 - Que história é essa?

Para iniciarmos esta história preciso apresentar para você, caro leitor, uma jovem sonhadora de olhos cor de esmeralda, cabelos castanhos cacheados e pele bronzeada. Linda é um adjetivo pobre para defini-la. Para isso, nós vamos viajar por São Paulo e depois para uma pequena cidade do interior de Santa Catarina, chamada Ouro. Com seus sete mil habitantes, Ouro é pacata, calma e, com exceção de um ou outro evento isolado, a vida costuma passar mansamente.

Foi justamente isso que atraiu a nossa querida Paula.

Paula nasceu em São Paulo, capital. O pai é advogado e a mãe uma engenheira, musicista, dona de casa, escritora, entre outras funções. Por ser filha única cresceu recebendo tudo o que desejava, não por esse ser um fator atribuído a todos os filhos únicos do mundo, mas sim porque os pais, sempre muito ocupados, não tinham tempo suficiente para dedicar à filha.

— Alberto! — Susan chamou o marido. — Olhe só para ela, já está engatinhando! — E o que pareceu ser uma semana depois, Paula já estava falando um dicionário inteiro e causando todos os problemas possíveis e imagináveis na escola particular onde estudava, que era a melhor do estado.

— A culpa é sua! — Alberto gritava a plenos pulmões.

— Devo lembrar que você também é pai dela? — Susan o encarava com as mãos na cintura, falando com a voz mais baixa, pois detestava escândalos e chamar atenção dos vizinhos.

— O que você sugere que façamos? — Alberto sempre cedia, pois, no fundo, sabia que a culpa das estripulias da filha era de ambos.

— Vamos conversar com ela. — A esposa o olhava com convicção.

— O mesmo de sempre...

— Não, dessa vez será diferente! — Como resposta o marido ria alto.

Paula sempre ouvia essas discussões atrás da porta, ansiando pelo momento em que a chamariam e finalmente teria um pouco da atenção dos pais. Não que fizesse isso de maneira premeditada, mas na época era só uma adolescente e percebeu que existia um padrão: encrenca era igual a atenção.

Com o passar dos anos e com a noção melhorada das coisas, desistiu de chamar a atenção dos pais. Percebeu que havia coisas mais importantes com as quais se preocupar. Esse pensamento só surgiu depois de uma certa amizade que construiu na escola.

Maria era um raio de sol no meio daquela cidade cheia de gente nublada. Era também uma garota de muita fé e sempre que podia convidava Paula para algum chá da tarde ou evento da igreja que frequentava. Nossa protagonista relutou no começo, pois achava esse negócio de igreja muito ultrapassado e sem graça, mas a empolgação de Maria sempre a atraía. Foi lá onde Paula aprendeu que existia alguém que, de fato, a amava.

Converteu-se e convidou Jesus para entrar na sua vida. Todo mundo notou a diferença. Com exceção dos pais. Claro.

Com seus dezoito anos formou-se no ensino médio. A idade denunciava algumas reprovações do ensino fundamental. Quando se viu diante do diploma, decidiu que se mudaria para Ouro. Com as malas em mão, óculos escuros e um travesseiro de pescoço, entrou na cozinha naquela manhã.

— Alguma viagem da escola, filha? — a mãe perguntou, fitando-a de relance e retomando a leitura do jornal, enquanto o pai percorria a tela do *Tablet* com os óculos na ponta do nariz.

— Na verdade, estou me mudando — falou, como se isso não tivesse importância alguma e ignorando o fato de que sua mãe ainda não tinha entendido que ela havia se formado.

Porém, o pai, que estava tomando seu café, cuspiu por completo o líquido que estava em sua boca.

— O que foi que você disse? — Susan perguntou atônita, ignorando o marido com desdém. *Que destrambelhado*, pensava.

— Isso mesmo que a senhora ouviu. — Ajeitou a blusa na cintura, suspirou e sustentou o corpo em uma perna, já cansada da cena que viria a seguir.

— Posso pelo menos saber para onde a senhorita pretende ir? — A mulher não estava levando aquilo a sério, um pequeno sorriso se formava no canto de sua boca impecavelmente pintada com algum batom vermelho e caro.

— Vou para a cidade natal de Maria, chama-se Ouro. Fica no interior de Santa Catarina. — E seus olhos brilharam ao se lembrar do que a amiga havia lhe contado. Falara sobre sítios, calma e frio. Paula amava frio. Se bem que Maria informou que só faria frio de verdade nos meses de maio em diante, mas Paula não se importava. Haveria frio e isso bastava.

— Hum. — O pai pela primeira vez se manifestou. — O que você pretende fazer por lá, exatamente?

— Bom, fazem três meses que completei dezoito anos, certo? — Notou que os pais assentiram. — Vocês me deram um carro de presente, aquele conversível. — Eles demoraram para se lembrar do presente, mas por fim balançaram a cabeça automaticamente. — Pois bem, eu o vendi. Juntamente com o apartamento do litoral.

— Você fez o quê? — Ainda bem que Alberto tinha desistido do café, pois possivelmente o cuspiria em alguém dessa vez.

— Que história é essa? — Susan estava tentando compreender aonde a filha queria chegar.

— Vendi o carro e o apartamento e comprei um lindo sítio, que pertencera a um tio de Maria que estava passando por um sufoco. Estou me mudando para lá, afinal, tenho que cuidar dos animais e de tudo. Um primo da minha amiga tem feito esse favor pra mim, mas ele tem seus próprios afazeres e eu quero estar por lá...

— Enlouqueceu? — o pai a interrompeu num rompante.

— Muito pelo contrário, nunca estive tão consciente do que quero. — Sorriu para o pai, mas um nó se formou em sua garganta, percebendo que eles jamais a entenderiam. E por mais que fossem desleixados com os cuidados paternos que deveriam ter com ela, ainda eram seus pais e ela os amava.

Aproximou-se da mesa e pegou uma mão de cada um.

— Eu estudei nos melhores colégios, aprendi de tudo um pouco e conheço gente de várias partes do mundo. Sei que vocês

esperavam que eu me tornasse uma advogada, engenheira ou, no mínimo, que optasse pela medicina. Mas não é isso que quero. Essa loucura da cidade grande não me atrai mais. Eu quero morar no interior, nessa pequena cidade e cuidar da terra — concluiu a frase com a convicção de um general prestes a ir para a guerra.

— Você nunca fez isso... como... — Um Alberto aturdido gaguejava.

— Sim, eu sei que não entendo nada de plantações, por isso me inscrevi numa faculdade de agronomia que tem por lá, e os familiares e amigos de Maria vão me ajudar. — Sorriu para o pai que continuava perplexo.

— Filha, assim que você se deparar com a primeira vaca, retornará para casa. — Susan ficou em pé, contornou a cadeira e abraçou a filha. — Se é isso que deseja, estaremos aqui quando você decidir voltar.

— Susan, você está falando sério? — Alberto percorria os olhos da mulher para a filha, imaginando que ambas tiveram os cérebros sugados em um ataque zumbi.

— Querido, isso não vai durar. Nada dura com Paula. — E antes de sair da cozinha, anunciou que todos os cartões da garota seriam bloqueados ainda naquele dia.

— Pai, pode me levar ao aeroporto? Eu ia pegar um táxi, mas quem sabe no caminho eu possa te contar um pouco mais sobre o sítio.

— Olha, querida, estou atrasado para uma reunião. Mas eu pago o seu táxi, já que o que você realmente quer é ir para essa cidade e tal. — Alberto estava confuso e entregou algumas notas de cem reais para a filha, saindo em seguida, sem nem ao menos lhe dar um abraço ou um beijo.

A verdade era que a mãe de Paula estava enganada. Ela não conhecia a própria filha, que tinha, sim, conquistado muitas coisas duráveis. Tinha a amizade de Maria e a de Deus, e ambas já duravam mais de cinco anos sem que seus pais se dessem conta, apesar das inúmeras tentativas de Paula.

\*\*\*

Para chegar até Ouro, Paula pegou um voo de São Paulo para Curitiba, e depois de algumas horas de conexão, viajou em um avião a hélice para Lages, em Santa Catarina, de onde seguiu viagem para Ouro em um ônibus. O percurso levou mais de seis horas por conta das paradas, mas quando finalmente avistou Maria na rodoviária o sentimento de que havia feito a escolha certa a inundou. Sem falar que em suas orações tinha conversado muito com Deus sobre aquela ser a sua decisão mais acertada.

— Como foi a viagem? — Maria perguntou assim que a soltou de um abraço demorado.

— Um pouco cansativa. — Paula ainda estava grogue e com muita, muita fome.

— Vamos, meu primo está nos esperando na camionete. Ele não encontrou vaga e precisou estacionar em um local não muito apropriado, por isso ficou por lá. Deixe-me te ajudar com as malas.

Muitas malas! Paula não sabia exatamente o que a esperava, então, simplesmente levou todo o seu guarda-roupa e ainda passou em uma loja e comprou várias blusas com estampa xadrez e calças *jeans*, pois era assim que os caipiras se vestiam, de acordo com os filmes que via.

— Caipiras? — Maria riu alto quando Paula lhe contou a respeito, enquanto arrastavam as pesadas malas pelo estacionamento. — Você tem muito a aprender, querida amiga.

As duas se atravessavam o estacionamento lotado quando o assunto das roupas ainda era a pauta. O primo de Maria desceu do carro estacionado próximo do meio-fio. Ele usava calças *jeans* e uma camisa xadrez, mas não foi isso que chamou a atenção de Paula.

— Então, você é a famosa Paula! — Ele se aproximou e a cumprimentou com um abraço.

— Famosa? — Paula estava travada nos braços daquele recém-conhecido, tentando processar as informações. Olhou de relance para Maria, que se divertia com a cena.

— Júlio, solte ela! — Maria deu um tapa de brincadeira no braço dele.

— Oh, esqueci! Vocês da cidade grande não são acostumados com esse afeto todo do *peçoar* do interior. — Piscou,

sorrindo de orelha a orelha, com sarcasmo escorrendo pelos poros.

Paula ficou encarando aquele homem enorme a sua frente, chocada com o atrevimento dele. Antes de falar, o observou dos pés à cabeça, e mesmo sendo um homem muito bonito, ela rolou os olhos e seguiu em direção ao veículo.

— Pode carregar as minhas malas, obrigada.

O que ele estava pensando? Provavelmente era mais um na lista das pessoas que duvidavam dela. Pois que duvidasse, ela não lhe devia satisfação alguma.

— Eu sabia que isso aconteceria! — Maria riu alto.

— Isso o quê? — Júlio perguntou enquanto carregava as pesadas malas, contrariado.

— Vocês dois acabariam implicando um com o outro. São parecidos demais. — Um brilho passou pelos olhos de Maria.

— O que você está planejando, priminha? — Ele a conhecia muito bem para saber que ela estava com alguma intenção. Aquele sorriso acompanhado daquele olhar a entregavam.

— Nada. Absolutamente nada!

— Nossa, essa sua amiga trouxe todas as roupas dela? Ela tem *muita* roupa... — E bufou com o peso da mala que carregava.

\*\*\*

O sítio que Paula comprara ficava a uma hora do centro da cidade. Estava entardecendo e o pôr do sol deixava o trajeto bucólico, enquanto o coração de Paula enchia-se de esperança. Fechou os olhos por alguns segundos e orou agradecendo a Deus.

— Quem vê assim, pensa que é uma garota de Deus. — Júlio disse sarcástico.

Paula abriu os olhos e percebeu que ele a fitava.

— Vou continuar sendo se você olhar para a estrada.

Ele riu, e por algum motivo o som daquela risada deixou Paula menos receosa com relação a ele.

— Então você é?

— Sou o quê? — Paula tentou entender a pergunta dele.

— Uma garota de Deus — ele disse depois de alguns segundos.

— Sim, se é assim que você quer chamar. — Ela o estudou por algum tempo. Era forte, os músculos eram visíveis, tinha um sorriso enorme, barba feita, cabelos castanhos lisos e olhos verdes.

— Olhando assim vai me deixar sem jeito. — Ele piscou para ela e logo em seguida parou a caminhonete para que algumas vacas atravessassem a estrada, acompanhadas por um homem que levantou a mão e sorriu para eles.

— Primo, você pode me deixar em casa? — Maria finalmente falou, depois de permanecer em silêncio a maior parte do trajeto.

— Você não vai me acompanhar até minha nova casa? — Paula perguntou incrédula.

— Na verdade, não.

Paula virou para olhar Maria nos olhos.

— Como não? Preciso que você esteja lá comigo.

— Calma, garota! Vou passar em casa e ver como está o jantar de boas-vindas que estamos preparando para você. Júlio irá te acompanhar, e depois vocês dois retornam para jantarmos! Essa noite você poderia dormir na minha casa e amanhã nós vamos até a sua e arrumamos as coisas aos poucos. O que você acha?

Paula quis dizer que achava péssimo ter que ficar sozinha com Júlio e que não curtia a ideia de dormir na casa de Maria, mas, ao invés disso, assentiu. Ela queria iniciar sua nova vida o mais breve possível, e acordar na nova casa era uma das experiências pela qual mais havia esperado desde que a comprara.

Deixaram Maria em sua casa e seguiram por mais dez minutos, em silêncio absoluto. Quando Júlio parou em frente a um portal onde se lia “Caminho para o Céu”, Paula sentiu os olhos marejarem. Era mais do que ela esperava, as fotos que recebera não eram fiéis a toda aquela beleza. À luz do dia ela conseguiria ver melhor, mas agora, ao entardecer, já estava amando.

Júlio estacionou em frente à casa.

— Bem-vinda ao seu novo lar. — Puxou o freio de mão e desceu do carro.

Paula, com movimentos vagarosos, também desceu, absorvendo cada detalhe daquele lugar. A casa era enorme e muito bonita. Dois pisos, janelas enormes e uma varanda circundada por flores vermelhas com um perfume maravilhoso. Até mesmo a



pintura desbotada estava deixando a garota encantada. Logo atrás da casa uma enorme montanha saía da terra.

— É um belo lugar para se recomeçar a vida — Júlio disse quebrando o silêncio.

— Com certeza.

O quintal era enorme e tinha um balanço em uma das árvores frondosas, que Paula deduziu ser uma figueira. Ela contornou a casa e avistou uma horta, um pequeno galinheiro e um pomar.

— Toda essa parte aqui — ele apontou com o dedo — pertence a esta propriedade, ou seja, é bom que você entenda de fruticultura. — Ele riu da expressão de Paula. — Mas se não entender, não faltarão pessoas para te ajudar.

— Você vai me ajudar? — ela perguntou provocativa.

— Por enquanto, só a descarregar as malas. Espere até você ver o interior da casa, é de tirar o fôlego.

— Você já esteve aqui antes?

— Eu cresci aqui. A casa era do meu pai.

— Oh! Sinto muito.

— Pelo quê? Por ter comprado a casa? Oras, sejamos sinceros, a casa é linda, o terreno é enorme e eu não *sentiria muito* em comprar um lugar como este — ele disse isso, não de forma grosseira ou ressentida, mas de um jeito que deixava claro que estava tudo bem.

— Maria me contou sobre seu pai.

— O que eu posso dizer? Ele fez algumas escolhas erradas, mas continua sendo meu pai.

— Bom, você pode visitar o sítio sempre que quiser. Sabe, para lembrar da sua infância ou matar a saudade... E quem sabe para me ajudar a lidar com tudo isso. — Sorriu de forma gentil, afinal não tinha motivos para ficar de mal com ele. — A propósito, era você que estava cuidando de tudo por aqui?

— Sim — ele respondeu e retornou para a frente da casa. — Vamos guardar suas malas e voltar para a casa de Maria, pois estou morrendo de fome, você não?

Paula meneou a cabeça de forma afirmativa. Mas na verdade ela queria ficar mais um tempo por ali, curtindo cada cantinho da sua nova vida. Quando Júlio abriu a porta principal da casa, Paula

quase caiu para trás. O interior era lindo! Ele acendeu todas as luzes e a casa iluminou-se. A garota não sabia dizer o que a havia encantado mais.

— Uau! — Foi a única coisa que saiu de sua boca.

— Eu sabia que você iria se encantar — Júlio disse satisfeito.

— Minha mãe sempre amou decoração e por isso cuidava dessa casa com muito carinho.

Paula avistou uma lareira de pedra na sala de entrada, a cozinha aos fundos em estilo americano e uma escada em madeira de lei envernizada dava acesso ao segundo piso. Queria explorar, ver todos os detalhes, escolher seu novo quarto, mas quando Júlio tirou a última mala do carro, ele a chamou para que não se atrasassem para o jantar.

— O pessoal aqui leva muito a sério os horários.

— Eu também levo! — ela disse, parecendo ofendida.

Ele só a encarou, cravando aqueles olhos verdes nos dela, quase a constrangendo.

— Vamos, então! — Paula saiu na frente dele e entrou na caminhonete, quase como quem foge e ficou observando-o enquanto ele apagava as luzes e fechava a porta do casarão.

# Memórias em papel timbrado - A primeira carta

*Ao amor que vai chegar.*

*Bom, essa é minha primeira carta. Encontrei esse bloco de papel timbrado da antiga empresa do meu pai e decidi usá-lo. Não posso ver um papel dando bobeira que já quero usar. Espero que não se importe com a logo brilhante da empresa de advocacia.*

*Enfim! Como ainda não sei seu nome (ou talvez eu saiba, mas não tenha certeza de que é você) eu vou te chamar de amor, chuchu, benzinho, essas coisas (risos). Imagino sua cara nesse momento, pois esses apelidos sem graça me deixam constrangida quando ditos na frente de outras pessoas, e com isso já fica aqui a primeira dica de convivência entre nós dois: não me constranja com esses apelidos, por favor!*

*Decidi escrever essas cartas porque preciso confessar: eu tenho medo de casar. Depois de conviver anos com meus pais, parece que meu interior associa casamento a coisas ruins, na maior parte do tempo. Porém, tenho aprendido com Deus e os exemplos da Bíblia coisas lindas sobre o matrimônio e eu quero viver algo lindo, algo do coração de Deus para mim.*

*Essas cartas vão me apresentar a você, contar minha história e também mostrar que eu já te amo, antes de te conhecer. Se você está lendo isso, bem... você teve a sorte de casar comigo e espero que nunca se arrependa.*

*Ontem foi um dia intenso. Comecei minha nova vida. Maria (que é minha melhor amiga e de quem você vai ouvir falar muito, portanto, trate de gostar dela) me incentivou a começar essas cartas. Falei para ela que estou ansiosa para te encontrar e que às vezes me sinto sozinha, mesmo iniciando esse novo processo na minha vida, na qual sei que vou adquirir muito conhecimento, amizades e experiência, eu queria muito ter alguém com quem compartilhar cada uma das conquistas ou depois de um dia não*

*muito bom, ter um abraço onde me enroscar. Sim, isso soa egoísta demais! Por isso estou escrevendo essas cartas que serão acompanhadas de orações para que eu consiga entender os propósitos de Deus na minha vida e amadurecer meus sentimentos e ser menos carente.*

*Sabe, querido futuro marido, eu desejo que quando a gente se encontrar eu seja uma mulher digna de estar ao seu lado e de merecer o seu amor. Da mesma forma que você seja merecedor do meu amor e que juntos sejamos um só e em favor da obra de nosso Pai.*

*Maria está me chamando, preciso ajudá-la com a decoração da minha nova casa e também aprender a tirar leite das vacas. Parece emocionante.*

*Nos vemos em breve.*

*Paula.*

## Capítulo 2 - A fazendeira

Quando o primeiro galo cantou na manhã seguinte, nossa querida Paula já estava desperta. Maria, ainda sonolenta, se arrastava para fora da cama.

— Paula, se eu soubesse que você me tiraria da cama em plena madrugada, jamais teria te convidado para dormir aqui.

— Ah, vamos! Estou tão ansiosa, mal posso esperar! Eu quero conhecer tudo do “Caminho para o Céu”. Aliás, que nome mais propício! Júlio me mostrou um pouco da casa ontem.

— Hum. — Maria ficou mais interessada na conversa da amiga e endireitou a coluna. — Júlio... — interrompeu o que Paula falava.

— O que tem ele? — Paula perguntou confusa.

— Nada. Só queria saber o que você achou dele.

— O que achei? Bom... — Paula ficou refletindo por um momento. — Arrogante. Sim, ele é arrogante à primeira vista.

Maria riu do comentário da amiga.

— Isso vai ser interessante!

— O quê? — Paula perguntou com a sobrancelha arqueada.

— Nada! Vamos tomar café e depois vamos em direção ao *Caminho para o Céu* — disse isso fazendo pose, como um navegador aponta para a terra à vista.

\*\*\*

O dia amanheceu nublado, mas não o suficiente para impedir que o bom humor de Paula se dissipasse. Ela queria conhecer cada metro quadrado do sítio, gravar todos os cheiros e imaginar sua vida. Aliás, mais do que isso: ela queria viver. Ela tinha motivos de sobra para ser grata pela vida que levava em São Paulo: viagens, amigos, festas, compras e tudo o que qualquer garota no mundo amaria ter. Porém, para Paula, aquela vida era feita de solidão, de sorrisos falsos e gente interessada no dinheiro que ela tinha, ou melhor, que os pais tinham.

Ali, em sua nova casa ela teria a chance de mostrar que era uma pessoa muito além das roupas de grife que ostentava. Claro, sentiria falta de algumas mordomias, e talvez fosse difícil colocar a *mão na massa*, já que nunca desempenhou qualquer atividade, pois tudo lhe era entregue de bandeja. Você também sentiria falta, não é mesmo, caro leitor?

Bom, mas isso agora não importava, Paula seria responsável pela construção da sua nova vida. Os pais e amigos da antiga vida não teriam mais motivos para duvidar da capacidade dela.

— Paula, venha ver! — Maria a chamou, tirando a garota dos próprios devaneios.

Paula seguiu a voz da amiga e a encontrou debruçada sobre um arbusto próximo à figueira do balanço.

— Veja, é um ninho de beija-flor. *Shhh!* Faça silêncio a mãe pássaro está aí.

Paula se aproximou devagar e observou o ninho de comprimento inacreditável, parecendo uma meia enorme, iguais aquelas que costumava pendurar na janela na época de Natal, só que essa tinha uma cor um tanto diferente. Espiou pela entrada no ninho e viu o pequeno pássaro no fundo, aquecendo os pequenos ovinhos.

— É tão lindo! — Suspirou.

— Eu sei. Amo beija-flor, é meu pássaro preferido. — Maria pegou a amiga pelo braço e ambas retornaram para a frente da casa.

— Amiga — Maria começou —, meus pais estão preocupados com você.

— Comigo? Por qual motivo?

— Com o fato de você ficar sozinha aqui nessa propriedade enorme. — Maria apontou com a mão, enfatizando.

— Escute — Paula tentou não perder a paciência —, não saí de São Paulo para vir até aqui e continuar ouvindo as pessoas duvidando de mim.

— Ei! — Maria a interrompeu. — Não é nada disso!

— O que é então? — Paula saiu bufando com Maria no seu encalço.

— Preocupação. E se alguém bater na sua porta a meia noite, o que você vai fazer?

— Abrir a porta e convidar para um café? — Paula desdenhou.

— Não estou brincando, falo sério! — Maria retrucou e puxou a amiga pelo braço fazendo-a para na sua frente.

— Eu sou capaz de me virar sozinha.

— Sei disso. Mas me prometa que se qualquer coisa a deixar temerosa por aqui, você vai nos ligar na mesma hora. — Maria estava com os olhos quase esbugalhados, o que desarmou Paula, fazendo-a rir.

— Ok! Qualquer coisa eu ligo para você. — Revirou os olhos, a contragosto.

— Nós temos o sistema de ramal, a Internet e, quando o tempo não está para chuva, tem o celular. Ok? — Maria falava com a expressão séria.

— Sim, senhora! — Paula abraçou a amiga. — Desculpa pelo estresse, sou neurótica. Sempre acho que tem alguém duvidando de mim e da minha capacidade.

Maria retribui o abraço com carinho e deu um beijo na testa de Paula.

— Eu entendo. E tem mais uma coisa! — Maria se desvencilhou do abraço e foi com direção ao carro em que ambas haviam chegado, abrindo o porta-malas e tirando uma caixa de papelão relativamente grande com um laço vermelho enfeitando.

— Esse é um presentinho para você. Meu, dos meus pais e de Júlio.

— Júlio me dando presentes? — Paula ficou intrigada, mas pegou a caixa agradecendo a amiga. — O que é? Nossa, é pesada!

Paula colocou a caixa no chão e começou a abrir enquanto notava alguns furos nas laterais. Parou abruptamente e fitou Maria, que estava com as mãos unidas em frente a boca, ansiosa.

— Vo... você só pode estar brincando! — Paula gaguejou.

— Abre logo!

Paula terminou de desatar o laço vermelho e abriu a caixa no mesmo instante em que seus olhos encontraram os olhos do pequeno ser marrom, que estava encolhido no canto da caixa.

— Olha só para essa bolinha de pelos! Coisa mais linda desse mundo! — Paula pegou o cachorrinho e o aconchegou em seus braços. — Maria. — ela começou com a voz chorosa. — Esse é o melhor presente que eu já recebi na vida! Obrigada!

O pequeno cachorro lambeu a mão de Paula, fazendo as amigas rirem.

— Você precisa dar um nome para ele. — Maria acariciava a cabeça do cachorrinho de olhos grandes. — Papai me disse que vai ficar enorme. O que temos aqui é uma perfeita mistura de labrador com boxer e vira-lata.

— Não me interessa a raça dele. — Paula ergueu o cachorrinho para o alto e ele deu um latido baixo. — O nome dele vai ser...

— Júlio Júnior — uma voz interrompeu a fala de Paula, fazendo-a virar e fitar os olhos verdes que a observavam.

— Oi, Júlio! — Maria saltitou para perto dele, dando-lhe um abraço e em seguida um beijo no rosto.

— Também estou feliz em te ver, priminha.

Paula revirou os olhos.

— Então, esse vai ser o nome do cachorro? — Júlio concentrou sua atenção em Paula.

— O quê? Você está brincando? Júlio Júnior? — Paula gargalhou alto. — Está me dizendo que você é um cachorro e por isso devo chamar essa *coisinha fofa* aqui pelo seu nome? — disse provocativa.

— Não, minha querida. Ele deve se chamar assim pois eu sou tão fofo e bonito quanto ele. — Júlio sorriu e piscou para Paula.

— Nossa, garoto! Alguém já te disse o quanto você é ridículo? — Paula retrucou.

— Hum — Ele fez cara de quem estava pensando, mas sem conseguir evitar o sorriso. — Na verdade, ninguém nunca mencionou isso.

Paula bufou e caminhou em direção a casa, deixando os primos sozinhos.

— Júlio, pega leve com ela. Não seja tão grosseiro. — Maria deu um beliscão no braço dele.



— Fui grosseiro? — perguntou fazendo cara de desentendido.

— Não seja palhaço e trate minha amiga melhor.

— Deixa de bobeira, Maria. Ela bem que precisa sorrir mais, está sempre com aquela cara emburrada.

Maria deu um tapa no ombro dele.

— Você não tem jeito, francamente.

— Vamos ajudar essa garota da cidade grande, antes que ela coloque fogo na casa. — Júlio puxou Maria pela mão e caminharam em direção a casa.

Naquela manhã, Paula percebeu que havia muitas coisas a serem feitas no *Caminho para o Céu*. Ela precisava recolher os ovos das galinhas todas as manhãs, tirar o leite da única vaca que tinha e alimentar todos os animais. A horta precisava de manutenção e as verduras e legumes deveriam ser regados no início da manhã e ao final do dia. Os pomares precisavam de poda e limpeza e ainda havia os peixes do pequeno açude que ficava logo depois da plantação de milho.

— Maria, é muita coisa! — Paula observava boquiaberta toda a imensidão do sítio que acabara de ser apresentada por Júlio.

— Sim, verdade. Mas eu te avisei que haveria muito serviço para você, e é lógico que vai precisar contratar mais pessoas. Eu poderia te ajudar, mas...

Maria parou de falar e puxou a mão da amiga, para que parasse no meio do caminho, enquanto Júlio seguia pelo trajeto de volta para a casa.

— O que houve, Maria? — Paula perguntou preocupada.

— Bom... — Maria pegou uma mecha do cabelo loiro e enrolou nos dedos, fitando o chão.

— Por favor, fale logo, está me deixando preocupada! — Paula apertou firme a mão da amiga.

— Paula, meus pais me deixaram estudar no colégio em São Paulo, pois é um dos melhores do Brasil. Melhores professores, estrutura...

— Sim, eu sei de tudo isso. Por isso estudava lá, lembra?

— Pois é, mas eu tinha um único objetivo quando entrei naquele colégio e quando convenci meus pais a investirem todo

aquele dinheiro.

— Qual era o objetivo, Maria? — Paula soltou a mão da amiga.

— Harvard.

— Você está brincando...

— Não. Paula, espere!

Mas Paula já havia retornado pelo caminho, a passos largos.

— Por favor, me ouça! Você não pode simplesmente virar as costas para mim toda vez que eu falar algo que te contrarie. Ouça o que tenho a dizer.

Paula parou, com o peso das palavras da amiga sobre seus ombros.

— Você não pode ser egoísta.

— Maria, não estou sendo egoísta. Você me mostrou a possibilidade de vir para cá e agora está dizendo que vai embora?

— Paula limpou o canto do olho onde uma lágrima teimosa insistia em cair.

— Mas Harvard sempre foi meu sonho. Nessa semana eu recebi uma carta, dois dias antes de você chegar. Não imaginava que eles me aceitariam tão rápido.

— Que ingênua! Com suas notas e todos aqueles trabalhos que você desempenhou ao longo do ensino médio, isso não me surpreende. — Paula bufou, e escondeu o rosto entre as mãos.

— Me perdoa, amiga! — Maria a abraçou. — Não queria que fosse assim, mas é o meu sonho.

Paula cedeu e abraçou a amiga, pousando seu rosto do ombro de Maria, que inúmeras vezes a acolhera.

— O que eu vou fazer aqui sem você? — Paula fungou.

— Vai construir sua nova vida e quando quiser vai me visitar. Você não está sozinha aqui, tem meus pais, Júlio e Deus.

— Amiga, mas você... — Paula perdeu a voz. — Eu contava com você.

— Não fale assim.

— Estou sendo a pessoa mais egoísta do mundo, não é mesmo?

Paula soltou-se do abraço de Maria e a fitou nos olhos.

— Desculpa, amiga. Era para eu estar comemorando com você essa conquista e olha só para mim, chorando porque não vou ter você em tempo integral ao meu lado, me ajudando a resolver meus problemas e dramas.

Maria riu e ajeitou uma mecha do cabelo de Paula atrás da orelha dela.

— Não seja boba, eu amo você e sempre vou te ajudar. Deus sabe de todas as coisas, Paulinha.

— Ei, não me chame assim! — Paula deu uma última fungada e abraçou a amiga.

— Harvard! — E ambas pularam. — Mal posso acreditar.

— Tenho vários amigos por lá que poderão te ajudar. — Paula sorriu.

— Estava contando com isso!

As duas retomaram o caminho de volta ao casarão, enquanto Paula era inundada por uma avalanche de sentimentos. Sentia-se abandonada pela amiga, mas entendia que não era dona da vida de Maria para exigir que ela ficasse em Ouro e renunciasse a proposta da Universidade. Queria que Maria ficasse perto dela... como ela conseguiria desempenhar todos aqueles papéis que a nova vida exigia sem ter ninguém que a auxiliasse? Alguém em quem ela depositasse sua confiança e tivesse certeza que acreditava nela.

E você, leitor? O que pensa da atitude da nossa Paula?

\*\*\*

O restante do dia correu lentamente. Paula pegou a camionete de Júlio emprestada enquanto ele terminaria de arrumar alguns palanques da cerca para evitar que a vaca fugisse de novo, pois só naquela manhã a Mimosa, como Paula carinhosamente a nomeou, havia escapado três vezes.

Com uma lista em mãos ela seguiu para o centro da cidade, a fim de comprar alguns móveis, incluindo uma cama e um colchão. Depois procuraria um *Pet Shop* para comprar brinquedos e comida para o *cachorro-sem-nome*. Era um macho, que ficaria enorme. Os pais de Maria queriam que o cachorro fosse uma espécie de cão de guarda dela, mas Paula não tinha certeza se isso iria funcionar, pois

a bolinha de pelo se encolhia toda vez que via uma pessoa se aproximar.

Depois de resolver todas as pendências, e com muito êxito, pois tudo o que precisava seria entregue ainda naquela tarde, incluindo a geladeira, seguiu para o supermercado e comprou suprimentos suficientes para um exército inteiro ser alimentado. Quando carregou a última sacola na camionete, o celular tocou. Era a mãe. Paula silenciou o celular e guardou-o na bolsa novamente. O dia já havia sido intenso o suficiente.

# Memórias em papel timbrado - bilhetes

*Por favor, seja paciente comigo, pode ser que eu deixe a toalha molhada na cama. Eu tenho muitos defeitos e sei que você terá os seus. Oro para que possamos aceitar um ao outro.*

*Paula*

## Capítulo 3 - Vizinhança

A primeira semana passou tão rápido que Paula nem acreditou que já estava a sete dias morando em sua nova casa, acompanhada pelo *cachorro-sem-nome*. Júlio aparecia todos os dias e às vezes eles conseguiam conversar sem que ela sentisse vontade de esganá-lo até a morte. Ela contava até cem, para evitar que suas mãos fossem parar acidentalmente no pescoço dele.

Maria viajaria dentro de algumas semanas e as duas estavam mais grudadas do que nunca. Sempre que podia, a garota se acomodava na casa de Paula e as duas conversavam sobre tudo e nada até o sol raiar, mas nenhuma tocava no assunto da mudança de Maria.

Naquela manhã em especial, Maria saiu cedo e voltou para a casa dos pais, era domingo e ela pretendia ir à igreja, participar da escola Bíblica. Paula estava tentando organizar sua vida e retomar sua participação nos cultos, ao menos. Por enquanto, ela ainda não sabia nem como aprenderia a tirar leite da pobre vaca. As duas já haviam tido até uma conversa sobre isso, mas não importava o quanto Paula pressionasse o ubre<sup>[1]</sup> de Mimosa, não saia uma única gota.

Júlio estava atrasado, ele havia prometido que tiraria leite de Mimosa enquanto Paula não conseguisse. Mas já era quase meio dia e a vaca estava mugindo loucamente.

— Ok, bonitinha, parece que somos só nós duas hoje e vou tentar ajudar você, mas preciso que me ajude também. — Paula conduziu a vaca para a estrebaria e a prendeu como Júlio tinha ensinado.

— Certo, agora vou pegar o banquinho e sentar aqui e puxar os seus seios, e você vai deixar o leite fluir para o meu balde, lindamente! Combinado? — Paula acariciou a barriga da vaca que em resposta bateu o rabo na cara dela.

— Mimosa, que indelicadeza a minha, esqueci de prender seu rabo, com licença. — Paula prendeu o rabo do animal,

exatamente como vira que Júlio havia feito. No instante que terminou de prender a vaca urinou em sua bota.

— Ai, isso não parece estar dando muito certo... mas vamos lá! — Estalou os dedos e sentou no pequeno banco de madeira. Um tanto quanto desajeitada começou a puxar as tetas da vaca, sem conseguir resultado nenhum. Tentou, tentou e tentou. Quando estava prestes a chorar, ouviu alguém rindo logo atrás dela.

Levantou-se apressada, para xingar Júlio pelo atraso, afinal, ele prometera que estaria lá para ajudá-la.

— Você está atras... — Não conseguiu concluir a frase pois não era Júlio quem ria dela.

— Desculpe, não pude evitar. Seu jeito com a pobre vaca me fez rir. — O homem caminhou em sua direção com a mão estendida. Calçava botas brancas de cano alto, jeans surrado e uma camisa branca com os três primeiros botões abertos, usava um chapéu de palha e tinha a barba por fazer, além do sorriso escancarado, os olhos azuis brilhavam na direção dela.

Paula fitou a mão do jovem estendida em sua direção e pensou por um segundo se deveria cumprimentá-lo.

— Meu nome é Felipe. — Ele balançou a mão, e apontou com o rosto para que ela cedesse ao cumprimento.

Paula rolou os olhos e apertou a mão dele.

— Me chamo Paula — disse sem sorrir.

— Eu sei, a paulista que está desbravando nossas terras em busca de uma nova vida.

— Quem te disse isso? — Paula perguntou curiosa.

— Hum... não lembro se foi o leiteiro, o vizinho de cima ou um primo meu. Na verdade, acho que foram todos. Cidade pequena, sabe como é, não se tem muitas novidades. Sei também que você é amiga de Maria.

— Ótimo, espertinho, sabe muito a meu respeito e eu não sei nada sobre você e nem por qual motivo está na minha estrebaria. — Paula cruzou os braços na frente do peito e encarou o sujeito com seu melhor olhar aterrador.

— Desculpe. — Ele tornou a rir. — Pensei que você estivesse precisando de ajuda. Sou seu vizinho, moro depois da encosta. Estava passando quando ouvi você resmungar com a pobre vaca.

Sabe, essa parte aqui do lado que tem essa plantação de milho é da minha família. — Completou apressadamente.

— Isso está soando a espionagem. Era isso que você estava fazendo, não era? — Paula falou sem emoção, encarando o rosto de Felipe.

— Bem... — Ele ficou sem palavras, tirou o chapéu e coçou a cabeça. — Eu não colocaria as coisas desse jeito.

— Pois bem, bonitinho! Você disse que parecia que eu estava precisando de ajuda, você acertou! — Descruzou os braços e acariciou a vaca. — Não consigo fazer com que ela solte o leite, sabe? — Paula fez alguns gestos com as mãos, fazendo Felipe rir descontroladamente.

— Você é engraçada, e por isso vou te ajudar. Além de ter um sotaque interessante — a última frase ele disse baixinho.

— O que você disse por último? — Paula perguntou.

— Nada. Veja — ele sentou no banquinho de madeira e começou a puxar gentilmente as tetas da vaca —, não é a força, é o jeito certo. Pegue aquele outro banco e sente aqui do meu lado, vou te mostrar.

Paula obedeceu e seguiu os comandos do recém-conhecido. Depois da terceira tentativa ela finalmente conseguiu com que o leite jorrasse para o pequeno balde de alumínio.

— Uau! Veja isso, estou conseguindo! — Pausou o trabalho para bater palmas, animada.

— Sim, parabéns! — Felipe sorriu para ela.

— Isso foi muito simpático da sua parte, vizinho! — Paula sorriu de volta.

— Sabe, não consigo evitar. Quando vejo uma dama em perigo eu preciso ajudar. — Ele ergueu o queixo, fazendo uma pose.

— Acontece que eu não estava em perigo — Paula debochou.

— Me referia a Mimosa, na verdade — Felipe retrucou.

Paula ficou chocada.

— Nossa, que vizinho mais simpático eu fui arranjar.

— Bom, agora que minha missão está cumprida, preciso voltar aos meus serviços — disse isso e ficou de pé, ajeitando o chapéu na cabeça.



— Voltar a me espionar? — Paula perguntou.  
Ele apenas riu.  
— Nos vemos por aí, paulista.

\*\*\*

Quando Paula finalmente concluiu sua tarefa com Mimosa, Júlio chegou.

— Vejam só o que temos aqui, um senhor muito atrasado! — Paula passou por ele com o balde cheio de leite.

— Paula...

A garota sentiu um arrepio na espinha assim que o homem pronunciou seu nome. Sem perceber, deixou o balde cair, espalhando pelo chão todo o leite que com muito esforço havia tirado.

\*\*\*

Paula estava sentada no grande sofá da sala de estar da casa de Maria. As mãos não paravam de tremer em seu colo. Júlio andava de um lado para o outro, nervoso. Quando o barulho de um carro finalmente os tirou daquele estado de transe, ambos se olharam. Os olhos vazios, típico de quem acabara de receber uma notícia triste.

— Ela precisa do nosso apoio. Lembre-se disso. — Júlio foi até Paula e segurou suas mãos por alguns instantes, antes de se encaminhar para a porta.

Júlio, que era feito de sorrisos, estava sério. Paula sentiu um ímpeto de correr até ele e abraçá-lo. Não apenas para consolá-lo, mas muito mais para ser consolada. Ele fora portador de uma notícia terrível. A mãe de Maria havia sofrido um acidente com o trator no pomar. Infelizmente ela não havia resistido.

Paula sentiu a dor da amiga em seu íntimo. Sabia o quanto aquela família era unida. A garota também estava se sentindo péssima, afinal, desde que chegara naquela cidade as coisas pareciam piores a cada dia. Ela tinha obtido pequenas vitórias, mas na maior parte do tempo todas as coisas fugiam de suas mãos e ela não sabia mais se a decisão de se mudar tinha sido a melhor.

Lembrou dos pais, com os olhares convencidos, rindo do fracasso dela.

— Paula! — Maria foi até ela, tirando-a dos próprios pensamentos e a abraçando. As duas ficaram assim por um tempo indeterminado, sendo observadas por Júlio e pelo pai de Maria.

Não havia nada a ser dito. Paula tinha acabado de conhecer a mãe da amiga, mas a amara de cara. A mulher, Diana, era uma guerreira, uma matriarca maravilhosa, que lutava pela família e só pensava no bem-estar dos seus. Paula sabia que tinha encontrado uma segunda mãe no momento em que recebera o abraço de Diana. Mas, antes que pudesse se permitir receber aquele carinho e amor, perdera a chance de crescer e aprender com aquela mulher.

— Amiga — Maria, com a voz rouca, tentou falar alguma coisa.

— Hei! Calma, estou aqui com você. Não precisa dizer nada, calma... — ao dizer isso, Paula acendeu o botão de choro descontrolado de Maria. Achou melhor acompanhar a amiga até o quarto e convencê-la a descansar.

Paula fez o que estava ao seu alcance para ajudar a amiga. Cozinhou e até ajudou Júlio a continuar os trabalhos do sítio da família de Maria. Enquanto Antônio, o viúvo, e seus outros dois filhos organizavam toda a burocracia de um velório e enterro. Aqueles foram dias sombrios. Paula queria voltar no tempo, no dia em que chegara. Ela fora tão boba em não aproveitar a companhia daquela família na primeira noite naquela cidade. Estava tão preocupada com o futuro que esqueceu do mais importante: o agora.

Paula e seu *cachorro-sem-nome* passaram a dormir com Maria todas as noites. Ambas oravam juntas, mas na maior parte do tempo não conseguiam dizer nada, além de chorar.

— Amiga, estou me sentindo tão mal — Maria confessou em uma dessas noites.

Paula passou a mão pelos cabelos lisos da garota e deixou que ela falasse, sem a pressionar.

— Eu tenho orado, mas no meu interior eu questiono e às vezes até culpo a Deus pelo que aconteceu. — Deixou um choro sôfrego sair e depois de alguns segundos continuou. — Ela ainda

tinha tanto para viver, para fazer... Eu queria dar a ela tantas coisas, ser uma filha melhor. Mas isso, no meio do caminho, acabou com todos os meus planos.

O silêncio invadiu o quarto. Paula queria dizer para a amiga que tudo tinha um propósito e que ela deveria se acalmar e deixar a dor passar. Era normal que ela se sentisse daquele jeito naquele momento.

— Paula, eu sei o que você está pensando. Sei o que você quer me falar. — Maria deitou de lado e olhou no fundo dos olhos da outra garota.

— Se você sabe eu não preciso dizer, não é?

Maria sorriu.

— A gente se conhece bem. Obrigada por estar do meu lado nesse momento e por estar ouvindo. Não sei se poderia resistir a isso tudo sem você aqui. Obrigada por estar ajudando meu primo, meus irmãos e meu pai. Você nem imagina o quanto isso significa para mim. — Fez uma pausa e deitou fitando o teto do quarto. — Amanhã vou voltar a minha rotina e terminar de arrumar as malas para a viagem aos Estados Unidos.

Apesar de pensar por um breve momento que Maria desistiria da jornada aos estudos em outro país, Paula sabia que aquela decisão era a melhor. Além de ter certeza de que a dona Diana aprovaria completamente a decisão de Maria. Paula procurou pela mão da amiga, a apertou e levou até a boca, dando um beijo. Ela não precisava dizer nada, ambas sabiam que aquela amizade havia sido selada por Deus e que aquele momento também tinha saído do coração d'Ele. O silêncio só foi quebrado por uma bola de pelo saltitante que subiu na cama e foi até o rosto de Maria e secou as lágrimas com lambidas intercaladas com tentativas de latidos.

— Você precisa dar um nome a ele — disse rindo, enquanto o cachorrinho seguia sua tarefa.

— Aceito sugestões. — Paula ficou de pé e foi até a janela, fitando o céu no exato instante em que uma estrela cadente cortava a escuridão pontilhada.

— Você viu isso?! — perguntou incrédula para a amiga.

— O quê?

— Uma estrela cadente! Jamais vi isso em São Paulo. Tem muitas luzes e o céu é sempre tão poluído. Uau! Estou em choque, veja, estou tremendo! — Paula foi para perto de Maria e mostrou as mãos.

— Você é uma boba! — Maria riu da amiga.

— Já sei! Já sei! — Saiu saltitando pelo quarto! — É um sinal!

— Sinal de quê, sua doida? — Maria também ficou de pé, tentando acompanhar a empolgação de Paula.

— Vou chamar essa bolinha de pelo — pegou o cachorrinho e ergueu acima de sua cabeça, como Rafiki faz no filme “O Rei Leão” — de Cometa! Faz todo o sentido! Olha Cometa — falou colocando o pequeno cachorro na janela —, está vendo toda aquela fazenda antes da encosta? É lá que você vai roer todos os ossos que quiser, correr e brincar. — O cachorro apenas grunhiu baixinho e ela o pegou, soltando-o no chão, para que fosse brincar nos pés de Maria — Afinal, eu moro no *Caminho para o céu*! Ah! É lindo!

Maria riu da empolgação exagerada de Paula, mas se sentiu grata por aquela amizade e por vivenciar aquele momento. Permitiu que uma pontinha de esperança renascesse no coração e afagou a bola de pelo recém-batizada.

Amigos são uma brasa viva que aquece nosso coração. E se você me permite a liberdade, caro leitor, não deixe que seus amigos se esqueçam da importância que possuem em sua vida.

# Memórias em papel timbrado - cartas

*Querido amor da minha vida (risos),*

*mais um dia triste nas terras geladas de Ouro. Eu que pensava, não, quase jurava que levaria uma vida calma e tranquila nessa cidade, ultimamente tenho passado por fortes emoções. Além de tudo que já contei anteriormente, minha melhor amiga (e uma das madrinhas do nosso casamento), acabou de embarcar, com destino aos Estados Unidos. Deixei-a na rodoviária. Tenho quase certeza de que uma parte do meu coração embarcou naquele ônibus.*

*Hoje orei por todas essas situações e, claro, lembrei de você. Por isso estou escrevendo esta carta. Espero que sua vida esteja melhor que a minha, pois aqui está uma bagunça. Com a morte da dona Diana, abandonei por completo os cuidados no Caminho para o céu. Júlio tem me ajudado. Sabe, espero que você se torne amigo dele, quando o conhecer. No começo ele vai parecer meio arrogante, mas depois você vai perceber que ele tem um ótimo coração. Não poderia ser diferente, afinal, todos na família de Maria são assim.*

*Ah! Você precisa saber que finalmente arranjei um nome para o cachorro: Cometa. Espero que você se dê bem com ele também.*

*Agora preciso voltar aos meus afazeres. Administrar uma pequena fazenda não é tão simples.*

*Saiba que já amo você.*

*Paula.*

## Capítulo 4 - Lama, muita lama

Eram seis horas da manhã quando a última vogal da carta foi escrita. Paula saiu do escritório acompanhada por Cometa. O cachorro estava mais esperto e maior a cada dia e já sabia para onde sua dona estava indo: era hora do café da manhã. A água no bule e o aroma do café que logo se espalharia pela casa, os ovos colhidos no dia anterior e o pão caseiro, presente de “boas-vindas” da mãe de Felipe. Paula respirou fundo e fez uma oração agradecendo a Deus, enquanto preparava a mesa para duas pessoas, se dando conta somente ao se sentar, de que Maria não viria naquela manhã.

Entristeceu-se. E quando, já em pé, se preparava para tirar a segunda xícara e prato da mesa, ouviu batidas na porta da frente. Cometa correu em disparada, com o rabo abanando. Paula nem precisou fazer esforço para saber quem era. Apenas gritou:

— Entre, Júlio! A porta está aberta.

Logo ouviu a porta abrindo e o rapaz conversando com o cachorro. As tábuas da velha casa estremeceram um pouco, assim que aquele homem enorme foi se aproximando da cozinha. Ele parou no batente, preenchendo todo o espaço.

— Você deveria me ouvir quando digo para trancar a porta.

— Júlio passou a mão pelo cabelo, o semblante de quem estava cansado.

— Lá vem você com esse papo de que é perigoso. Meu amigo, eu venho das terras longínquas de São Paulo e sei o que é perigo — desdenhou, enquanto colocava a xícara de volta na mesa.

— Venha, sente-se. Tome café comigo e seja minha Maria hoje.

Júlio estreitou os olhos e sentou em uma cadeira, bem próximo a ela.

— Ai, qual seu problema? Precisa sentar tão perto? — Levantou e sentou do outro lado da mesa. Cometa bufou um pouco e deitou aos pés de Júlio.

— Você está vendo, né, amigão? Ela nem consegue disfarçar, não consegue ficar perto de mim. — Piscou para Paula,

enquanto levava à boca uma generosa fatia de pão.

— Realmente, é bem difícil ficar perto de você com todo esse convencimento. Aliás, porque está aqui tão cedo?

— Vim avisar... Nossa, que pão gostoso! Enfim, vim avisar que hoje dois casais virão para a entrevista de emprego. Lembra que você pediu para anunciar no programa de rádio?

Paula lembrava, só não imaginava que seria tão rápido.

— Isso foi ontem à tarde — falou incrédula.

— Sim, mas o locutor conhecia um casal e a secretária outro. Passaram meu contato e eu já agendei. Sou ótimo, não sou?

— Eu jamais admitirei que estou grata pela sua ajuda — revirou os olhos, enquanto Júlio ria.

Paula adorava o som da risada dele. Claro que ela nunca contaria isso a ele, pois convencido do jeito que era, possivelmente usaria isso contra ela pelo resto dos seus dias.

— Agora me diga, onde você comprou esse pão? Porque, com certeza, não foi você quem fez.

— Nem tentaria fazer pão. Aliás, acho que nem teria tempo para isso, com todas as coisas que tenho para fazer nesse lugar. Foi a mãe do Felipe, acho que o nome dela é Luiza. Eles passaram aqui ontem à noite para me dar as boas-vindas e desejar sucesso na “empreitada”.

Eles haviam pego ela completamente de surpresa. Já estava com o pijama de oncinha e com os cabelos molhados quando mãe e filho apareceram no portão. Quando avistou Felipe em uma calça *jeans* e camisa branca, quase esqueceu de respirar. Era uma visão muito bonita.

— Hei, garota, lembra! — Júlio balançava as mãos na frente do rosto dela.

— Oh, desculpa... O que você estava falando?

— Nada não, apenas que fico feliz que esteja se dando bem com seus novos vizinhos. — Ela não acreditou muito na sinceridade dele, mas decidiu não questionar.

— Sabe, estava pensando aqui: por que Felipe e a família dele não estavam no velório e enterro da dona Diana? — Paula se deu conta de que não os tinha visto e seria praticamente impossível

não avistar Felipe. Ele ocupava bastante espaço com aqueles ombros largos.

— Acho que pelo fato da família de Felipe ter enganado meus tios há alguns anos. — Júlio deu de ombros. — Talvez eles não consideraram deixar de lado essas questões e se compadecer do luto de velhos amigos.

— Nossa, como assim enganou? — Paula indagou, sem entender a que o moço se referia.

— Carlos, o pai de Felipe, invadiu em pelo menos vinte metros a propriedade do meu tio, que até tentou recorrer e foi em busca de seus direitos, mas obtive em resposta uma ameaça do juiz, que é casado com a irmã de Felipe, e uma visita debochada de Carlos.

— Uau, as coisas por aqui são intensas. Mas e o registro da propriedade?

— Você ouviu “juiz casado com a filha”. — Júlio se levantou, ajeitando os cabelos para trás. — Eu nunca te contei isso, ok? Agora vamos! Preciso te passar uma informação muito importante.

Paula ficou de pé em um instante e seguiu Júlio pelo corredor até chegar na varanda frontal.

— Diz logo, que informação é essa? — Paula calçou as botas, enquanto Júlio descia as escadas e a olhava de soslaio.

— Quando você comprou a fazenda, muitas coisas já estavam incluídas. A vaca, que você insiste em chamar de Mimosa, as galinhas, as ovelhas...

— Tenho ovelhas? Onde estão?

— Não me interrompa! E como assim você não sabia das ovelhas, você não leu o contrato? — Júlio deu um peteleco na cabeça de Paula.

— Ai! Não faz isso, seu... seu... — Paula deu um tapa no ombro do rapaz, enquanto tentava pensar em um nome ofensivo o bastante para o brutamontes que estava em sua frente.

— Seu... oh, claro, eu posso ser seu, se você me pagar bem. — Júlio piscou para ela, que, incrédula, deu meia volta, decidida a deixá-lo falando sozinho.

— Espera aí, eu preciso entregar as chaves.



— Chaves? Que chaves? — Paula parou e girou o corpo, cedendo à curiosidade.

— Você estragou completamente o meu discurso, era para ser um momento especial. — Ele fingiu estar decepcionado. — Venha, vou te mostrar a que pertencem essas chaves. — Ela se aproximou e ele a prendeu em seus pesados braços.

— Não entendo essa sua obsessão de encostar em mim — reclamou, tentando se desvencilhar.

— Não reclame tanto. — Ele sorriu enquanto bagunçava o cabelo cacheado de Paula. — Eu acredito que sou assim porque toda a minha família sempre foi muito dada a demonstração de afeto para aqueles que amam.

Paula ignorou o último comentário e seguiu o caminho até o galpão dos fundos do casarão.

— Agora, pare aqui enquanto eu abro as portas da esperança.

Júlio escancarou as enormes portas em poucos segundos, revelando no interior uma caminhonete vermelha da Chevrolet. Paula apenas ficou olhando-o, sem compreender exatamente o que ele queria com aquilo e como ela ainda não tinha desbravado aquele galpão.

— Tadã! — Ele esticou os braços para o veículo, repetindo o som alguns segundos depois.

— Não estou entendendo — Paula deu de ombros e balançou a cabeça em negativa.

— Olha, senhorita, você às vezes é muito devagar! — Júlio foi até ela e deu um segundo peteleco, apenas naquela manhã.

— Você... ah! — Paula começou a bater no peito dele, com um vislumbre de que ele realmente era musculoso. Quando ela estava prestes a cansar, ele pegou os dois pulsos da garota e a segurou, olhando-a nos olhos por um tempo que ela considerou uma eternidade. Até que uma galinha, que provavelmente havia acabado de colocar um ovo, passou em disparada no meio dos dois.

— Bem — Júlio limpou a garganta. — Essa é a sua, ãh, caminhonete. Essas são as chaves e toda a documentação está no porta-luvas. Você precisa fazer a transferência.

Paula precisou de um momento para se localizar e entender o que estava acontecendo.

— Como assim? Quero dizer, não me lembro de ter um veículo incluso no contrato, se bem que nem lembro das ovelhas. — Júlio riu.

— Esse é um presente de boas-vindas da minha família.

— Como assim? Mas... porq... — Paula estava sem entender.

— É a forma que encontramos de retribuir sua ajuda. Fazia muito tempo que tentávamos vender, mas estava muito difícil. Com o valor que você pagou conseguimos cobrir as dívidas e comprar uma propriedade, bem menor que essa, claro, mas ainda assim, continuemos trabalhando com aquilo que sabemos. Não seria justo aceitarmos tudo, sabendo do que você abriu mão para estar aqui. — Júlio limpou a garganta e continuou: — Meus pais queriam ter vindo também, mas eles precisaram viajar para o casamento de um tio e eu não quis esperar mais, pois logo suas aulas começam e você vai precisar do carro.

Antes que o rapaz esperasse, Paula pulou nos braços dele e comovida agradeceu milhões de vezes. Ela estava cada vez mais encantada com a bondade e receptividade daquelas pessoas. Estavam todos a acolhendo com tanto carinho e cuidado, que ela nem saberia como agradecer. Naquele momento sentiu arrependimento por ter duvidado da escolha que havia feito.

\*\*\*

Depois de dar algumas voltas com a nova caminhonete, que não era tão nova assim, mas que era sua e isso que importava, Paula ficou no antigo balanço da figueira conversando com a amiga Maria, que ainda estava no trajeto para a América do Norte. Assim que desligou a vídeo chamada, um Fiat Uno vermelho estacionou em frente à casa. O primeiro casal para a entrevista.

Era óbvio que ela não daria conta de todos os serviços na fazenda. Apesar de toda a ajuda de Júlio, muitas coisas ali estavam fora do alcance para ela, a exemplo o dia em que a cerca arrebitou e a vaca fugiu. Como, em sã consciência, ela arrumaria uma cerca de arame farpado?

Tão logo terminou de conversar com o primeiro casal e de ter mostrado a pequena casa do caseiro, o segundo casal candidato apareceu. Paula conversou um longo tempo com esses, até sobre Deus falaram. Ela os reconheceu da igrejinha da comunidade.

— Nós também a vimos na igreja e até conversamos sobre você — a mulher, que se chamava Pietra, falou.

— Espero que tenham sido coisas boas.

— Claro que sim, dona Paula! Falamos sobre a sua coragem de se mudar para cá e de ficar sozinha nessa propriedade enorme. Nosso filho, que está servindo o exército, tem essa mesma coragem. Nós temos muito orgulho dele.

Paula pensou que adoraria que os pais também se sentissem orgulhosos dela. Ali, naquele instante, ela já havia feito a sua escolha. Contratou Pietra e o marido, João. Eles fariam a mudança na manhã seguinte.

— Se não fosse pela chuva, nos mudaríamos ainda hoje.

— Mas que chuva, dona Pietra? Tem algumas poucas nuvens, mas até agora não caiu uma gota do céu — Paula olhou para o alto, duvidando da sanidade da mulher ao lado.

— Oh, menina! Você tem muito a aprender... vai por mim, vai chover e muito!

Quando o casal tinha acabado de sair, Paula se deu conta de que precisava comprar ração para Cometa e um medicamento para a pobre vaca, que estava sofrendo de mastite por causa dos horários malucos em que ela estava tirando o leite da bichinha.

Chamou Cometa, subiu na camionete e acelerou em direção à cidade. Antes que atravessasse o portão de Caminho para o céu, as primeiras gotas começaram a cair. Quando chegou ao mercado, as ruas pareciam um rio, de tanta chuva que já havia caído.

— E não é que dona Pietra estava certa?! — Pensou em voz alta, assustando uma mulher na fila do mercadinho.

Quando voltava para casa, com Cometa encolhido no banco ao lado, deixou-se distrair por um segundo, o tempo suficiente para não notar um buraco no caminho e sentir a direção do veículo ganhar vida própria. Acelerou, lembrando das aulas de direção, mas não adiantou, o volante estava completamente tomado. Paula tirou os pés do acelerador e deixou a caminhonete parar por conta

própria, toda atravessada na estrada. Quando o veículo finalmente parou, tentou acelerar, mas não saiu do lugar.

— Ótimo, estou atolada na lama — resmungou.

Quando pensou em pegar o telefone nas mãos, um trator parou bem em sua frente. A chuva ainda caía torrencialmente quando Felipe saiu da cabine e veio até ela.

— O que aconteceu, vizinha? — perguntou sorridente, com o rosto molhado e a camisa colando no corpo. Paula fez um esforço para se concentrar.

— Ah... não sei, eu acho que caí em um buraco e perdi a direção, agora estou atolada. — disse se sentindo ridícula.

— Vou tentar puxar a caminhonete. Você consegue dar partida?

Paula tentou algumas vezes, mas o veículo decidiu que não funcionaria naquele momento.

— Parece que não.

— Tudo bem. Tenho um cabo aqui e vou prender no para-choque e vou te levar até em casa. Ok?

Paula concordou com a cabeça, fechando o vidro assim que Felipe foi para frente. O rapaz prendeu o cabo e fez sinal para que ela apenas conduzisse o veículo durante o trajeto.

— Graças a Deus estamos perto, *né*, Cometa? E que temos um vizinho prestativo. — O cachorro latiu, bem acordado depois de toda a movimentação pós-derrapagem.

Felipe a conduziu com calma e logo chegaram ao Caminho para o céu, onde um Júlio recostado na varanda observava a situação toda.

Assim que Paula desceu da caminhonete com Cometa no colo, Felipe também desembarcou e correram para a varanda, fugindo da chuva.

— Você sempre salvando damas em perigo! — Paula sorriu de um jeito meio bobo para o rapaz. Júlio continuava apenas observando, como se não estivesse no mesmo ambiente que eles.

— É claro que você se refere à caminhonete, não é?

— Claro, claro... — Paula riu alto. Coisa que até então Júlio ainda não tinha presenciado. Ela estava se comportando de maneira estranha.

— Ah! Oi, Júlio! — ela cumprimentou o rapaz e voltou sua atenção para Felipe, sem dar chances para o outro responder. — Por que você não fica e toma um café com a gente, para que eu possa retribuir sua ajuda.

— Claro, vai ser um prazer. — Assim que terminou de dizer isso, voltou-se para o trator e fez sinal para que alguém viesse até ele. Só então Paula notou a garota dos longos e lisos cabelos loiros. — Espero que não se importe — sorrindo —, mas não posso deixar minha namorada na cabine do trator.

## Memórias em papel timbrado - bilhetes

*Às vezes sou mandona e conto piadas duvidosas, mas seria muito gentil se você me obedecesse eventualmente e sorrisse de algumas piadas.*

*Paula*

## Capítulo 5 - Uma conversa aberta

— Não posso acreditar que fiz isso! — Paula escondeu o rosto entre os braços enquanto Maria a observava pela pequena tela do celular.

— Para, imediatamente, com esse drama todo! Estou longe de você a um dia e olha só o estado em que você se encontra. — Maria balançou a cabeça, enquanto terminava de lixar uma unha.

— Por que você não me disse que Felipe tinha namorada? — A pergunta soou abafada pois a garota ainda estava com o rosto incandescente escondido entre as mãos.

— Você não perguntou. E mais cedo ou mais tarde você acabaria descobrindo. Nem estou entendendo todo esse show, se considerarmos que você nem sente nada por Felipe. — Maria parou um pouco e deixou o olhar se perder em algum ponto do novo quarto americano. — Bem, você está passando pelo que passei quando tinha doze anos.

Com isso, Paula levantou o rosto e fitou a tela do celular, espantada.

— Você também gostou de um cara comprometido!?

— Paula, você não *gosta* de Felipe, você apenas está impressionada com a gentileza e, claro, com a beleza dele. Foi por isso tudo que me apaixonei quando eu tinha doze anos — declarou dando de ombros.

— Céus! Você era apaixonada por ele! — Paula levou a mão a cabeça, tentando sentir se estava com febre. — Acho que não estou muito bem.

— Você deveria ser atriz de dorama<sup>[2]</sup>. Olha todo esse potencial sendo desperdiçado. — Maria riu.

— Ai, estou com saudades de maratona doramas. — Suspirou. — Foco, preciso de foco! Não chegamos a nenhuma conclusão desde que iniciamos essa conversa. Quer dizer que você também já caiu nos encantos do bom moço, fale mais sobre isso.

— Não há nada a se falar. Estudei com ele minha vida toda, éramos do mesmo grupinho e, bem, foi natural. Todas as garotas da

escola eram *ligadas* nele. — Balançou a cabeça em negativa. — Menos a Paola, estava me esquecendo dela. Aquela sempre teve uma queda, não, uma cachoeira inteira por Júlio.

Paula forçou um riso, comentando:

— Júlio deve ter subornado a moça para ela inventar essa história. — Paula riu da própria piada.

Maria apenas a fitou, com aquele olhar que Paula conhecia bem. A amiga só o utilizava quando tinha certeza de alguma coisa, era o olhar de sabichona, de quem sabe mais que todo mundo.

— Odeio quando você faz esse olhar. — Paula bufou.

— Eu sei. Mas vamos lá, onde estávamos? Ah, sim, eu gostava dele. Aí o pai dele deu um golpe na minha família. Apesar de conhecer Felipe e saber que ele é uma excelente pessoa, e meus pais nunca terem me proibido de falar com ele e sua família, me senti uma Julieta, enquanto ele era meu Romeo. Na minha inocência ele sentia algo por mim também. Qual foi minha surpresa quando ele apareceu com Monique algumas semanas depois! Eles continuam até hoje! Me admiro que ainda não tenham casado, mas se não me engano, ouvi minha tia mencionar que a data estava marcada para o final desse ano. É possível que você receba um convite.

— Ah! Ainda isso... Olha, como você me faz falta por aqui. Se você estivesse do meu ladinho não teria passado essa vergonha. — Paula escondeu o rosto entre as mãos mais uma vez.

— Paula! — Maria gritou.

Paula levantou o rosto com os olhos arregalados e choramingou:

— Você vai ser expulsa do seu quarto em tempo recorde desse jeito, precisa gritar comigo?

— Vê se toma juízo e para com esse drama todo. Você precisa confiar em Deus. Deixa de carência e se concentra no que realmente importa. Até pouco tempo você nem pensava em casar, namorar ou conhecer alguém. Só porque está tentando mudar de ideia, não significa que um homem decente, que te ama e quer o seu bem, vai cair do céu!

Um silêncio atravessou os oceanos e continentes. As duas ficaram se olhando durante um bom tempo. Era possível ouvir os



grilos e cigarras que cercavam o casarão de Caminho para o céu, enquanto isso, na rua agitada do estado de Massachusetts, carros aceleravam, buzinas e sirenes soavam.

— Você sempre tem razão. Queria ter essa plenitude e confiança que você tem — Paula disse por fim.

— Paula, não faça isso. Não se compare a mim nem a ninguém. Você é única. Não se esqueça de que algumas semanas atrás estávamos no meu quarto e eu fiz vários questionamentos sobre alguns acontecimentos em minha vida. — Esperou um momento, antes de continuar. — Sabe, tudo são fases. Deus sabe de todas as coisas. Isso que você passou, por mais embaraçoso que possa parecer agora, não é nada. Talvez daqui alguns anos você nem se recorde desse dia.

As duas trocaram alguns olhares cúmplices e Paula desejou dar um abraço naquela amiga que era praticamente uma irmã e a conhecia tão bem. Ela poderia contar qualquer coisa para aquela garota de olhos inteligentes, sabendo que receberia empatia, amor e um bom conselho. Ou simplesmente ouvidos prestativos e lábios que não julgam.

— Obrigada, minha irmã. Você tem sido um anjo na minha vida. — Paula precisou conter as lágrimas. Em parte de gratidão e em parte porque sabia que tinha feito um grande papel de boba, mais uma vez.

— Você sabe que sempre pode contar comigo. Não se diminua ou se ache estúpida, você está apenas se preocupando demais. Tem coisas que fogem do nosso controle, e acredite, essa é uma delas. Deixa Deus cuidar e se surpreenda. Tá bom?

Antes que Paula pudesse responder, alguém bateu na porta do quarto de Maria, anunciando que a estavam esperando para um pequeno tour pela universidade.

— Vejo que você tem compromisso. Aproveita e viva esse seu sonho da forma mais intensa que você puder. — Paula sorriu ao ver os olhos brilhantes da amiga, que nem mesmo o péssimo sinal da internet era capaz de apagar.

— Eu vou, minha amiga. *Believe me*. Vamos nos organizar e separar horários para conversamos. Ainda preciso me acostumar com a diferença de horários, mas sei que vamos nos ajustar.

— Claro que sim! Agora vai lá, aproveita muito e tira algumas fotos da biblioteca, dos prédios e salas de aula. Acho que vou assistir a um episódio de *Gilmore Girls*<sup>[3]</sup> hoje, aquele em que elas vão visitar a universidade, sabe?

Maria riu e afirmou com a cabeça.

— Bom, vou lá!

A garota se levantou, mas antes de desligar disse algo que Paula não entendeu:

— Não procura muito não, minha amiga. Às vezes o que queremos e precisamos, está mais perto do que podemos imaginar.

— E desligou.

\*\*\*

O dia seguinte amanheceu chovendo. Parecia que finalmente a temporada de chuvas se iniciara. Paula aproveitou o momento para desempacotar algumas caixas que seus pais haviam enviado, justificando a necessidade de usar o antigo quarto dela como uma oficina “para um novo projeto do seu pai”. Mas ela sabia que aquele era um recado, algo como “volte logo ou você não terá mais espaço em nossas vidas”. As artimanhas da mãe sempre funcionavam com outras pessoas, aliás, muitas vezes funcionaram com ela também.

Enquanto abria as caixas, Cometa saltitava feliz no meio dos papéis e pedaços de isopor. Paula sentiu um contentamento enorme por aquele momento e tirou várias fotos engraçadas do pequeno ser e dela mesma. Depois da sessão de fotografias, decidiu focar nas caixas, antes que a manhã se estendesse e ela não fizesse nada com aquela enorme bagunça.

Algumas caixas continham livros. Todos os seus romances estavam ali. Respirou fundo e sorriu com certa saudade das tardes em que passava esparramada no tapete da biblioteca do pai ou no sofá da sala, lendo histórias lindas. Pegou o livro que estava no topo da pilha e relembrou do enredo. Era uma antologia<sup>[4]</sup>, escrita por suas autoras nacionais preferidas, que contava a saga de uma senhorinha que reuniu a família toda para uma grande festa, a fim de fazer um anúncio importante, pegando a todos de surpresa. Aquele livro com certeza teria um espaço especial na sua estante.

Para sua sorte, um dos quartos do piso superior era totalmente recoberto por prateleiras. Júlio contou que aquele era um tipo de armário onde eram depositadas as mais variadas coisas. Paula já havia limpado e até colocado lindas cortinas brancas de linho nas duas janelas. O quarto era enorme! Muitas prateleiras ficariam sem nada, mas com o tempo ela poderia transformar numa biblioteca incrível, com uma poltrona no centro e quem sabe uma mesa enorme, poderia até ser seu escritório! Sorridente passou a colocar os livros na estante e em uma lista foi escrevendo os próximos romances que queria adquirir.

Ao terminar de esvaziar as caixas com livros, tirou algumas fotos da estante e postou no *Instagram*, comemorando a arrumação. Logo uma chuva de comentários e *likes* inundou as notificações do seu *smartphone*. Paula deitou no chão da nova biblioteca e recordou o tempo em que escrevia longos textos para seu perfil “Mil Universos Particulares”. Sentiu saudades daquela época e prometeu a si mesma retomar o hábito da escrita e repaginar o perfil do *Instagram*.

Ainda haveria muitas novidades nas próximas semanas. Em breve começaria o curso de graduação em agronomia. Será que gostaria? Será que era aquilo mesmo que esperava para seu futuro? Bom, somente o tempo responderia e era preciso tentar. Se a chuva acalmasse, ainda naquele dia os novos caseiros se mudariam para a casa dos fundos. Ela estava ansiosa por aquele momento, para finalmente colocar várias coisas para funcionar no Caminho para o céu. Tinha tantas ideias e não via a hora de ver seus sonhos saindo do papel.

Ali, deitada no chão de sua nova biblioteca, acompanhada por Cometa, Paula adormeceu e viajou para o mundo dos sonhos. Lá, ela entregava uma enorme caixa cheia de cartas para um homem vestindo uma calça *jeans* e botas de couro pretas. O homem sorria e dava um beijo em sua testa, mas ela não conseguia ver o rosto por completo, apesar de ter certeza de que aquele sorriso não lhe era estranho. O sonho continuou e, de repente, ela estava na sala do casarão, com muitas pessoas de mãos dadas cantando um corinho que ela já ouvira na igreja, enquanto uma linda

garota tocava violão. Era lindo e se não fosse a fome que a acordou, ela adoraria ter continuado naquele sonho tão doce.

## Memórias em papel timbrado - cartas

*Querido, eu achei que tivesse te encontrado.*

*Passei as últimas noites em claro, depois de conversar com Maria e ficar remoendo a situação do outro dia: Felipe e a namorada tomando café comigo e com Júlio. Pensei que você, futuro marido, fosse Felipe porque ele é um verdadeiro gentleman, bonito, atencioso e prestativo (não fique com ciúmes, quando você ler isso, só terei olhos para você).*

*Depois de pensar, cheguei à conclusão de que estou ansiosa demais com esse negócio todo de namorar e casar. Até pouco tempo eu nem pensava em me relacionar com alguém, e agora, olha só como estou patética, me iludindo com a primeira promessa de uma possibilidade. Coitado do moço... em nenhum momento deu a entender qualquer intenção comigo. Não que eu vá cair nessa onda de menosprezar quem eu sou, faz muito tempo que aceitei o meu corpo fora dos padrões da sociedade e eu me amo, de verdade! Sei que é importante me amar, pois como poderia amar outra pessoa sem me amar? Deus me fez desse jeitinho que sou e ponto final.*

*Xô, ansiedade! Aqui não tem espaço para você. Sei que meu Pai está cuidando nos mínimos detalhes da minha história de amor. Ainda existem algumas feridas que precisam ser tratadas e eu necessito aprender a confiar. Mesmo que agora pareça tudo tão difícil e distante, não vou desanimar.*

*Espero que você esteja bem, meu amor. Saiba que continuarei na luta pela nossa história.*

*Paula.*

Um ano depois...

## Capítulo 6 - Uma fazenda virtual

Caro leitor, como você deve ter notado na página anterior, o tempo passou no Caminho para o céu. A verdade, e desculpa jogá-la assim na sua cara, é que o tempo não para e desde que você começou a ler esse livro, desperdiçou alguns minutos da sua vida (ou investiu em cultura, como preferir). Sim. Mas voltemos ao que interessa e o que me faz estar aqui. A história de Paula.

Não foi um ano fácil para a nossa querida protagonista. Paula passou por desafios que nunca sonhou ou imaginou. A vida na fazenda estava sempre a transformando. Como no dia em que uma das suas ovelhas pariu na roça do vizinho. Ela detestava que os animais precisassem ficar presos em cercas, mas era necessário, caso contrário, situações como aquela seriam ainda mais frequentes. No dia em que a ovelha deu à luz, Paula voltava do curso noturno de agronomia. Cansada e com dor de cabeça, atendeu o celular. Sem ter tempo de entrar em casa, bateu na porta do caseiro João e foram até a propriedade de Felipe. Resgataram o recém-nascido, mas a ovelha mãe, infelizmente, estava com uma hemorragia e não havia nada a ser feito.

Paula dedicou um bom tempo, com ajuda de Pietra, a cuidar do filhote de ovelha. O bichinho era tão mirradinho que ela sentia vontade de chorar sempre que o olhava. Cometa grunhia baixinho toda vez que o pequeno animal fazia algum movimento. Se não fosse suficiente, era inverno. Paula acendia o grande fogão à lenha da cozinha todos os dias, deixando a ovelha, que recebeu o nome de Lili, próxima do calor.

— Trate de ficar viva e bem quentinha! — falava antes de sair de casa.

A velha caminhonete vermelha foi consertada incontáveis vezes desde que a ganhara da família de Júlio. Por falar no moço, ele aparecia com menos frequência, mas sempre estava por perto. De qualquer forma ela o encontrava na universidade, onde ele cursava direito. Paula estava sempre revirando os olhos para as piadas egocêntricas dele. Naquele primeiro ano, ela teve a

oportunidade de conhecer a família inteira de Júlio, incluindo os dois sobrinhos incrivelmente lindos e de uma semelhança física com o tio que era assustadora. Paula amava aquelas crianças e sempre que podia passava tardes brincando com eles.

Quando não estava na universidade ou na casa dos pais de Júlio, se concentrava na fazenda. Eram muitos desafios. Imaginem só! Mudar completamente o estilo de vida, sair de uma capital onde se encontra o mundo todo e morar em uma propriedade afastada desse mesmo mundo, onde o vizinho mais próximo estava a quase um quilômetro de distância. Em algumas noites Paula se encolhia na cama e segurava as lágrimas. Não queria se vitimizar ou achar que estava só. Ela sabia a verdade. Nunca esteve e jamais estaria só. Mas, às vezes, o silêncio do casarão, o céu pontilhado de estrelas e nenhum som que declarasse outra alma vivente por perto, a deixava com a sensação de vazio, de ausência. Talvez fosse saudade dos pais e daquela loucura agitada deles. Algumas manhãs ela adoraria chegar à cozinha e encontrar o pai lendo o jornal e a mãe gritando com alguém no celular.

Quando a ovelha Lili se recuperou por completo, Paula até cogitou manter a criatura dentro de casa. Depois de pensar bem, achou melhor colocá-la na estrebaria, junto de Mimosa. Se o pessoal da cidade descobrisse os planos dela a chamariam de paulista maluca, o que já faziam, ela bem sabia. Os colegas da universidade viviam fazendo pouco caso dela, não importava que tivesse as melhores notas, que conduzisse experimentos com sucesso no Caminho para o céu, e que recentemente tivesse conseguido o selo de certificação orgânica. Plantava e produzia de tudo um pouco na fazenda, desde morangos a fisalis, abóboras, diferentes leguminosas, ovos, leite e derivados. Talvez fosse medo do espaço que ela estava ocupando.

Na última semana, havia conseguido entrar em uma feira de orgânicos na cidade de Joaçaba. Pietra ficara responsável por separar os produtos e levá-los. Paula estava ansiosa com a nova conquista, não só por ser fruto de seu trabalho, mas porque estava precisando ter alguma renda para continuar mantendo o casal de caseiros e sua própria vida no interior catarinense. Desde que chegara a fazenda, ela tinha feito muitos investimentos nos reparos



urgentes do casarão e pagando o salário do casal, de modo que gastou até o último centavo de sua conta poupança, a única que estava em seu nome e que os pais não conseguiram bloquear.

— Pietra, separe os melhores frutos, deixe todos muito bem limpos e encaixotados. Amanhã é um grande dia! Que o Senhor nos abençoe e permita obter êxito nessa jornada. — Paula abraçou a mulher e deu um beijo em seu rosto. — Você vai de carona com o irmão de Júlio, tudo bem?

— Ele também vai para a feira?

— Sim e vai te auxiliar no que for preciso. Adoraria te acompanhar, mas amanhã cedo preciso estar na universidade para entregar e apresentar um relatório. Mas, na próxima semana vou com você!

— Ah, Paulinha! Estou tão feliz por você. Sabe, quando eu te conheci achei que você era um pouco maluca.

Paula arqueou a sobancelha. Já estava acostumada com a sinceridade de Pietra e com as dúvidas que as pessoas tinham dela.

— Mas, olha só para você! É uma verdadeira empreendedora e sabe o que quer para a vida. — Pietra secou uma lágrima no canto dos olhos. — Me orgulho muito de você, menina.

— Pare com isso! Vai me fazer chorar! Preciso estar com a cútis descansada para minha apresentação amanhã. — Paula deu algumas batidinhas nas bochechas, fazendo Pietra rir. — Isso, bem melhor! Sorria! Com esse sorriso lindo tenho certeza que venderá todos os nossos produtos na feira.

— Assim você me pressiona! — Pietra cobriu o rosto, sorrindo.

As duas conversaram por um longo tempo, até o sol se pôr por completo e a escuridão da noite se perder no meio da neblina, típica da região onde estavam. Nessas noites de conversa, Paula acabou se adaptando ao costume de beber chimarrão, uma bebida típica do sul do país e muito apreciada por todos os seus vizinhos. Quando recebia alguma visita, logo perguntavam se ela tinha chimarrão. Acabou comprando todo o aparato necessário e sempre que alguém aparecia, arriscava servir a bebida quente. Nem sempre obtinha sucesso no preparo e a bomba entupia, mas achava

divertidíssimo o fato de estar aprendendo algo novo e cheio de tradição.

Aqueles dias frios eram intercalados com dias quentes, afinal, o clima era uma loucura naquele lugar, mas deixava Paula inspirada. O velho hábito de escrita logo estava de volta. Nas noites insones ou nas manhãs em que acordava antes do galo cantar, pegava o laptop e passava ótimos momentos na companhia das palavras. Logo o perfil “Mil Universos Particulares” estava na ativa novamente, com *posts* semanais, funcionando quase como um diário.

A experiência de morar no sítio era relatada com seus sabores e dissabores. Paula falava sobre o desenvolvimento da ovelha Lili e das peripécias de Cometa. Às vezes comentava sobre algumas das pequenas plantações que tinha, dando dicas de cuidados e como recuperar uma planta em dificuldades de crescimento. Bastava postar alguma novidade e logo os comentários do Brasil todo chegavam. O número de visitantes aumentava a cada semana. Alguns dos antigos amigos de SP acompanhavam suas postagens e a encorajavam a continuar.

Fazia pouco mais de um mês que uma marca de fertilizantes orgânicos havia procurado Paula para uma parceria. Aquilo fora bem inusitado! A empresa queria que ela testasse seus produtos e fizesse resenhas. E ainda por cima, pagariam um valor bem interessante para que ela fizesse aquele experimento. A proposta não poderia ter surgido em melhor momento, visto que a situação financeira da fazenda estava crítica. Com esse investimento da empresa de fertilizantes, Paula pode dar continuidade ao processo de certificação e comprar todos os materiais necessários para a feira na cidade vizinha.

Não demorou muito e outras marcas começaram a surgir. Paula precisava filtrar o que realmente era condizente com seus princípios e com o tipo de conteúdo que ela acreditava ser melhor.

— Amiga, você não vai acreditar! Uma empresa, muito famosa, de cosméticos entrou em contato comigo. Eles querem que eu faça alguns vídeos mostrando como me preparo para a universidade todas as noites e como faço meus cuidados com a pele no dia-a-dia. Além de me enviar todo o reboco necessário, eles

estão me pagando para fazer o que eu já fazia. — Paula contava para Maria, deitada na enorme cama de casal do seu quarto.

— Uau, você vai virar *Youtuber* famosa! — Maria bateu palmas e fez menção de se curvar diante da tela do celular.

— Eu prefiro escrever, mas, essa é uma excelente oportunidade para divulgar o trabalho que tenho feito por aqui. Tenho pensado muito sobre isso.

— Sim, é verdade — Maria concordava. — Mas...

— Já sei, lá vem bronca. O que eu fiz dessa vez? — Paula sentou na cama, arrumando os cabelos emaranhados.

— Não é bronca. Apenas tome cuidado, não assine contratos sem ter certeza do que está fazendo. Já ouvi muitas histórias sobre abuso de poder, contratos absurdos... Peça ajuda para Júlio, ele está cursando direito. — Maria piscou para Paula.

— Seu primo é um pouco convencido e me irrita. — Paula pensou por um momento. — Vou dar um jeito de ele se oferecer para me ajudar, assim não vai ficar se achando o *the best*. Detesto quando ele é arrogante!

Maria gargalhou com vontade.

— Vocês dois... — Paula revirou os olhos e trocou de assunto. Não sabia porque a amiga tinha essa fixação de falar de Júlio com ela. Sim, o homem era realmente bonito, mas, de boca fechada e de preferência sem aquele sorrisinho de canto, que era arrogante ao extremo.

A verdade era que os dois estavam se acertando melhor nos últimos tempos. Talvez fosse o fato de Júlio ter acabado de completar vinte e três anos. Ele era quase três anos mais velho que Paula, mas parecia uma criança no maternal sempre que se encontravam. Fazia brincadeiras sem graça sobre o cabelo dela e sobre o jeito que ela executava as tarefas da fazenda. Sem falar quando ele aparecia do nada e a abraçava com aqueles braços enormes e musculosos. Paula quase ficava sem ar e ele ria igual uma hiena quando a tirava do chão, fazendo com que ela se esquecesse de que era uma garota cristã.

No dia seguinte da conversa com Maria, logo depois do café da manhã, Júlio estacionou na frente do casarão e antes mesmo de

colocar os pés na varanda, onde Paula tomava seu chimarrão, foi gritando:

— Hei, Paulinha! — Júlio pulou os degraus e se pôs em frente a ela, para em seguida bagunçar os cabelos da garota.

— Já disse para não me chamar assim! — Paula ajeitou a mecha de cabelo que caíra em seu rosto, enquanto um Júlio sorridente a fitava. — O que você quer, bobão?

— Uow! Não posso chamar de Paulinha, mas você pode me xingar. Bem injusto, senhorita *blogueirinha*. — Fez beijo enquanto fingia ir embora.

— Volta aqui! — Paula foi até ele, tocando em seu braço. — O que te traz à minha humilde residência? — Piscou os olhos, numa vã tentativa de imitar o gatinho do Shrek.

Ele pareceu pensar por um tempo.

— Maria me contou que você está precisando da ajuda de um bom *quase* advogado. Vim disponibilizar meus serviços para você. — Piscou o olho e sorriu daquele jeito torto que Paula detestava.

— Essa sua prima é uma boca aberta, *né?* — Paula deu as costas para ele, entrando na casa e deixando a cuia na mesa do *hall* de entrada.

— Ela só está preocupada. Comentou que você vai assinar um contrato importante, envolvendo imagem pessoal e a publicação de alguns vídeos para a internet. — Ele a seguia enquanto falava. — Acho que posso ajudar. Não quero que minha irmãzinha se meta em confusão.

Quando Júlio pronunciou aquelas últimas palavras, Paula sentiu um enorme desconforto, mas sem compreender muito bem o motivo. Era porque ele havia a chamado de *irmãzinha*?

— Do que você me chamou? — Ela estreitou os olhos e o encarou.

— De irmã, oras! Somos irmãos em Cristo, não somos? E como sou mais velho me sinto na responsabilidade de cuidar de você.

— Só pode ser piada. — Paula foi em direção as escadas, ignorando Júlio.

— O que foi agora? — Incrédulo, a seguiu.

— Não preciso de sua ajuda! Sei me virar sozinha, não sou uma criança indefesa. — Enquanto subia os degraus batia os pés com força, bufando entre uma palavra e outra. — Olhe para tudo que tenho conquistado e as pessoas ainda duvidam da minha capacidade — falou mais para si mesma do que para Júlio.

— Não é isso, Paulinha... digo, Paula. — Júlio coçou a cabeça, ainda a seguindo. — Eu só quero ajudar.

Paula parou abruptamente no topo da escada, fazendo com que Júlio quase trombasse com ela.

— Você está oferecendo seus serviços, certo?

Ele olhou para a garota como se ela fosse uma louca.

— Foi o que eu disse.

— Eu não pedi por isso, em nenhum momento, certo?

— Certo. Por que isso... — Mas antes que ele pudesse continuar com sua fala, Paula virou o calcanhar e seguiu para a biblioteca, indicando, com um sorriso e um brilho estranho nos olhos, onde estava a cópia do contrato.

— Depois acertamos os seus honorários — informou a um Júlio que tentava acompanhar o raciocínio daquela garota em sua frente.

— Já disse que você é maluca, não disse?

— Isso é jeito de tratar sua cliente? — Arqueou a sobancelha e sentou na poltrona no centro da biblioteca, pegando o laptop no colo.

— Desculpe-me. O que seu escravo pode fazer para se redimir? — Júlio se aproximou e ficou de joelhos em frente a ela.

Quando ele ergueu a cabeça para a olhar, sustentaram o olhar um do outro por um tempo que pareceu longo demais. Foram interrompidos por Cometa, que fez jus ao nome com sua entrada triunfal. Pulou em Júlio e o derrubou, lambendo seu rosto em seguida, com as patas segurando o peito do homem.

— Amigão, você está cada dia mais grande! — Júlio disse, enquanto ria. — Ele faz isso com todo mundo?

— Só com você. — Paula deu de ombros e voltou sua atenção para o arquivo no computador. — Pode ler o contrato e depois me diz o que acha — disse a Júlio sem tirar os olhos da tela.

Júlio colocou as mãos na cintura e indignado foi para a mesa no canto da biblioteca, mentalmente se repreendendo para não pegar Paula no colo e dar uma verdadeira lição de cócegas, até ela não aguentar e pedir trégua. Ele a achava muito séria. Mas, quando ela estava por perto, seus olhos não conseguiam focar em nada mais. Por isso, sentou-se de costas para a garota. Não sabia ao certo o motivo de sentir-se assim e, por hora, preferia nem entender.

# Memórias em papel timbrado - bilhetes

*Eu sou totalmente desafinada. Isso não significa que deixarei  
de cantar lindas canções de amor para você (piscadinha).*

*Paula*

## Capítulo 7 - Muito prazer...

— ... o que realmente importa é passar protetor solar todos os dias. Esse da Boutique natural é fácil de aplicar, por causa do formato em bastão, além de secar rápido e durar por até 12 horas. — Paula sorriu para a câmera. — E por hoje é isso pessoal, espero que tenham gostado das dicas. Deixa seu *like* e se inscreve no meu canal. Não esquece de passar no *Instagram* e votar na enquete que deixei lá! Nos vemos na semana que vem! — Acenou para câmera e correu para desligá-la.

Como estava gravando na varanda, a luz natural facilitava a captação de uma boa imagem. Checou rapidamente o vídeo, satisfeita com o resultado. Agora só precisaria passar algumas horas editando. O vídeo deveria ir ao ar em dois dias. Precisava correr, afinal, ainda tinha aula a noite e mil tarefas da fazenda no período da tarde.

Quando estava prestes a entrar no casarão, uma Pietra extasiada a interrompeu.

— Paula! Oh, minha Paulinha! — Subiu os degraus numa passada só.

— O que foi Pietra, aconteceu alguma coisa? — Paula sentiu uma leve tontura e o coração acelerando. — Fale logo!

— Calma! — Pietra se recostou no pilar, respirando fundo com a mão no peito. — É uma notícia maravilhosa!

— Pois fale, mulher! Estou quase tendo uma síncope!

— Uma o quê?! — Ao perceber o olhar de impaciência da garota, Pietra endireitou a coluna e colocou as duas mãos no ombro de Paula. — Daniel, o meu Daniel está voltando! — Abraçou Paula com força, que quase deixou cair o equipamento de gravação no chão.

— Pietra! — Paula riu da empolgação da mulher. — Pode me soltar, estou quase sem respirar.

— Oh, desculpe-me. — A mulher empertigou-se e ajeitou a saia, alisando-a com as mãos. — É que eu realmente estou empolgada! Fazem dois anos que não o vejo. Bem, claro, tem esse



negócio de vídeo-chamada, mas não é a mesma coisa. — Respirou fundo. — Vou sentir seu cheiro, abraçá-lo e fazer todos os pratos que ele ama. — Dito isso, deu alguns pulinhos e partiu em direção à própria casa.

— Pietra! — Paula gritou, fazendo a mulher parar e voltar o rosto. — Estou muito feliz por você. — Deu uma piscadinha para a mais velha, que sorriu em resposta.

— Obrigada, Paula. Vou começar os preparativos. Ele chega amanhã de madrugada e quero ter tudo pronto. — E saiu em disparada, como se estivesse em uma corrida de 100 metros rasos.

Paula apenas sorriu e convidou Cometa para acompanhá-la à biblioteca, onde iniciaria a edição do vídeo. Enquanto subia os degraus para o andar superior, ficou imaginando como seria se os seus pais também se empolgassem daquela maneira quando ela chegasse de viagem. Seria surreal. No entanto, faziam meses desde a última vez que eles haviam lhe ligado. Tudo bem, ela também não havia dado abertura. Mas, nem no seu aniversário eles entraram em contato. Ela não era uma filha tão horrível assim, por que os pais não conseguiam se comportar como pais de verdade? Estavam sempre tão preocupados com dinheiro, fama e viagens, que nem perceberam que a filha havia crescido. Além de uma única ligação, o único contato que tivera com eles, desde que se mudara para Ouro, fora receber as caixas com seus livros e objetos pessoais da antiga casa.

Suspirou, decidindo se concentrar no trabalho. Enquanto abria a janela do escritório, o telefone começou a tocar. Por um instante imaginou que poderia ser seus pais, deixando-se embalar pela própria alucinação. Correu para a mesa no canto daquele quarto e tirou o telefone do gancho:

— Alô! — atendeu empolgada. — Oh, sim... — o semblante se entristeceu no mesmo instante. — Sim, claro. Preciso conferir minha agenda, mas vou confirmar para você dentro de alguns minutos. Sim, envio um e-mail. — A outra pessoa falou algumas coisas no outro lado da linha. — Claro. Até mais.

Paula praticamente socou o telefone na mesa. Estava brava consigo mesmo por ter cogitado que os pais ainda se importavam com ela, quando acabara de receber só mais uma chamada para a

gravação de um vídeo institucional para uma marca de calçados que apoia o veganismo. Suspirou e foi para o computador. Era hora de deixar todas as preocupações de lado e focar no trabalho e nos prazos que precisava cumprir. Em silêncio, fez uma oração, pedindo por si e pelos pais.

\*\*\*

Na manhã seguinte, Paula acordou cedo como sempre. Foi à cozinha e seguiu sua rotina: preparar e tomar chimarrão, ler um livro na varanda enquanto a cafeteira preparava o café. Cometa sempre fiel, ao seu lado. Quando saiu para o ar fresco da manhã, para sentar-se na varanda, observou na frente da casa dos caseiros um carro preto estacionado. Pelo visto Daniel havia chegado. Pietra deveria estar exultante. Paula sorriu. Aquela mulher era uma joia rara e merecia ser muito feliz.

Baixou os olhos para o livro que estava lendo. Era um romance cheio do agir de Deus, no qual dois jovens saíam da África com destino a Teresina, no Nordeste brasileiro, buscando encontrar respostas para os dilemas e mistérios do passado. O nome do livro era “Além do Esperado”. Leu alguns parágrafos e fechou os olhos, apoiando a cabeça no encosto da cadeira. Sentia que Deus estava sempre a surpreendendo, fazendo muito além do que ela esperava ou imaginava. Ainda tinha tantas coisas que gostaria de melhorar em si e até mesmo na fazenda, mas naquele momento elevou seus pensamentos para o alto e agradeceu com sinceridade as misericórdias daquele Pai que nunca a esquecia.

Enquanto estava ali, de olhos fechados, ouviu um barulho e em seguida Cometa latindo em total desespero. Antes que pudesse entender qualquer coisa, um homem alto, moreno, de cabelos muitíssimo curtos e olhos negros como a noite estava em sua frente, falando com Cometa.

— Calma, cachorrinho, calma! — o homem repetia.

Paula ficou sem ação por um momento, mas logo percebeu que conhecia aquele homem de algum lugar.

— Cometa! Sossega o facho<sup>[5]</sup>! — Paula agachou e passou a mão na cabeça do cachorro, que parou de latir, mas ainda rosnava

baixinho para o homem. — Desculpe-me, ele acha que é um cão de guarda. — Sorriu, ficando de pé e olhando para o estranho em sua frente.

— Claro, ele tem porte para isso. — O homem passou a mão pela cabeça, um pouco constrangido. — Você deve ser Paula.

— É o que dizem. — *Oi?* — digo, é o nome que está no meu registro. — *O quê?*

Paula sentiu uma vontade enorme de pular a varanda e se esconder no meio da plantação de milho do vizinho.

— E você só pode ser Daniel, acertei? — Sorriu sem jeito.

— Sim, muito prazer. — Ele estendeu a mão, Paula o cumprimentou, mas sentiu que alguns ossos talvez tivessem se quebrado com a força daquele aperto. — Minha mãe mandou que eu viesse te convidar para o café da manhã. Ela quer muito me apresentar para você.

— Acho que você já fez isso muito bem. — Paula corou antes mesmo que tivesse concluído a frase. — Digo... ah, enfim, você já está apresentado, não?

— Sim, mas eu não posso voltar para casa sem você. Minha mãe avisou que você não ia querer e resmungou algo sobre os paulistas serem pessoas fechadas, solitárias e tristes. — Ele deu de ombros, fazendo Paula rir.

— Sua mãe é muito sincera e direta. Mas, ela está enganada. Nem todos os paulistas são assim. — A garota pousou o livro na cadeira onde estava sentada há alguns minutos. — Espere só um instante e já o acompanho, preciso desligar minha cafeteira na cozinha. Bem, se você quiser ir, eu sei o cami...

— E correr o risco de você não aparecer? Não, muito obrigado! — ele a interrompeu.

— Tudo isso é medo da sua mãe? — Paula debochou.

— Você deve conhecer uma Pietra muito doce e simpática. A que eu conheço, me dá mais medo que o general do quartel onde passei os últimos dois anos — ele falou a última frase com o olhar distante e perdido, fazendo Paula duvidar da senhora simpática que a ajudava todos os dias, ao mesmo tempo que achava muito engraçado todo o drama daquele homem cheio de músculos.

— Então — Paula iniciou quando já estavam no caminho para a casa de João e Pietra —, você voltou para ficar?

— Vou servir numa cidade próxima daqui, mas agora estou de férias. — Levantou as mãos para o céu, agradecendo.

Pietra esperava os dois na porta, limpando as mãos no avental.

— Venham, meus queridos. Meus filhinhos... — ela praticamente os empurrou para dentro da casa. — Fiz bolo de laranja, que vocês adoram. — Piscou para os dois. — Nem acredito! João... olhe isso! Nosso filho pródigo e nossa filha do coração, juntos, tomando café com a gente. Não é lindo? — Os olhos da mulher logo marejaram e João apenas balançou a cabeça, com um olhar compadecido para Paula, quase como quem pede desculpas pela situação.

— Vamos fazer uma oração e tomar nosso café, antes que tudo esfrie. Daniel, por favor.

O homem, com sua voz grossa iniciou uma prece. Agradeceu pelo alimento e pela oportunidade de estarem ali reunidos. Agradeceu pela vida de Paula e por todos os projetos que ela tinha em mente e finalizou com um amém.

— Daniel vai passar um mês inteirinho aqui conosco! Ele vai poder nos ajudar nas tarefas da fazenda, será uma benção, não é mesmo, meu filho? — Ele balançou a cabeça, de modo a concordar. — Paulinha, acho que seria legal se ele te acompanhasse na feira hoje. Daniel é um ótimo vendedor. Já trabalhou com comércio quando era mais jovem.

— Mas a senhora não quer ir comigo? — Paula perguntou.

— Acho que vai ser mais útil se meu filho te acompanhar, enquanto isso posso preparar queijos. Estou com vários litros de leite na geladeira e, não sei, temo que vai azedar tudo se demorar mais um dia.

— Por mim, tudo bem. — Daniel sorriu para Paula, enquanto tomava um gole de seu café.

Paula apenas assentiu, mas ficou pensativa. Seria estranho passar o dia com um homem que acabara de conhecer, ainda mais bonito daquele jeito. *Ai! Que pensamento desnecessário!* Se repreendeu, balançando a cabeça. A cada dia que passava, parecia

que estava mais ansiosa com relação a sua vida amorosa. O que estava acontecendo com ela? Nunca se importara tanto com essa coisa de relacionamento amoroso e agora era só aparecer um homem bonito na sua frente que logo se imaginava casando, dois filhos, alguns gatos e Cometa saltitando ao redor das crianças.

— Paula! — Seu João a chamava e só então ela percebeu que havia se desconectado totalmente.

— Oh, desculpa seu João!

— Já que você vai para a cidade, tenho uma lista de produtos que preciso para a nova plantação de morangos.

— Claro, só me entregar a lista que providenciarei tudo — disse isso e ficou em pé. — Muito obrigada pelo café da manhã. Preciso arrumar algumas coisas. Daniel — fitou o homem —, saímos em quinze minutos, pode ser? — Ele assentiu, sorrindo um sorriso cheio de dentes incrivelmente brancos.

\*\*\*

Daniel se mostrou um excelente auxiliar. Ajudou a montar a barraquinha na feira, a descarregar e dispor os produtos, e sempre que uma cliente se aproximava era simpático e prestativo. Antes das duas horas da tarde eles já haviam vendido tudo.

— Uau! Sua mãe não estava brincando quando disse que você era um ótimo vendedor. Nunca aconteceu isso, sempre voltamos para casa depois das 17 horas. Preciso pegar umas dicas com você — Paula falava, enquanto seguiam para a camionete.

A garota sabia que ele era um ótimo vendedor, mas com certeza o sorriso e a beleza dele haviam sido um fator decisivo para que todas aquelas senhoritas e senhoras parassem em sua banca naquela manhã.

— Posso te dar alguns *bizus*...

— *Bizus*? — Paula o olhou com expressão de dúvida.

— Desculpe! — O rapaz sorriu — Gíria militar. Significa que vou lhe dar algumas dicas.

— Oh, claro! — Paula entrou no banco do motorista, esperando que Daniel entrasse e colocasse o cinto de segurança. — Pode me passar esses *bizus* enquanto almoçamos, que tal?

— A melhor coisa que ouvi hoje!

Seguiram para um restaurante próximo da feira. Conversaram sobre tudo e nada. Paula estava impressionada em como era fácil conversar com aquele homem troncudo a sua frente. Depois de ocuparem a mesa por quase duas horas, saíram ainda conversando, quando o telefone de Paula tocou, a tela brilhando com o nome de Maria, em uma ligação pelo *WhatsApp*.

— Só um segundo — Paula pediu licença para Daniel antes de entrar no carro. — Oi, amiga! — atendeu sorridente.

— Oi, meu bem! — Maria respondeu.

— A que devo a honra de receber uma ligação fora do nosso horário habitual?

— Preciso que você me faça um favor. — Paula já imaginou a amiga roendo as unhas, pois era assim que ela ficava sempre que precisava pedir algo a alguém.

— Claro. Diga no que posso te ajudar.

— Júlio encomendou algumas coisas e mandei entregar aí. Só que a transportadora largou na rodoviária de Capinzal e só fui avisada agora. Você poderia passar e pegar?

— Tinha que ser coisa de Júlio...

— Eu liguei para ele, mas ninguém atende.

— Ele está em uma audiência. Aula prática. — Paula lembrou que ele havia comentado no dia anterior.

— Ah, sim! Então, você pode?

— Claro. Estou saindo de Joaçaba agora. Já passo lá e pego.  
— Se despediram, enquanto Paula voltava para a camionete.

No trajeto de volta para o Caminho para o céu, Paula e Daniel continuaram sua conversa. Ele ria de todas as histórias sem graça que ela tentava fazer com que soassem engraçadas.

— É sério, o cachorro dormia na minha cabeça, enquanto eu sonhava que era um guarda na Inglaterra.

Daniel ria a ponto de chorar.

— Você é hilária!

Assim seguiram até a rodoviária de Capinzal. Paula desceu da camionete e, com os olhos fixos no celular, seguiu para o *box* da companhia que Maria havia mencionado na mensagem. Quase

tropeçou no meio fio da entrada da rodoviária, quando ouviu uma voz muito conhecida chamando por seu nome.

— Paula! Acho que você deveria olhar por onde anda.

Paula virou o rosto imediatamente e, com a boca aberta pela surpresa, correu na direção de Maria.

— Como?... O quê? Mas, você... — Olhou para Maria, que chorava de alegria. Paula secou as lágrimas dela e deu um beijo no rosto da amiga.

— Gostou da surpresa? — Maria perguntou emocionada.

— Eu nem estou acreditando, meu coração está acelerado até!

As duas se abraçaram novamente e ficaram assim por alguns minutos.

— Você está aqui! — Paula deu um gritinho de alegria. — Seu pai sabe disso?

— Você, até o momento, é a única. — Paula abraçou Maria novamente. — Desde quando você é uma pessoa tão dada a abraços assim?

— Desde que sou abraçada por Júlio, os sobrinhos dele e por Pietra, aliás, você vai adorar ela. — Paula bateu a mão na testa. — Quase me esqueço, precisamos ir. Tem um belo exemplar masculino esperando por nós na camionete.

— Você sequestrou um homem, amiga?

Paula riu.

— Ele veio por livre e espontânea pressão da mãe. O filho de Pietra chegou de viagem ontem e veio me ajudar com a feira. — Paula pegou duas das cinco malas de Maria e seguiu para o veículo. — Vamos.

Quando chegaram perto, Daniel estava do lado de fora, encostado na porta.

— Eita! — Maria exclamou, com os olhos vidrados no moço.

— Disfarça, amiga — Paula cochichou. — Hei, Daniel! Ajuda a gente aqui, as malas estão pesadas.

O rapaz veio correndo até elas, sem desviar o olhar de Maria. Paula limpou a garganta, antes de apresentar um ao outro.

— Muito prazer — Daniel disse, sem saber se abraçava, beijava o rosto de Maria ou se apenas apertava a mão da moça.

Maria estava mais vermelha que a camisa do flamengo do moço que passava logo atrás dela. Paula sentiu o embaraço dos dois e tentou quebrar o gelo.

— Vamos lá, tenho que entregar essa encomenda para o seu Antônio. — E fez de conta que carregaria Maria.

Na hora de entrar na camionete, Daniel e Maria se atrapalharam mais uma vez. Sentando tímidos um do lado do outro. A viagem seguiu com uma Paula tagarela e dois caroneiros sorrindo eventualmente.



# Memórias em papel timbrado - cartas

*Excelentíssimo futuro marido,*

*faz um tempo desde a última carta. Estava bem pensativa e precisando de um tempo para colocar as ideias e, principalmente, a ansiedade no lugar. Andei lendo a palavra do Senhor no livro de Mateus e buscando acalmar meu coração ansioso. Pensei que eu já tivesse resolvido essa questão em meu coração, mas os acontecimentos das últimas semanas só mostram o quanto sou infantil nesse assunto ainda.*

*Deixe-me colocá-lo a par dos acontecimentos.*

*Há duas semanas um rapaz chamado Daniel apareceu aqui no Caminho para o céu. Conversamos a manhã toda e meu coração acelerou quando ele me chamou pelo nome. Ele é militar, confia em Deus e tem sonhos muito bonitos. Vou direto ao ponto: achei que tinha me apaixonado. Como não entendo nada dessas coisas de sentimentos, achei que aquele calorzinho no coração e a vontade de estar por perto fosse o que chamam de paixão.*

*Porém, meu bem (desculpa a rima boba), no mesmo dia a minha irmã, minha melhor amiga, Maria, chegou. Estou tão feliz por ter essa estrelinha por perto, mesmo que seja só por um período curto com data marcada para o retorno aos Estados Unidos. Tão logo esse raio de sol bateu os olhos em Daniel, foi amor à primeira vista. O mesmo aconteceu com ele. Eu estava lá, ninguém precisou me contar nada. Vi com esses olhos cor de esmeralda e, sinceramente, foi uma das coisas mais bonitas que já vi. Cena de cinema ou dos doramas que costumava assistir (um dia te explico o que é dorama).*

*Desde aquele primeiro encontro, os dois ficam tímidos na presença um do outro. Todo mundo já percebeu o que está acontecendo, até Júlio, e olha que ele é mais tapado que eu. Tentei conversar com minha amiga sobre esse assunto, mas nunca a vi tão*

*esquiva assim! Fiz algumas brincadeiras sobre o jeito como eles se olhavam, mas ela ignorou e até me repreendeu por ficar brincando com isso. Fiquei mal.*

*Pietra me contou que Daniel a encheu de perguntas sobre Maria. Esses dois... não consigo entender o motivo de não se aproximarem, afinal, é óbvio que ambos possuem sentimentos um pelo o outro. Talvez eles tenham medo do futuro. Sim, é possível que seja isso. Os dois tem vidas bem diferentes. Maria ainda vai levar uns cinco anos para concluir seus estudos em Harvard e é bem provável que ficará por lá depois de formada, o que eu espero que não. Vou orar para que ofereçam um emprego incrível para ela aqui no Brasil. Um pouco egoísta, eu sei, mas o Brasil também precisa de bons profissionais, coisa que Maria com certeza vai ser. Já posso vislumbrar “a melhor professora de Sociologia” jamais vista na história desse país. Ela é maravilhosa e merece ser muito feliz.*

*Acho que é muito cedo para criar longas conversas e, bem, ela não quer falar comigo e por isso vim aqui abrir meu coração para você. Eu comentei com Maria que havia “quase” me apaixonado por Daniel. Será que ela não se aproxima dele por minha causa? Isso seria muita loucura, pois ele nem percebe a minha existência, principalmente quando Maria está por perto. Eu seria facilmente atropelada, caso ele estivesse em um carro com Maria ao lado, enquanto eu atravessasse uma faixa de pedestres.*

*Espero que esse dois percebam o que estão fazendo e não desperdicem a oportunidade de, ao menos, se conhecerem melhor e desenvolver uma amizade. Pensando bem, estou criando expectativas pela minha própria amiga! Vê se eu posso com isso? Será que essa ansiedade toda dentro de mim vai ter jeito um dia?*

*Hoje vou iniciar um devocional sobre ansiedade nos assuntos do coração. Preciso aprender a enxergar os homens como meus irmãos, não como potenciais maridos. Em um ano já fiz isso duas vezes! Acho que vou conversar com o líder da igreja também, preciso de aconselhamento, antes que você encontre uma Paula totalmente perdida em sua própria ansiedade e cometendo um monte de loucuras. Talvez todos esses pensamentos que tenho tido nos últimos tempos sejam o motivo de tanto cansaço. Ontem à noite quase desmaiei no banheiro. Enfim...*

*Caríssimo, vou continuar orando para que o Senhor te proteja, onde quer que você esteja e seja lá quem você for. Eu não me importo de gastar cinco anos da minha vida escrevendo essas cartas para você. Espero que não esteja sofrendo dessa ansiedade desnecessária como eu estou, mas, se estiver, espero que você busque ajuda, tal como eu farei.*

*Com todo o amor que em mim cabe,  
Paula*

## Capítulo 8 - Lembre-se de quem você é

— Você está sendo infantil. — Paula atravessou a cozinha, até chegar a geladeira, abrindo-a com força para pegar água.

— Você, mestre dos relacionamentos, Sra. Hitch<sup>[6]</sup>, acha que entende alguma coisa sobre amar outra pessoa? — Maria deu uma mordida com raiva no sanduíche.

— Pode *tentar* me ofender, a conheço o suficiente para saber o que está fazendo. — Paula colocou água no copo, deixando boa parte cair na mesa.

— Ah, então me conte o que estou fazendo! — Maria bufou e largou o sanduíche no prato.

— Você, bonitinha — Paula deu um gole na água, antes de continuar com o discurso —, está tentando desviar a atenção do foco, que é a sua teimosia estratosférica em não aceitar que está caída por Daniel, enquanto inventa uma briga ridícula comigo, atacando meu orgulho.

Maria abaixou a cabeça, escondendo o sorriso que insistiu em aparecer.

— Conheço você, não se esqueça disso. — Paula chegou perto da amiga, mas não diminuiu o tom de voz. — Não consigo entender, qual o problema de ir ao cinema com Daniel?

— Pare de falar alto, e se ele estiver por perto? — Maria olhou pela janela. — Paula, estou voltando para Harvard em poucos dias. Você tem noção de quantos quilômetros de distância vou estar longe daqui? — Tornou o olhar para a amiga.

— Não estamos falando de geografia, estamos falando de sentimentos. — Colocou a mão sobre o coração, de forma solene.

— Que são afetados por essa geografia que você está desprezando.

— Sempre odiei geografia na escola e não estou cogitando mudar de opinião.

— Geografia é uma das maravilhas do mundo, o professor que não era muito bom.

As garotas ficaram contemplando a uma das paredes branca da cozinha, lembrando a época da escola.

— Ah! — Paula balançou a cabeça, espantando as lembranças. — Vamos falar do que importa!

— Geografia é importante. — Maria deu de ombros.

— *Aff*, chega de geografia. — Paula virou para Maria para que ficasse de frente para ela. — É só um filme! Pare de ser teimosa, eu vou estar lá, não se esqueça de que também fui convidada.

— Amiga, não preciso dizer como me sinto na presença de Daniel, preciso? Como vou passar duas horas ouvindo Timão e Pumba, com aquele homem do meu lado? — Maria colocou a mão na testa e passou a andar de um lado para o outro.

— Hei, calma! — Paula sentou na banquetta mais próxima e ficou reflexiva. — Consigo entender seus medos, mas será que quando estiver a quilômetros de distância daqui você não vai ficar se questionando como teria sido se tivesse se permitido conhecer Daniel melhor?

Maria sentou na banquetta também e deitou a cabeça entre os braços, escondendo o rosto na mesa.

— Paula — um muxoxo escapou dos lábios de Maria, enquanto levantava o rosto, apoiando o queixo nas mãos —, não posso ser irresponsável com os meus sentimentos e os de Daniel.

— Não estou dizendo para ser.

— Mas, você entende que posso criar expectativas ao sair com ele? Mesmo que seja um simples filme.

Paula não respondeu, mas sentiu o peso da pergunta ecoando em sua mente. Era provável que Maria estivesse certa sobre aquela prudência toda. Mas, Paula pensava, não era como se ao ir ao cinema com Daniel a garota assinasse um contrato de casamento. Usou essa máxima para falar com a amiga.

— Não, já está decidido. — Maria ficou de pé. — Agora vou para casa, não quero mais falar sobre isso, ok?

— Tudo bem, *senhora*. — Paula bateu continência para a amiga.

— Não seja assim comigo. — Maria, desanimada, começou a caminhar em direção à saída.

— Maria. — Paula foi até ela, abraçando-a. — Vou respeitar sua decisão e sei que você não faria essa escolha sem pensar muito a respeito.

— Obrigada. — Maria deitou a cabeça no ombro da amiga. — Não posso comprometer todos os meus sonhos, construídos a tanto tempo, por causa de um rapaz que acabou de chegar. — Ergueu a cabeça e olhou no fundo dos olhos de Paula.

— Sim, você está certa. — Paula ajeitou uma mecha do cabelo longo da amiga. — Nós duas podemos assistir ao filme, não é?

— Sem Daniel?

— Sem Daniel.

— Ok. Podemos ir amanhã à noite.

Combinaram o horário e despediram-se. Paula passou o resto do dia pensando na amiga e no quanto ela era forte e decidida. Gostaria de ser assim também. Quando o assunto se referia às questões do coração, Paula sentia que poderia pegar uma chupeta e usar fraldas, pois não entendia nada. Então, ela pensou, era melhor que ficasse quieta e deixasse Maria tomar as próprias decisões, afinal, como ela poderia aconselhar alguém sobre um assunto que não compreendia?

Naquela noite teve muitos sonhos agitados. Em todos, Maria estava no altar, ao lado de Daniel. Porém, sempre aparecia alguém tentando atrapalhar o casório.

Você que está lendo essas minhas palavras, acha que os sonhos podem carregar consigo respostas?

\*\*\*

Na noite seguinte, as duas amigas se encontraram no shopping e comeram um pedaço de bolo acompanhado de algumas xícaras de café, antes de entrarem para a sala do cinema. Paula nem mencionou o nome de Daniel e Maria estava totalmente diferente da garota preocupada do dia anterior.

— Faltam cinco minutos para o filme começar e como é um clássico, acho melhor seguirmos para a fila antes que fique muito grande. — Maria se pôs em pé, ajeitando o cabelo. — E você sabe que adoro os trailers, então vamos! — Bateu palmas enquanto Paula revirava os olhos.

— Nunca vi uma pessoa gostar dos trailers!

— Eu também gosto! — Uma voz grossa, logo atrás delas reverberou no corredor em que estavam. Assim que as duas viraram para ver o dono da voz, não que elas não soubessem, mas apenas para confirmar, Paula notou pelo canto do olho que a amiga ficara pálida.

— Oi, Daniel! — Paula se aproximou e deu um abraço e dois beijinhos no rosto dele. — E... Nossa! Oi, Júlio! — Só percebeu a outra figura masculina quando se afastou do primeiro.

— Também quero beijo no rosto e abraço! — assim que disse isso, se aproximou de Maria e em seguida de Paula, que recebeu três beijos estalados no rosto, um deles perigosamente perto da boca.

— Que grata surpresa encontrar vocês aqui — Daniel disse por fim, com cara de confuso. — Vocês comentaram que já assistiram a esse filme.

— Sim, mas Paula é completamente fissurada em O Rei Leão. Acho que é a terceira vez que ela assiste ao filme.

Paula apenas deu de ombros.

— Vamos, então? — Júlio puxou a frente. — Quem sabe conseguimos poltronas próximas.

Pode parecer a maior loucura que vou contar aqui agora, e talvez seja, mas os quatro estavam na mesma fileira e mais, um ao lado do outro. Paula sorriu para Maria, que estava fuzilando-a com os olhos.

— Depois vamos conversar sobre isso — Maria cochichou para Paula.

— O que foi? — Daniel perguntou.

— Ah, alguém vai pegar pipoca? — Maria disfarçou.

— Não! — os três responderam em uníssono.

— Então, Júlio — Maria iniciou, voltando a atenção para o primo —, não sabia que conhecia Daniel.

— Ah, encontrei com ele algumas vezes no Caminho para o céu nas últimas semanas.

— E como eu estava com um ingresso sobrando para o filme, meus pais não curtem cinema e Júlio, fora vocês duas, são as únicas pessoas que conheço em Ouro, decidi chamá-lo para vir comigo.

Já no interior da sala do cinema, a disposição dos nossos mocinhos ficou a seguinte, da direita para a esquerda: Daniel, Maria, Paula e Júlio. Assim que sentaram, a sala ficou escura e a enorme tela começou a transmitir os trailers.

— É sério que você assistiu a esse mesmo filme quatro vezes?

— Três vezes! — Paula o corrigiu.

— Que seja... mesmo assim, isso soa como paranoia de gente doida.

Júlio nem terminou a frase e levou um beliscão no braço.

— Ai! — reclamou o mais baixo que conseguiu. — Por que isso agora?

— Tem coragem! Me chamando de doida e paranoica...

— Com esse atentado contra a minha vida eu tenho certeza das minhas acusações. E depois, me referia mais a mim do que a você. — Passou a mão no braço, resmungando por causa da dor.

— Por que se referia a você? — Paula quis saber, curiosa.

— Já assisti essa versão do filme cinco vezes, essa é a sexta.

— Você está brincando, só pode! — Paula se mexeu na cadeira, de modo a ficar de frente para ele.

— Sei cantar todas as músicas, você vai ver. Agora, lembre-se de quem você é e assista o filme bem quietinha. — Júlio pegou o rosto de Paula com as duas mãos e o virou para a frente. — Olha, já vai começar. Quando Mufasa morrer eu deixo você segurar minha mão, tá bom? — E riu da cara de incrédula de Paula.

A garota estava impressionada, Júlio realmente sabia todas as canções, cantando-as a plenos pulmões e recebendo vaias de todos os lados. Quando Mufasa foi jogado desfiladeiro abaixo, ele cutucou Paula, que àquela altura já estava chorando, e mostrou a mão estendida logo abaixo. Paula pensou por um momento e bem,



ela estava triste mesmo e talvez realmente precisasse de uma mão acolhedora. Para sua surpresa, assim que os dedos de Júlio se fecharam sobre os dela, o coração começou a bater mais forte e de repente foi invadida por uma vergonha de olhar para aquele homem chato e arrogante ao seu lado. Ficaram de mãos dadas até o final do filme e, antes que as luzes fossem acessas, Júlio deu um beijo na mão dela, deixando a garota desconcertada e com um vazio enorme, assim que os dedos dele desprenderam-se dos seus. Sem mencionar o fato de que não havia prestado a mínima atenção no filme que tanto amava.

\*\*\*

— Não posso acreditar que você fez isso comigo! — Maria resmungava enquanto retornavam para a fazenda.

— Sinceramente, não sei do que você está falando — Paula olhou para a garota ao seu lado por alguns segundos, voltando a atenção para a estrada a sua frente.

— Como Daniel sabia que estávamos no cinema?

— Maria, você acha que sou alguma adivinha ou coisa semelhante? Já disse que não faço a menor ideia. Talvez ele tenha colocado escutas na minha casa, grampeado seu telefone ou simplesmente decidiu ir ao cinema, pois já tinha os ingressos comprados. Ingresso que ele ia dar para você. — Paula suspirou. — É muito injusto você achar que eu falei algo com ele, depois da conversa que tivemos.

As duas ficaram em silêncio, até chegarem à casa de Maria. Paula estacionou o carro na frente da casa e ligou a luz da cabine.

— Paula — Maria falou baixinho. — Ele é um cavalheiro. A hora que você e Júlio foram comprar água, na saída do cinema, ele me convidou para um jantar amanhã à noite.

— Ele o quê? Um jantar?

— Sim. — Maria olhou em direção à casa. — E não pude dizer não para aquele sorriso lindo.

— Amiga, eu nem sei o que dizer... Eu realmente não sabia que eles estariam lá. Já parou para pensar que foi algo que

precisava acontecer para que você desse uma chance a vocês dois de se conhecerem melhor?

— Você acha? — Maria a fitou, olhos bem abertos e uma sombra de preocupação no rosto.

— Não sei, é só uma sugestão. — Paula não podia afirmar com certeza, apesar da esperança que tinha em seu coração. — Vamos orar hoje à noite, para que Deus ajude a organizar esses sentimentos. Maria, uma coisa de cada vez, não pule etapas, é apenas um jantar.

— Era apenas um filme e agora é *apenas* um jantar. Logo ele vai estar tão embrenhado em minha vida que não vai mais conseguir sair.

— Você já parou para pensar que essa é uma decisão que também é dele? Quanto ao embrenhar-se na sua vida. — Paula perguntou.

— Só estou tentando evitar o sofrimento. Por mais que você diga que somos amigos e ninguém está assinando um contrato ou algo parecido, eu sei onde isso vai terminar, eu sei o que sinto por ele e sei o que ele sente por mim, basta olhar naqueles olhos negros.

— Então, pare de fugir. Se está acontecendo desse jeito, tenha calma, ore e confie. A vida é feita de escolhas e se ele, mesmo sabendo das dificuldades que vai enfrentar, ainda assim quer estar ao seu lado, ainda é uma decisão dele. — Paula falou num fôlego só, antes que a amiga a interrompesse. — Não venha dizer que eu não entendo. Eu acho que você precisa estar mais calma, confiar que não está só, ok?

— Ok. Vou fazer isso. Desculpe por ter duvidado de você. — Maria pegou a mão da amiga e de repente se lembrou de algo. — Mas, já falamos o suficiente sobre mim. O que, exatamente, você e Júlio estavam fazendo de mãos dadas durante o filme todo?

— Você viu? — Paula sentiu as bochechas corarem.

— Todo mundo viu.

— Todo mundo?

— Paula! — Maria riu — Você precisa ver a sua cara! Parece que viu uma assombração ou algo parecido. — Maria a observou, inclinando a cabeça — Então, vai me contar a história toda ou não?

— Não há nada para contar, ele apenas... ah! Enfim, o leão morreu, fiquei emocionada e, bem, lembrei agora que preciso voltar para a fazenda, esqueci de checar o portão dos fundos, as ovelhas adoram escapar por lá.

Maria riu alto.

— Você é uma figura. — Abriu a porta e começou a descer do carro.

— Hei — Paula a chamou, fazendo a amiga dedicar atenção a ela —, assim que chegar em casa, amanhã à noite, quero relatório completo do que aconteceu, ok?

Maria piscou e fez um sinal de joia com a mão, antes de bater a porta da camionete. Paula virou a chave e deu partida. Tentou organizar os pensamentos no caminho até o casarão, mas parecia que a mão que havia sido segurada pela de Júlio estava pegando fogo. Qual não foi a sua surpresa, quando atravessou o portão de Caminho para o céu e olhou na direção da varanda da casa e viu Júlio sentado nos degraus.

— Oi — disse assim que chegou perto do rapaz.

— Oi — Ele respondeu, ficando em pé. — Eu vim de carona com Daniel e, bem, ele ia me deixar em casa, mas eu precisava falar com você.

— Sobre o quê? — Ela passou por ele, indo em direção a porta, mas antes que pudesse continuar sentiu uma mão segurando seu cotovelo, fazendo-a parar.

— Eu... — Júlio a olhava intensamente, e era quase palpável a tensão que pairava entre eles. — Eu... — ele repetiu. — Bom, na verdade, queria dizer que já li o último contrato que você me enviou e fiquei em dúvida sobre uma cláusula e gostaria de repassar ela com você.

— Ah! — Paula ficou decepcionada, mas não compreendeu muito bem o motivo. — Acho que isso poderia esperar até amanhã, já está tarde.

— Sim, mas como eu estava aqui perto decidi já resolver de uma vez por todas.

Paula pensou por um momento, sentindo que ele ainda a segurava pelo braço.

— Vamos entrar e tomar um café, enquanto discutimos isso, às — olhou para a tela do celular — 23 horas. Você me quebra, hein, Júlio! Isso é hora? — Tentou quebrar a tensão entre eles, o que funcionou, o rapaz soltou o braço dela e logo aquele sorriso arrogante estava no lugar de sempre. Paula quase suspirou de alívio.

Enquanto preparava o café, olhava para Júlio de soslaio. Ele lia o contrato que estava em suas mãos, em busca da bendita cláusula contratual dúbia. Assim que encontrou, mostrou para Paula. Ele estava certo, era algo que precisaria rever com a empresa contratante. Mesmo assim, ela ainda achava estranho ter ele ali, naquele horário, logo depois do que aconteceu no cinema.

— Então é isso. Problema solucionado. — Paula fechou a pasta.

— Paula — Júlio começou. Respirou fundo, ficou de pé e passou a mão pelos cabelos castanhos. — Não vim aqui para falar do contrato.

Naquele instante ela prendeu a respiração, sem perceber, mas não disse nada.

— Estou aqui pois tenho algo que gostaria de conversar com você. — Ele tornou a sentar, aproximando a cadeira e sem tirar os olhos dela. — Eu...

## Capítulo 9 - Dúvidas e despedidas

O telefone tocou no exato momento em que Júlio tornou a falar. Como, em toda a imensidão das possibilidades, aquele telefone decide tocar justo naquele momento? Paula tentou ignorar, mas Júlio levantou, a contragosto, e tirou o aparelho do gancho levando-o ao ouvido.

— Sim, ela está aqui. — Silêncio. — Estava resolvendo um problema com um contrato. — Silêncio mais uma vez. — Maria, francamente, o que você pensa de mim? — E desligou o telefone com raiva.

— Maria? — Paula perguntou.

— Sim, ela disse que você não respondeu a mensagem dela no celular, então achou melhor ligar. — Júlio colocava o casaco, enquanto era observado por Paula.

— Você está saindo?

— Sim. — Fechou o zíper da jaqueta. — Conversamos em outro momento.

— O que você tinha para me dizer? — Paula ficou de pé.

— Nada importante. Já está tarde e preciso voltar para casa.

— Eu posso te levar. — Paula também começou a colocar o casaco, mas Júlio balançou a cabeça, negando.

— Não tem necessidade. Acho que estou precisando de uma caminhada.

— À meia noite? Tem certeza? — Ele não parecia muito convincente.

— Sim. — Eles ficaram se olhando por uma fração de segundos. — Amanhã nós conversamos, tá bom, Paulinha?

— Já disse para não me chamar assim, seu... — Paula praticamente rosnou, fazendo Júlio rir, para logo em seguida, se aproximar dela e envolvê-la em um dos seus abraços de urso. Dessa vez, porém, ele demorou para soltar. Paula sentiu que suas próprias mãos contornaram a cintura dele e sua cabeça, involuntariamente, pousou no peito dele. Era impressão dela ou o coração dele estava acelerado?

— Boa noite, Paulinha. — Ele a soltou, dando um beijo em sua testa.

Era a segunda vez, em poucas horas, que Paula sentia um vazio enquanto Júlio se afastava dela. Ele saiu pela porta dos fundos e ela ficou ali, parada no centro da cozinha sem compreender muito bem o porquê de não estar conseguindo se movimentar. Afinal, o que estava acontecendo com Júlio? E por que ele estava agindo estranho? E mais, por que ela estava sentindo aquela vontade de correr atrás dele e abraçá-lo mais uma vez? Levou a mão até a boca para esconder o espanto. Não poderia ser. Será que ela...

O telefone tocou mais uma vez, tirando-a de seus devaneios. Ao atender, Maria mais uma vez perguntou porquê ela não estava respondendo suas mensagens no celular.

— Estou precisando de aconselhamento de uma amiga e só o que estou recebendo é um silêncio aterrador — disse de forma dramática. — Júlio ainda está aí?

— Não, acabou de sair. — Paula respondeu, tentando trazer seus pensamentos de volta para o lugar.

— Ótimo, preciso de atenção. Leia as mensagens que te enviei. — E desligou.

Paula ainda demorou uns cinco minutos, parada em pé na cozinha.

\*\*\*

No dia seguinte, Paula acordou mais tarde que o habitual. Cometa estava impaciente esperando por ela, já havia subido na cama, lambido o rosto da garota, latido em seu ouvido e então a observava, deitado nas duas patas.

— Você é bem insistente! — Paula passou a mão na cabeça do cachorro, que tornou a ficar agitado. — Ok, já estou indo... calma...

Saíram da cama e seguiram a rotina habitual. Depois Paula decidiu dar uma caminhada pela fazenda, para ver se estava tudo certo e para organizar os pensamentos bagunçados pela noite anterior. Pensou nas cartas que estava escrevendo. Talvez fosse um

bom momento para escrever uma extensa e dramática carta sobre as muitas dúvidas que pairavam sobre sua cabeça, como passarinhos tentando fazer um ninho.

Todo barulho de carro chamava a atenção dela, fazendo-a olhar em direção ao portão. Estava com medo de que Júlio realmente aparecesse para conversar. O que ela diria? E o pior, o que ele diria? Será que ela estava imaginando coisas? Afinal, era impressão dela ou Júlio estivera prestes a se declarar? Tudo bem, era da natureza dele abraçar, mas ele nunca a havia beijado na testa antes e ele também beijou a mão dela. Paula passou os dedos na mão esquerda, onde os lábios de Júlio haviam pousado na noite anterior. Era como se ela ainda pudesse sentir exatamente onde os lábios haviam tocado, pois estavam quentes e, nossa, como eram macios!

Pode parecer incrível, mas Paula nunca havia sido beijada. Passou a maior parte da adolescência ocupada demais criando confusão nas escolas pelas quais passou, e foram muitas antes de acabar na mesma que Maria, onde teve um encontro com Jesus e percebeu que sua história poderia ser diferente da dos pais. Até os dezesseis anos o referencial de casamento dos pais havia feito com que ela duvidasse da existência do amor. Ela não queria aquela enxurrada de gritos e melodrama para sua vida, mas queria alguém que estivesse do seu lado, independente do momento que estivesse passando.

A imagem de Júlio pairou em sua mente. Lembrou dos olhos esverdeados, da barba por fazer quando ele estava muito atarefado, dos cabelos castanhos ligeiramente enrolados nas pontas. Sim, aquele homem era lindo, até mesmo com aquele sorrisinho que a irritava. Percebeu que estava sorrindo enquanto lembrava dele sentado em sua cozinha brincando com Cometa, com ela e com os sobrinhos. Recordou-se das inúmeras vezes em que ele a ajudou nas tarefas da fazenda ou com os contratos de publicidade. De repente, sentiu uma vontade enorme de encontrá-lo, de abraçá-lo e conversar sobre aqueles filmes idiotas que ele adorava. Chamou Cometa e começou a correr em direção à camionete, precisava ver Júlio e era já.

Antes que pudesse dar partida no veículo, João apareceu, seguido de Daniel, ambos com caixas na mão.

— Bom dia, Paula! — Daniel a cumprimentou. — Preparada para mais um dia de feira?

— Ah, claro! — concordou desanimada, procurando entender como havia se esquecido que era dia de viajar para Joaçaba.

— Não me pareceu muito convincente. — João a olhou, perguntando em seguida se estava tudo bem.

— Sim, claro... Daniel, você vai comigo?

— Aham — ele respondeu. — Minha mãe disse que quer preparar alguns doces para Maria, já que ela viaja em breve. Se você não se importar, é claro.

— Não tem problema, fico feliz que ela se preocupe com Maria. — Paula desceu da camionete e foi ajudar aos homens a carregarem as caixas com frutas, verduras e legumes.

\*\*\*

Passou o dia todo em outro planeta. Daniel chamou a atenção dela inúmeras vezes. Dessa vez, ele quem contou histórias no retorno para casa, mas Paula apenas sorria eventualmente.

— Tem certeza de que está tudo bem? — Daniel perguntou assim que chegaram na fazenda.

— Só estou com muita coisa para resolver. Desculpe se não te dei atenção hoje.

— Não se preocupe, está tudo bem. — Daniel checkou a hora no relógio de pulso. — Preciso ir, espero que você dê conta de todas as suas tarefas — falou já se afastando, fazendo Paula recordar que ele jantaria com Maria naquela noite.

Já em sua casa, checkou a secretária eletrônica, olhou as mensagens no celular e chamou por Pietra, que passava em frente à sua casa:

— Alguém me procurou hoje?

— Não, Paulinha. Hoje estive tudo muito calmo por aqui. — Pietra sorriu, já se afastando.

— Júlio não passou por aqui?



A mulher parou e pensou, mas balançou a cabeça em negativa.

— Você está esperando alguma encomenda? — Pietra questionou, já que era normal Júlio trazer a correspondência para o Caminho para o céu.

— Quase isso... — Paula entristeceu-se, chamando por Cometa e entrando na casa.

— Por que ele não apareceu? — Perguntou para Cometa, quando já estava sentada em sua mesa na biblioteca. O cachorro inclinou a cabeça, quase como se estivesse dando de ombros. A garota decidiu se concentrar no trabalho, talvez fosse melhor esquecer o episódio da noite anterior.

\*\*\*

Naquela semana, Paula nem viu Júlio e foi soterrada por uma enxurrada de problemas e pendências a ser resolvidas, sem mencionar o final de semestre na faculdade. Foram se encontrar apenas na casa de Maria, no almoço de despedida. Quando sentaram à mesa, Júlio sorriu para ela, mas nem se aproximou para abraçá-la. Paula estava prestes a perguntar o motivo de ele estar agindo estranho com ela, quando uma garota baixinha, cabelo cortado no estilo chanel e com sardinhas espalhadas pelo rosto de boneca, entrou na sala de jantar. Maria foi até Paula, fazendo sinal para que a seguisse até a cozinha.

— Quem é essa garota que acabou de chegar? — Paula perguntou, para logo em seguida desejar nunca ter ouvido a frase pronunciada por Maria.

— Paola, a namorada de Júlio.

Paula sentou na primeira cadeira que encontrou, boquiaberta. Enquanto Maria andava de um lado para o outro, falando mais consigo mesmo do que com a amiga.

— Os boatos são verdadeiros! Não esperava que meu primo namorasse com ela... — Maria colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e parou abruptamente, olhando para Paula, que naquele momento estava sentindo a pressão baixar e vendo o mundo escurecer ao seu redor. — Amiga, o que você tem?

— Não estou me sentindo muito bem.

Maria correu para a pia da enorme cozinha e voltou com um copo de água.

— Bebe! Você ficou assim por causa da notícia do namoro de Júlio?

Paula bebeu a água vagorosamente, preferindo que a amiga não a tivesse questionado sobre aquele assunto.

— Paula, você está apaixonada pelo Júlio? — perguntou, abanando a amiga com a tampa de uma panela que estava por perto.

Antes que Paula pudesse responder, Júlio entrou na cozinha e o seu olhar pousou nas garotas.

— O que está acontecendo? — Correu na direção delas. — Paula, você está bem? — ele perguntou pegando as mãos da garota, que as puxou de volta bruscamente e ficou em pé de supetão.

— Maria, preciso ir ao ban... — Mas, antes que Paula pudesse completar a frase, caiu desmaiada nos braços de Júlio.

— Ai, meu Pai! — Júlio entrou em pânico, enquanto segurava Paula em seus braços.

— Calma, Júlio — Maria gritou com ele.

— Estou calmo, meu Deus! — Júlio gritou de volta. — Precisamos fazer alguma coisa!

Nessa altura, todos os convidados do almoço estavam na cozinha, espantados com a cena que observavam.

— Paula está doente? Por que ela está desmaiada? — Júlio começou a questionar Maria.

— Ela ficou mal depois que falei a ela sobre você e Paola.

— O quê?! — Júlio gritou. — Você está maluca? Falou o quê?

Maria apenas o fitava estupefata.

— Não estou entendendo essa sua reação! — Maria ficou de pé, tornando a andar de um lado para o outro — O que, supostamente, eu deveria ter dito a ela?

Júlio pegou Paula no colo e começou a andar em direção à saída. Maria seguiu em seu encalço, enquanto os convidados observavam toda aquela situação, cheios de questionamentos.

— Abre a porta do carro, Maria — Júlio falou áspero.

— Calma, calma... estou indo. — Maria abriu a porta e reclinou o banco.

— Não compreendo o que a fez desm...

Antes que Júlio pudesse completar a frase, sentiu a mão de Paula alcançando seu rosto.

— Júlio... — Paula sussurrou. — Onde... o que... aconteceu?

— Vamos levá-la ao médico, fique tranquila, está tudo certo.

— Júlio a colocou no banco, passando o cinto de segurança e ajeitando uma mecha do cabelo.

— Júlio, toma aqui a chave. — Seu Antônio jogou a chave para ele, enquanto Maria tentava explicar a todos o que havia acontecido. O rapaz deu a volta no carro e entrou, ligando e saindo apressadamente da garagem.

\*\*\*

Júlio levou Paula para a emergência e não saiu do lado dela por nenhum segundo. A médica do plantão a colocou no soro e ela acabou pegando no sono, logo depois que tiraram sangue para fazer alguns exames. Enquanto ficava esperando pelos resultados, o rapaz pegou a mão de Paula e a segurou, acariciando os dedos com suavidade. Júlio se pôs a pensar nos momentos que passou com Paula no último ano. Desde que ela chegara em Ouro, sua vida tinha se transformado, ele precisava admitir que já não imaginava sua vida sem aquela rabugenta por perto.

Tocou os dedos de Paula com os lábios, depositando um beijo leve em seguida. Arrumou os cabelos da garota com a mão livre, passeando os dedos pelo rosto dela. *A rabugenta mais linda que já conheci*, pensou.

Uma hora depois, Paola e Maria chegaram à emergência. As duas logo avistaram Júlio e o encheram de perguntas.

— Os exames mostraram deficiência em ferro, desidratação e colesterol alterado. A médica comentou que ela pode estar se esforçando em demasia e se alimentando mal. — Júlio explicou, sem soltar a mão de Paula.

— Meu ônibus sai daqui quarenta minutos. Já nem sei se devo viajar... — Maria se aproximou, do outro lado da maca em que Paula estava.

— Maria, ela vai ficar bem, só precisa descansar e se alimentar melhor. Acho que você não deveria perder as passagens, que provavelmente custaram uma fortuna... e só tem esse ônibus que vai para Curitiba nos próximos três dias.

Paula se aproximou, colocando a mão do ombro de Júlio.

— Ele tem razão.

Maria pensou por alguns segundos e acariciou o rosto da amiga.

— Ela bem que podia acordar para que eu pudesse pelo menos me despedir dela.

— A enfermeira comentou comigo que é normal em pessoas com deficiência de ferro, o cansaço extremo.

— Olhe, ela está acordando! — Paola percebeu.

— Amiga! — Maria falou baixinho — Estou aqui!

— Você não deveria estar viajando para o aeroporto de Curitiba? — Paula tropeçou nas palavras, grogue, tentando sentar na maca e soltando as mãos que seguravam as suas.

— Não me perdoaria se viajassem sem te dar um abraço e ter a certeza de que você está bem. — Maria a abraçou, tomando cuidado para não enroscar no tubo de soro que estava preso ao braço da amiga.

— Eu vou ficar bem.

— Se aprender a descansar e se alimentar melhor! — Júlio ralhou com ela, recebendo um olhar dilacerador como resposta.

— Júlio tem razão — Maria pegou as mãos da amiga —, você tem exagerado nos últimos tempos. Precisa delegar algumas funções.

— Vou me esforçar. Amiga — Paula a abraçou novamente —, foi maravilhoso passar esse tempo com você. Meu coração está apertado por saber que você vai viajar novamente. Mas, como você mesma disse, precisa lutar pelos seus sonhos. É uma pena não poder te acompanhar até a rodoviária.

— Não se preocupe, Daniel vai me levar.

Desde o jantar, os dois haviam decidido que seriam bons amigos, orariam um pelo outro e esperariam pela resposta de Deus sobre as intenções de seus corações. Paula sorriu ao ver a amiga sair do quarto, tentando assegurá-la de que ficaria bem. Somente depois de Maria partir percebeu a presença de Paola ao lado Júlio.

A garota notou o desconforto de Paula e avisou que já estava de saída, dizendo a Júlio que o encontraria mais tarde.

— Você pode ir com ela, não precisa ficar aqui comigo. — Paula falou de uma maneira um tanto ríspida, pegando Júlio e Paola de surpresa.

— Não. Vou ficar com você — Júlio respondeu no mesmo tom que ela. — Paola, deixe com meu pai os papéis do caso no qual estamos trabalhando. Amanhã à tarde eu entrego meu parecer. Pode ser?

A garota concordou e saiu, acenando de forma tímida para Paula.

— Por que você foi tão estúpida com Paola? — Júlio perguntou, enquanto ajeitava a cortina que cobria a maca onde Paula estava sentada.

— Não tenho obrigação em ser simpática com sua na...

— Paula Alves? — uma enfermeira chamou por ela.

— Sou eu. — Paula levantou a mão.

— Os últimos resultados chegaram, a médica quer vê-la antes de você receber alta. Seu namorado pode nos acompanhar. — A enfermeira apontou para Júlio.

— Ele não é meu namorado e vai esperar aqui. — Paula levantou, arrastando o suporte do soro, sem olhar para o rosto de Júlio.

\*\*\*

Júlio estacionou o carro do pai de Maria na frente do casarão, descendo rapidamente para ajudar Paula. Abriu a porta e deu a entender que a pegaria no colo.

— Hei, ainda sou capaz de caminhar, só estou com anemia, mas bem vivinha! — Paula resmungou, descendo e caminhando na direção da entrada da casa, com Júlio no seu encalce.

— Você poderia ser um pouco mais simpática com a pessoa que está te ajudando, sabe? — Ele passou na frente dela, abrindo a porta para que ela entrasse.

— Não pedi por sua ajud... — Antes de terminar a frase, sentiu-se tonta e se não fosse os braços de Júlio ao redor de sua cintura, teria caído no chão. Júlio continuou segurando-a, enquanto a respiração da garota ficou ofegante.

— Acho que terei de carrega-la até seu quarto. — Júlio a pegou no colo. — Passe sua mão aqui, isso. — Ajeitou o braço dela ao redor de seu pescoço e começou a subir as escadas.

Ele não estivera no quarto de Paula desde que ela se mudara para aquela casa, apesar de conhecer muito bem o cômodo, já que havia sido seu quarto desde que era uma criança. Era o melhor da casa, na opinião dele. Além da vista linda para a montanha, tinha banheiro e um modesto *closet*. A garota que segurava em seu colo tinha feito um ótimo trabalho na decoração. Estava mais claro, com um papel de parede floral e simples e a enorme cama no centro do quarto com roupa de cama extremamente branca, deixava o quarto ainda mais bonito.

Júlio deitou Paula com cuidado, ajeitando os travesseiros em seguida. Quando terminou, sentiu a mão fraca dela prender seu pulso.

— Não me deixe sozinha aqui... — ela sussurrou. — Converse comigo sobre aqueles filmes idiotas que você curte.

Júlio sentou-se na cama bem junto a ela, olhando-a, num misto de admiração e curiosidade.

— Não são filmes idiotas — disse por fim.

— Isso é a sua opinião, mas eu, na condição de doente, tenho o direito de falar que são filme horríveis! — Cruzou os braços tal uma criança mimada.

— Cite um dos filmes que te indiquei que é assim tão horrível!?

— Posso começar por Rocky Balboa I...

— Você ousa criticar um clássico do cinema?

— Clássico ou não, é um verdadeiro show de horrores! — Paula arqueou as sobrancelhas, desafiando Júlio.

— Sabe — ele se aproximou ainda mais de Paula, os rostos próximos —, acho que eu sei o que você está precisando. — O nariz dele quase encostando no dela.

Paula se encolheu o máximo que pode antes de perguntar:

— O... o quê?

Antes que ela pudesse compreender, Júlio estava fazendo cócegas em sua barriga, deixando-a sem ar de tanto rir. Paula tentou escapulir, mas ele a segurou pelos braços, ficando sobre ela. Com as mãos ocupadas, segurando os pulsos de Paula e os joelhos ao redor da cintura da garota, ficou observando-a. A respiração de ambos acelerada.

— Pare com isso, eu sou uma moribunda. Além do mais, acho que sua namorada não ia curtir essa cena toda aqui — Paula disse forçando os pulsos, tentando se libertar.

— Como? O que você disse? — Júlio afrouxou um pouco, o suficiente para que Paula conseguisse escapar, ficando em pé. Mas, antes que pudesse repetir a frase anterior e jogar na cara dele que aquela era uma péssima atitude para um rapaz comprometido, ouviram passos acelerados subindo a escada. Logo em seguida Cometa irrompeu no quarto, pulando ao redor da cama. Não demorou muito e Pietra também entrou no quarto, se aproximando de Paula.

— Menina, que susto foi esse que nos deu! — Pietra passou a mão pela testa dela, verificando se estava com febre. — Quatro pessoas já me ligaram perguntando sobre você... cidade pequena, sabe como é! As pessoas se preocupam.

— Ou se metem onde não são chamadas — Júlio resmungou.

— O que disse, querido? — Pietra perguntou.

— Disse que estou de saída. Vou até a casa de Maria pegar a camionete e já vou aproveitar e trazer um pouco de sopa que pedi a minha mãe — falou já se encaminhando à porta.

— Estou bem, não tem necessi...

— A última vez que você disse que estava bem, quase desmaiou. — Ele voltou-se para Pietra. — Acho melhor você ficar aqui com ela até eu voltar.

— Claro, menino Júlio. Não se preocupe, não desgrudarei dela nem por um segundo. — Pegou Paula pelo braço, com gentileza, mas ao mesmo tempo com certa força e foi levando-a de volta para a cama. — Você vai ficar bem quietinha aqui.

— Mas... — Paula tentou arguir.

— Nada de *mas*... Vamos.

Júlio saiu com a testa enrugada e Paula ficou presa na cama, impedida até mesmo de tomar banho.



## Memórias em papel timbrado - cartas

Querido,

*espero que onde você estiver, esteja bem e debaixo da graça de nosso Pai. Oro para que você esteja crescendo em graça e conhecimento e submetendo todos os seus planos à vontade de Deus. Oro para que seu caráter esteja sendo moldado e que o Senhor o esteja abençoando e ajudando para ser uma pessoa melhor. Oro, também, para que você goste de chimarrão, pois me descobri viciada nessa bebida e já não imagino meus entardeceres sem um bom mate.*

*Nesses últimos dias em que estive doente (já estou melhor, era anemia), fiquei pensando que seria legal ter você do meu lado para me cuidar. Porém, logo espantei esse pensamento que despertou ansiedade e tristeza, para me concentrar no fato de que Deus colocou pessoas lindas e boas no meu caminho, amigos que são verdadeiros anjos. Tenho certeza de que você também possui pessoas incríveis e lindas, presentes de Deus, que cuidam e ajudam a prosseguir nesse mundo de enganos e mentiras.*

*Pietra, João e Daniel cuidaram de tudo na fazenda. Essa família são anjos na minha vida. É uma pena que Daniel viaja hoje, ele tem sido um ótimo amigo e quase o estou aprovando como meu irmão e cunhado, afinal, Maria é minha irmã e ninguém muda isso.*

*Outra pessoa que tem estado tão presente quanto é Júlio. Ainda não tive a oportunidade de ficar sozinha com ele e dizer-lhe algumas verdades sobre as expectativas que ele despertou em mim. Sim, eu pensei que estivesse gostando dele. Mas qual não foi a minha surpresa ao descobrir que está namorando com Paola! Tenho me esforçado para não ficar com ressentimentos dela, pois ela não tem culpa de nada, nem a conheço.*

*Ainda sinto meu coração acelerar quando vejo Júlio e quando ele está muito próximo sinto minhas bochechas corarem. Tenho me repreendido por causa dessas sensações. Onde já se viu? Gostar*

*de um cara comprometido... e logo Júlio, aquele irritante, infantil, imaturo e tantos outros adjetivos que começam com a letra “i”. Não sei, acho que a anemia deve ter afetado o meu cérebro, só pode! E pensar que por um vislumbre de momento eu pensei que poderia dar uma chance para mim e Júlio... nossa, como fui tola! Só de lembrar disso, fico com vergonha.*

*Espero que você não se importe de eu estar abrindo meu coração desse jeito, mas sei que quando você chegar, seremos melhores amigos e que poderei confiar a você todos os meus medos, da mesma forma que você encontrará em mim uma amiga, conselheira e o que mais precisar.*

*Essas cartas estão cada vez mais parecidas com um diário. Espero que você goste de ler (e que não se importe com o fato de eu ter uma biblioteca sendo preenchida com muitos livros todos os meses).*

*Abraços,  
Paula.*

## Capítulo 10 - Fogo!

Os dias foram passando, nossa protagonista foi melhorando e voltando para sua rotina. Daniel retornou para suas atividades no exército, viajando para uma cidade próxima. Maria já estava em semana de provas e Júlio era evitado ao máximo. Paula jamais ficava sozinha com ele no mesmo cômodo e se, por ventura, ele aparecesse no casarão ela inventava um compromisso, fazia uma ligação ou simplesmente dava a volta na residência e seguia para a casa de vegetação, ficando por lá mais tempo que o normal, até ter absoluta certeza de que ele se fora.

Era besteira, ela sabia. Não poderia fugir pelo resto da vida. Ele era seu amigo e tinha demonstrado isso com o tempo que dedicou cuidando dela enquanto se recuperava da anemia. Mas, naquele momento ela estava se sentindo incapaz de encarar Júlio. Talvez fosse a vergonha de admitir que finalmente percebera os reais sentimentos por ele. Não falara sobre isso com ninguém, com exceção de uma única e breve menção em uma de suas cartas. Era o suficiente. Falar sobre aquilo não era muito divertido. Era triste.

Nunca antes experimentara o que era sentir algo por outra pessoa. Quando lembrava de Júlio, era inevitável, logo um sorriso escapulia pelos lábios. Lembrava-se das piadas idiotas, até dos ombros largos, mas sempre acabava com a imagem daquela garota cheia de pequenas sardas, Paola. Não tinha nada contra ela, na verdade, desejava que os dois fossem felizes e se sentia culpada por ainda ter sentimentos românticos por Júlio.

*Porque, justo agora, decido perceber que sinto algo por ele? Porque fui me apaixonar por alguém que já entregou seu coração para outra pessoa?*

Se questionava sozinha. Tentava entender o propósito por trás daquele momento de sua vida, mas não conseguia compreender qual era a necessidade de passar por aquilo. Às vezes, encontrava Júlio e Paola pelos corredores da universidade e, naqueles momentos, desejava sumir, voltar para São Paulo, viajar para os Estados Unidos e ficar um tempo com Maria, enfim,

qualquer coisa, longe da vergonha que sentia ao perceber o coração acelerado, as mãos suando frio e as bochechas rosadas, por causa de Júlio, aquele arrogante, lindo e *comprometido* homem. Paula já havia perdido a conta de quantas vezes pedira desculpas para Deus somente nas últimas vinte e quatro horas.

\*\*\*

— Acho que preciso fazer uma viagem! — Paula bateu as mãos, como quem chega a uma conclusão estupenda. — Um cruzeiro por todo o litoral brasileiro, ou uma *eurotrip*, quem sabe eu vá mochilar pelos Estados Unidos e fico um tempo com você. — Fitou a tela, com os olhos brilhando.

— Amiga, vamos por partes — Maria começou. — Primeiro: você não pode abandonar a fazenda agora, é época de colheita...

— Pietra e João dão conta e posso contratar um temporário — Paula interrompeu.

— Segundo — Maria ignorou o comentário —, você tem uma avalanche de vídeos para produzir sobre a vida na fazenda, ou esqueceu do seu último contrato. Júlio me contou que...

Paula sentiu um aperto no peito ao ouvir aquele nome e engoliu em seco.

— ... e seria legal se... Nossa, que cara é essa? — Maria a observava, desconfiada.

— Nada!

— Sei... — Maria agitou as mãos e prosseguiu — Bem, não terminei. Terceiro: você não tem dinheiro para fazer essa viagem, mesmo com todo esses *jobs* que você tem feito e com o lucro da venda dos orgânicos, eu bem me lembro que você comentou que não poderia fazer muita coisa até concluir o pagamento da casa de vegetação e a reforma que fez na casa de João e Pietra.

— Você é uma estraga prazeres com todas essas verdades que, de forma impiedosa, jogou na minha cara. — Paula olhou para a pequena tela do celular, triste.

— Alguém precisa ter os pés no chão por aqui. — Maria analisou a amiga. — Mas, afinal, do que você está querendo fugir?

— Não estou fugindo de nada — Paula respondeu, rápido demais.

— Está sim. Conheço você o suficiente para saber que essa ideia mirabolante esconde algo. Pode abrir seu coração para mim.

Paula cogitou a possibilidade de falar sobre os sentimentos confusos em seu coração, o medo e ansiedade que estava sentindo, mas foi salva pelo alarme do celular, avisando-a que estava na hora de sair para a igreja.

— Amiga, preciso desligar. O culto começa em 10 minutos.

— Ok, mas na volta pode me mandar mensagem explicando tudo.

— Não tem nada para explicar. Tchau. Amo você. Se cuida.

— E desligou a chamada antes que a amiga pudesse responder. Isso, com certeza, renderia uma bronca.

\*\*\*

Chegou à igreja no momento em que finalizavam um dos hinos de abertura. Sentou-se no último banco, que já era seu lugar favorito de sempre. Tinha construído algumas amizades na igreja, mas sempre preferia sentar sozinha e prestar seu culto a Deus sem interrupções.

Com os olhos fechados, orou. Pediu desculpas pelos pensamentos inconvenientes, pela falta de sinceridade consigo mesma e com Maria. Orou também pelos pais, de quem sentia muitas saudades, mas que a pouca coragem impedia de ligar ou, pelo menos, mandar uma mensagem. Com os olhos ainda fechados, sentiu que alguém se sentou ao seu lado. Concluiu a oração, agradecendo por todos os cuidados que Deus tinha com ela. Ao abrir os olhos, automaticamente olhou para o lado, dando de cara com Júlio, que sorriu.

Paula parou de respirar por um segundo e apenas assentiu, o cumprimentado. Olhou para frente, em busca de Paola e lá estava ela, sentada no primeiro banco ao lado de outro rapaz, que, espere... estava segurando a mão dela? *Mas... como? O quê?* O homem parecia ser mais velho que ela, talvez fosse o pai ou um irmão. Era estranho, mas decidiu se concentrar no culto e ignorar o

cheiro de loção pós-barba de Júlio. Seria difícil, mas ela tentaria ao máximo.

Enquanto o pregador daquela noite transmitia a mensagem sobre confiar nos planos de Deus, mesmo que as coisas parecessem estar fora de controle, ou muito diferentes do plano que havia sido traçado, Paula pensava sobre a própria vida. Não tinha sido uma vida difícil, quando se observava pelo olhar da sociedade que só pensa no quanto você tem e no quanto pode pagar. Sua infância tinha sido privilegiada. Sempre tivera tudo que as mãos podiam tocar e o dinheiro, pagar. No entanto, antes de conhecer Maria, que a apresentou a Jesus, parecia que nunca tinha o suficiente. Queria mais, era como um saco sem fundo, um vazio que nunca era preenchido. Sorriu, com o coração grato ao perceber que não sentia aquele vazio há muito tempo. Enquanto o pregador fazia a oração final, Paula ficou em pé e saiu à francesa, fugindo de Júlio.

Quando chegou a camionete, porém, ouviu aquela voz grossa chamando seu nome.

— Paula.

Virou o rosto em direção a ele.

— Está tudo bem? — Ele a alcançou, colocando as mãos no ombro dela.

— Sim, tudo bem.

— Porque saiu correndo? O culto nem terminou. — Júlio a soltou.

— Ai, Júlio... o que você quer? Por acaso é meu guarda-costas, um fiscal ou o quê? — Paula ficou irritada com a proximidade dele e com os próprios pensamentos. — Vê se me erra, tenho mais o que fazer.

— Nossa, tinha me esquecido do quanto você consegue ser estúpida em um período de tempo tão curto! — Júlio praticamente cuspiu as palavras na cara dela.

Paula sentiu o calor subindo ao rosto e dessa vez era de raiva.

— O que eu não entendo é essa sua fixação comigo. Porque não volta para lá e cuida da sua vida?

— É exatamente o que estou fazendo aqui, cuidando da minha vida. — Passou a mãos pelos cabelos bagunçando-os.

— Você parece um maluco, gritando comigo assim. — Paula abriu a porta da camionete, mas antes de entrar, sentiu o braço ser preso pelas mãos de Júlio.

— Paula, não entendo esse seu afastamento nos últimos tempos. Eu pensei que... — Júlio soltou o ar, exasperado — Pensei que, bem, eu e você...

— Pensou o quê? — Paula puxou o braço — Você deveria concentrar seus pensamentos em sua namorada e parar de encher minha cabeça.

— Você é doida? — Júlio falou alto. — Toda vez é isso, namorada... namorada... eu não entendo você. — As últimas palavras ditas pausadamente.

Quando Paula preparava seu melhor argumento para jogar na cara daquele dissimulado (isso, leitor, na opinião dela), uma explosão na igreja quase fez com que os dois caíssem para trás. Olharam perplexos para as chamas que iniciaram sua subida em direção ao céu e logo em seguida, pessoas correndo aos gritos para o estacionamento.

— Ligue para os bombeiros. — Júlio falou para Paula e saiu correndo na direção do incêndio.

Paula fez o que ele mandou e assim que terminou a ligação foi em direção a algumas pessoas que estavam tossindo por causa da fumaça. Lembrou-se que tinha algumas garrafas de água no carro e as distribuiu. Observava de longe, tentando compreender o que havia acontecido, afinal, tudo tinha se passado tão rápido que ela se perguntava se aquilo era real.

— Estão todos aqui? — O pastor chamou. — Alguém está ferido?

Paula se juntou ao aglomerado de pessoas ao redor do pastor. As pessoas falavam baixo e confirmavam se todos estavam por perto, quando de repente uma mãe deu por falta seu filho.

— Meu filho não está aqui! — gritou, principiando-se na direção da igreja em chamas. — Meu filho! Meu filho! Otávio! — Alguns homens seguraram a mulher e Júlio correu na direção das chamas, desaparecendo no meio da fumaça.

Paula sentiu as pernas fracas e quis gritar, chamar aquele *idiota* de volta. Sentiu as lágrimas correndo pelo rosto, sem tirar os

olhos por onde Júlio tinha entrado, o desespero tomando conta de cada músculo do seu corpo. Quando pensou que desmaiaria ali mesmo, no estacionamento da igreja, lembrou-se de algo importante: oração. Iniciou uma oração em voz alta, para logo em seguida ser acompanhada pelas outras pessoas ao seu redor. Os minutos pareciam horas e nada daquele homem aparecer. Paula se arrependeu de ter gritado com ele a poucos minutos atrás, queria dizer a verdade, falar que o amava e que deseja a felicidade dele. Oh! Cenas de dias felizes começaram a rodar sua mente. Momentos que compartilharam, Cometa pulando ao redor e aquele bendito sorriso arrogante que, na verdade, ela amava.

A mãe do menino estava ajoelhada e chorando, quando as sirenes do caminhão do corpo de bombeiros soaram. Logo viraram a esquina e estacionaram na frente da igreja. O pastor foi ao encontro deles, avisando que haviam duas pessoas no interior, quando todos ouviram uma nova explosão. Paula imaginou que seu coração pararia de bater assim que seus olhos focaram um movimento na janela lateral, onde o fogo ainda não havia alcançado.

— Ali, olhem! Tem alguém ali — Correu para a janela, sendo afastada pelos bombeiros em seguida.

A janela estava aberta, então não foi difícil passar o pequeno Otávio pela estrutura. Porém, assim que Júlio entregou o menino para o bombeiro, desmaiou. Um dos bombeiros pulou a janela e conseguiu tirar Júlio, deitando-o no gramado próximo.

Paula correu até ele, ajoelhando-se ao lado do corpo inerte e pegando em sua mão.

— Moça, precisamos de espaço para iniciar os procedimentos de primeiros socorros. — O bombeiro pegou um rádio e falou algo com o companheiro — Moça, por favor!

— Não sairei do lado dele. — Paula chorava ao ver Júlio coberto de fuligem e cheirando a fumaça, o braço visivelmente queimado em toda a sua extensão.

Assim que ela pronunciou aquelas palavras, Júlio abriu os olhos, tossindo em seguida. O bombeiro, gentilmente afastou Paula, sem dar atenção aos protestos da garota. Colocaram em Júlio uma máscara de oxigênio e iniciaram uma limpeza no ferimento.



Paula ficou por perto, os olhos fixos em Júlio. Não conseguia conter as lágrimas e as mãos trémulas. Assim que o bombeiro terminou de limpar o braço de Júlio uma ambulância chegou, colocaram-no com cuidado em uma maca.

— Precisamos de um acompanhante. — O bombeiro apontou para Paula — Venha, pode ser você.

Enquanto caminhavam na direção da ambulância, Paula viu as pessoas ajudando umas às outras e o fogo sendo contido aos poucos pelos bombeiros. Ouviu quando o chefe dos bombeiros falou com o pastor:

— Amanhã será preciso fazer uma vistoria, para verificar os estragos e o quanto da estrutura foi comprometida. Recomendo que todos vocês voltem para suas casas, o restante do telhado pode cair a qualquer momento.

— Aquela — o pastor apontou para um emaranhado de fumaça e cinzas — era a minha casa.

A esposa do pastor o abraçou, perguntando o que fariam.

Paula não pensou duas vezes e foi correndo até ela.

— Dona Ester, dona Ester! — chamou-a.

— Está tudo bem com você, Paula? — A mulher perguntou, preocupada.

— Sim, não se preocupe. Tome. — Paula entregou as chaves da casa e da camionete. — Sei que acabaram de chegar na cidade e sei o que é isso, não conhecer muitas pessoas, por isso estou pedindo que fiquem em minha casa. — Um bombeiro chamou por Paula. — Vou acompanhar Júlio até o hospital, qualquer coisa me liga! — Paula saiu correndo, enquanto Ester e o marido, Carlos, se olhavam atônitos.

Assim que subiu na ambulância, deram partida com a sirene ligada. Paula sentou-se ao lado de Júlio, que àquela altura estava conectado a vários fios e tubos. Lembrou-se de Paola, mas agora era tarde, não poderia voltar, Júlio precisava chegar ao hospital.

\*\*\*

O atendimento foi rápido e em menos de trinta minutos Júlio estava em uma cama, provavelmente não muito confortável, mas

ainda assim uma cama, e ele estava deitado nela com um aparelho bipando ao lado, o que só podia significar uma coisa: ele estava vivo. Tossindo mais que o Sr. Poe<sup>[7]</sup>, era verdade, e sentindo um ardor terrível em cada milímetro do seu corpo. Quando Paula entrou no quarto, ele deixou seu coração ser preenchido por gratidão.

— Você não faz ideia do quanto estou feliz em... cof, cof, ver... cof! — Ele fez uma pausa e tomou um pouco da água que haviam deixado em uma bandeja ao lado da cama.

— Por favor, não force sua garganta. — Paula se aproximou da cama, com o celular nas mãos. — Seus pais devem chegar a qualquer instante, e eu avisei sua namorada que precisei te acompanhar.

— Minha na... cof, cof, morada? — Júlio arregalou os olhos e precisou tomar mais um copo de água.

Quando ele ia tornar a falar, uma enfermeira entrou no quarto para checar a temperatura e pressão de Júlio. Paula decidiu esperar no corredor, seria mais fácil para a família dele a enxergar. Assim que a enfermeira saiu do quarto, Paola apareceu, com os pais de Júlio a seguindo.

— Paula! — A mãe de Júlio a abraçou, emocionada. — Quem diria que uma coisa dessas poderia acontecer com nossa igreja e justo hoje que decidimos ficar em casa. — A mulher segurava um lenço e secou as lágrimas que rolavam por sua face. — Está tudo bem com Júlio?

— Sim, tudo bem com ele! Ele é um herói, devem estar muito orgulhosos dele. — Paula afagou o ombro da mãe chorosa.

— Ele é um maluco, isso sim! — o pai de Júlio reclamou, mas Paula sabia que ambos estavam impressionados com a coragem do filho.

— Ele está nesse quarto, acabou de receber um sedativo e a enfermeira checkou todos os aparelhos. — Ela apontou para a porta fechada.

— Filha, pode voltar para sua casa agora. — O pai de Júlio pegou a mão de Paula, agradecendo-a pela ajuda.

A garota quis reclamar e dizer que só sairia do hospital acompanhada de Júlio, mas ao fitar os rostos preocupados dos pais e de Paola, ocorreu-lhe que ele já estaria muito bem cuidado. Com

certo pesar, abraçou a todos, avisando que se precisassem de qualquer coisa não era preciso pensar duas vezes, bastava que lhe chamassem.

— Vou deixar o celular do meu lado!

— Não se preocupe, Paula. Júlio tem uma saúde de ferro e ficará bem.

Paula observou os pais do homem que amava, e que agora admirava, entrarem no quarto. Suspirou e começou a caminhar em direção à saída, quando Paola tocou em seu ombro.

— Vou levar você para casa. — Sorriu com ternura para Paula. — Vi a hora que você entregou as chaves do seu carro para o pastor e acho que um táxi ou Uber até o Caminho para o céu vai ficar bem caro.

Paula pensou em recusar, mas seria infantilidade demais. Olhou para aquela moça com o olhar doce e simplesmente assentiu. Era necessário que ela aprendesse a aceitar e amar aquela garota, afinal, Júlio ainda era seu amigo e sempre seria uma pessoa especial e importante em sua vida.

Caminharam em silêncio até o carro branco de Paola e seguiram assim até metade do caminho, quando Paula decidiu iniciar um assunto:

— Maria me contou que você é completamente apaixonada por Júlio desde o ensino médio — Paula olhou para a garota ao lado, que sorriu ao ouvir aquelas palavras.

— Uau! O tempo voa, não é mesmo? — Paola trocou de marcha e sorriu para Paula. — Sabe, nem me lembra... — foi interrompida pelo toque do celular. — Desculpe-me, mas preciso atender essa chamada e vou deixar no modo viva voz, não gosto de usar celular enquanto dirijo.

Paula anuiu e observou Paola dar ok na tela do aparelho de som, e então o carro foi inundado pela voz de um homem falando em uma língua estrangeira, que parecia ser italiano. O nome do homem estava salvo na agenda de Paola como “A. mio”, pois era esse o nome que brilhava na tela. Paula não entendeu uma única palavra que os dois pronunciaram, mas parecia se conhecerem muito bem e que estavam apaixonados, dado o jeito como falavam. Paula achou aquilo tão estranho, mas aquele dia já estava longo

demais e muitas coisas haviam acontecido. Era melhor ficar quieta e desejar que aquela pequena viagem até sua casa acabasse logo, para que pudesse tomar seu banho e dormir enfim.

\*\*\*

Quando finalmente chegou em sua casa, o pastor e sua esposa estavam no pé da escada, subindo para o andar superior.

— Paula! — Ester foi ao encontro dela e a abraçou. — Como está Júlio?

Paula contou-lhes o que os médicos haviam lhe repassado e que naquele momento Júlio dormia como um anjo, que ronca, afinal a mãe de Júlio tinha enviado um áudio daquela sinfonia desastrosa.

— Ótimo! Vamos orar por ele nessa noite. vamos orar por todos os acontecimentos e também agradecendo a Deus por ter colocado você em nosso caminho. — O pastor Carlos sorriu para Paula. — Apesar de tudo, Deus ainda tem cuidado de nós, assim como cuidou de Otávio e Júlio.

— Não sabemos o que será do futuro da igreja, mas sabemos que Deus está no controle de tudo. — Ester sorriu para o marido, um sorriso dolorido, mas cheio de esperança.

— Acho que estamos todos muito cansados e deveríamos dormir. — Paula os acompanhou até o quarto deles, mostrando onde era o banheiro e onde poderiam encontrar roupas de cama e toalhas.

Eles agradeceram mais uma vez, antes de ela sair do quarto. Paula admirou a fé daqueles dois, pois ao se colocar no lugar deles, imaginou ser incapaz de sorrir e manter aquela serenidade.

Depois do banho, deitou-se em sua cama, mas os pensamentos pousaram em muitas árvores e nenhuma delas era a do sono. Orou, leu um livro e desceu para a cozinha a fim de esquentar um copo de leite. Checou o celular infindáveis vezes e sempre que fechava os olhos, lembrava de Júlio correndo na direção das chamas e parecia que o desespero daquele momento a invadia mais uma vez. Paula também pensou na igreja e no quanto fora destruída. Levaria muito tempo para que conseguissem a reconstruir.

A noite seguiu com seus pensamentos passeando por universos paralelos, onde aqueles acontecimentos não passavam de pesadelos impossíveis. Conforme a madrugada ia passando, algumas ideias foram brotando no coração dela. Ideias que ela achava serem ótimas e que ajudariam muito ao pastor e a comunidade local. Um pouco antes do galo cantar e de mandar algumas mensagens para a mãe de Júlio, ela finalmente descansou a mente e o corpo por uma hora inteira.

As ideias que haviam lhe ocorrido na madrugada, ainda estavam na superfície, flutuando na imensidão do mar de sua mente como garrafas com mensagens românticas em seu interior. Paula desceu para a cozinha, encontrando Ester e Carlos preparando o desjejum.

Depois de os cumprimentar e tomar alguns goles de café, Paula iniciou sua fala:

— O senhor está vendo aquela sala enorme? — Paula abriu os braços na direção da sala de estar.

— Sim, sua casa é bem grande — disse com genuína sinceridade enquanto desligava o fogo onde estivera preparando ovos mexidos.

— Sim! — Paula disse satisfeita. — Só precisamos das cadeiras.

— Cadeiras? — o pastor perguntou confuso.

— Oras, sim! — Paula estava animada para fazer o anúncio daquela ideia que ficou tamborilando em seu coração boa parte da madrugada. — Ouvi quando o bombeiro falou sobre a igreja ser interditada. Não podemos permitir que as pessoas fiquem sem ouvir a palavra de Deus. Por esse motivo — limpou a garganta, impondo um pouco de drama ao que estava prestes a dizer —, estou sugerindo que, até a reforma da igreja ser concluída, os encontros passem a ser realizados aqui, na minha humilde sala.

Ester engasgou com o café e o pastor piscou algumas vezes, antes de abandonar a frigideira e pegar as mãos de Paula.

— Você está falando sério?

Paula reafirmou e o homem correu para abraçar a esposa.

— Não imaginava que receberíamos uma resposta tão rápido! — Ester falou, com os olhos cheios de lágrimas.

— Deus é bom! — O pastor alegrava-se. — Vamos providenciar as cadeiras o mais breve possível e ainda hoje vou passar na casa dos irmãos avisando-os do novo e temporário endereço.

— Tem certeza de que deseja fazer isso? — Os olhos de Ester estudaram Paula, assim que tornou aquela pergunta audível.

— Sim! — Paula respondeu sem pestanejar. — Além disso, metade de todo o valor que a fazenda e o meu trabalho com internet gerar nos próximos meses, será destinado para a reconstrução da igreja e as despesas com os encontros aqui em casa. Sei que tenho muitas contas para pagar, mas tenho fé que tudo correrá bem e que haverá multiplicação de forças e bens por aqui. — Ao pronunciar aquelas palavras, percebeu-se parte daquela comunidade e entusiasmada por poder ajudar de alguma forma. Fitou os rostos alegres a sua frente e deixou aquela alegria contagiá-la.

Porém, antes que se permitisse comemorar com os amigos, o telefone tocou.

— É a mãe de Júlio. Estranho... conversei com ela antes de descer para o café e não tem nem dez minutos. — Paula sentiu a garganta se fechar e o coração sambar no peito. Estava com medo do que ouviria ao atender aquela chamada. Reunindo esperança e com uma oração rápida, arrastou o botão verde da tela. — Alô?!

# Memórias em papel timbrado - cartas

*Querido,  
a vida é um sopro.*

*Não gosto de pensar muito sobre a morte. Apesar de ter certeza do lugar para onde estou indo, ainda sinto que tenho muito a fazer, pessoas para ajudar e, bem, muito o que melhorar. Desde que me mudei para Ouro muitas coisas aconteceram. Ok, eu sei que na verdade nada acontece por acaso e que todas as coisas possuem um propósito. Me agarro a essa certeza a cada notícia ruim ou acontecimento desagradável que chega até mim.*

*Quando a mãe de Maria faleceu foi um momento difícil para minha amiga e sei que até hoje o coração dela se entristece ao lembrar de todas os momentos que a mãe não vai mais viver. Talvez Maria se case, com Daniel possivelmente, e tenha filhos que nunca conhecerão aquela mulher forte e incrível que viriam a chamar de vó. Sei que essa é nossa realidade e que somente no porvir não teremos mais que derramar lágrimas por causa da morte, mas, por enquanto, me entristeço e permito que algumas lágrimas molhem este papel.*

*Desculpe se estou sendo muito mórbida, mas a ideia de perder pessoas que amo me assombrou ontem e me fez refletir. O que despertou minha reflexão foi uma ligação anunciando que meu amigo Júlio acabara de receber alta. Meu cérebro, porém, criou todo um cenário terrorista antes que eu pudesse ouvir o que a pessoa do outro lado do telefone tinha a dizer.*

*Sabe, acho que é importante que você saiba, futuro marido, que eu me descobri apaixonada por esse Júlio e por isso o medo de perde-lo me consumiu por completo. Espero que você não sinta ciúmes... ele tem uma namorada fofa e linda, e eu estou trabalhando e investindo muito tempo em esquecê-lo.*

*A vida é um sopro... e passa muito rápido. Espero que o tic-tac do relógio acelere para que eu possa te encontrar em breve e*

*quando nosso encontro acontecer, desejarei que os ponteiros das horas e minutos entrem em greve.*

*Com amor,  
Paula*



Cinco meses depois...

# Memórias em papel timbrado - bilhetes

*Futuro amor,*

*espero que não se importe, mas quando estou muito cansada, ronco ao dormir.*

*Sua princesa,  
Paula.*

## Capítulo 11 - Hóspedes inesperados

Paula estava arrumando a sala, limpando as cadeiras e distribuindo os hinários. Estava feliz e ignorando todos os problemas com as galinhas, ovelhas e com a polêmica gerada no último vídeo que publicara. As pessoas estavam implicando com o fato de ela ter confessado ser simpatizante do movimento vegano. Espantou os pensamentos mais uma vez e sorriu ao olhar para todas aquelas cadeiras dispostas na sala. Lembranças dos últimos cinco meses percorreram sua mente. Quantas mensagens lindas ouvira ali, quantas orações em favor de tantas pessoas e quantas almas alegres! Tinha sido um período de despertar. Aquela noite seria a última que se reuniriam ali. A reforma da igreja fora finalizada no dia anterior.

Paula fez uma breve oração, para logo em seguida ser interrompida por Pietra, que solicitava sua ajuda na casa de vegetação.

— Apareceram aquelas manchas tipo ferrugem mais uma vez... como é mesmo o nome da praga? — Pietra posicionou a mão no queixo e deixou o olhar distante, fazendo Paula rir.

— Vamos lá conferir, se for o que estou pensando, ainda temos aquela receita do medicamento caseiro para usarmos.

As duas saíram para o calor da tarde e contornaram a casa.

— Paulinha... — Pietra iniciou, um pouco tímida.

— Sim! — Encorajando-a.

— Desculpe a minha intromissão, mas o que está acontecendo entre você e Júlio?

Paula detestou a pergunta, mas pelo respeito e amor que sentia por Pietra, respirou fundo, tentando não dar uma resposta intolerante.

— Não aconteceu nada.

— Por que ele não aparece mais por aqui?

As duas alcançaram a porta da casa de vegetação e Paula colocou a mão na maçaneta, mas antes de abrir, olhou para Pietra e respondeu:

— Júlio deve estar ocupado com a faculdade. Maria me contou que ele está estagiando no Tribunal de Justiça Eleitoral, faz parte da formação dele.

— Mesmo assim, ele sempre estava por aqui. — Pietra atravessou a porta assim que Paula a abriu. — Sabe, eu pensava que ele era apaixonado por você.

Paula tossiu, disfarçando o nervosismo. Ela também pensara aquilo até descobrir que ele estava saindo com Paola.

— Vamos deixar esse assunto de lado e me mostre onde estão as plantas que você viu com o fungo, está bem? — Paula abriu passagem para que Pietra caminhasse em sua frente.

Enquanto seguiam pelo corredor, Paula permitiu-se lembrar de Júlio. Era verdade que ele aparecia com menos frequência e, se precisava entregar alguma coisa, vinha exatamente nos dias em que ela estava na feira em Joaçaba. Era uma pena que tivessem se afastado daquela maneira, mas no final das contas era o melhor para todos. Maria tentara falar sobre ele nas últimas chamadas de vídeo que fizeram, mas ela proibira a amiga de tocar no nome dele. Com o tempo, ela esperava esquecer e sentir-se mais preparada para falar sobre ele e quem sabe, tornar a vê-lo sem a sensação de uma faca atravessando seu peito.

\*\*\*

Carlos e Ester estavam arrumando a pequena mala, pois depois do culto daquela noite retornariam para a casa pastoral. Paula os observava.

— Paula, sei que pode ser repetitivo, mas nós estamos imensamente gratos por tudo o que fez por nós enquanto estivemos aqui em sua casa. — Ester sorriu.

— Se eu ganhasse um centavo toda vez que vocês me agradecem, já teria moedas empilhadas em quantidade suficiente para construir uma ponte para o outro lado do país.

— Deus é bom! — Carlos pronunciou a frase que Paula sabia ser a preferida dele. — E vamos orar para que ele continue derramando bênçãos sobre tua vida.

— Amém! — Paula sorriu — Agora, vou trabalhar mais um pouco. Em breve as pessoas começarão a chegar. Acredito que hoje teremos a casa, ou melhor, a sala cheia.

Paula foi para seu quarto e sentou na cama. Sentiu-se triste ao saber que no dia seguinte não teria mais a companhia do pastor e sua esposa. Já estava acostumada com as risadas e as visitas dos irmãos, sem falar dos cultos que enchiam a casa com louvores a Deus. Repreendeu-se por pensar aquilo, soava egoísta demais. Estava feliz pela reforma estar concluída. Havia cuidado pessoalmente dos últimos retoques da casa de Ester e Carlos, queria que eles se sentissem muito bem na nova casa. Apesar de não terem idades muito diferentes, ela os considerava como pais atenciosos e pelos quais tinha um amor imenso e que era recíproco, diferente dos pais biológicos. Ela amava Susan e Alberto, era inerente ao seu ser, mas duvidava muito que eles pudessem sentir o mesmo por ela.

Afastou os pensamentos e decidiu trabalhar um pouco na biblioteca, antes de se preparar para o culto. Precisava postar um vídeo e publicar um texto no Instagram de Mil Universos Particulares. Estava cada vez mais ligada à escrita e sempre que deixava seus dedos fluírem pelo teclado, desligava-se dos problemas, aflições e até esquecia as angústias do coração — bem, só parava para refletir sobre esse último tópico quando escrevia suas cartas. Mas, essas eram escritas a punho e muito bem trancadas na primeira gaveta da mesa do canto. Depois de quase dois anos escrevendo, tinha uma grande pilha... talvez precisasse encontrar outro lugar onde escondê-las. Não que alguém fosse se interessar por um monte de papel com seu garrancho.

Terminou tudo o que precisava fazer na biblioteca, fechou as portas e foi se preparar para o culto que começaria em menos de uma hora. Antes de entrar no banheiro, olhou pela janela do quarto que dava para a frente da casa e percebeu que algumas pessoas já começavam a chegar, incluindo Júlio, que naquele instante desaparecia da camionete, e uau! Ele estava mais lindo do que nunca, calças *jeans*, camisa branca e uma jaqueta de couro marrom por cima. Fazia tempo desde a última vez que ele estivera no Caminho para o céu. Cometa correu ao encontro do homem e pulou

em suas calças. Paula repreendeu-se por estar admirando, em uma janela, um homem comprometido. Deu um tapa na própria testa e seguiu para o banheiro, afim de se arrumar.

\*\*\*

Depois de tomar banho e usar a primeira roupa que avistou no *closet*, Paula saiu do quarto e estava prestes a descer as escadas, de onde já era possível ouvir alguns louvores sendo entoados, quando percebeu que as luzes da biblioteca estavam ligadas. Caminhou até lá para desligá-las, jurando que já tinha feito isso naquela noite e que, inclusive, tinha fechado a porta. Qual não foi sua surpresa ao encontrou Júlio, sentado em sua mesa, e com a mão na gaveta das cartas.

— O que você está fazendo? — Paula caminhou assustada em direção a mesa.

— Nada. Estava lembrando os tempos que te ajudava por aqui com os contratos. — Júlio ficou em pé e percebeu que Paula olhava fixamente para a gaveta — Ah, estava aberta, decidi fechá-la no momento em que você entrou.

— Você não deveria estar aqui. — Paula desviou os olhos da gaveta e pousou-os em Júlio.

Ele sustentou o olhar, ficando em silêncio por um longo e estranho minuto, para em seguida caminhar na direção de Paula e dar-lhe um daqueles abraços de ursos. Paula deixou-se ser envolvida pelos braços dele, enquanto permitia os próprios braços circundarem a cintura dele. Pousou sua cabeça no peito dele, ao que ele beijou o topo da cabeça dela, respirando fundo antes de dizer:

— Eu sinto tanto a sua falta.

— Eu também sinto saudades de você — Paula disse após alguns segundos. Mas em seguida, como um clique, afastou Júlio e fitou-o incrédula. — Isso é muito errado.

Júlio tentou se aproximar dela.

— Paula, que bicho mordeu você?

— Não vem, não, fique longe de mim! — Paula caminhou em direção a saída, mas Júlio colocou-se na frente da porta antes que

ela pudesse passar, fechando-a em seguida.

— Me deixa sair — grunhiu.

— Não! Você vai me explicar por que tem agido estranho comigo e é agora!

— Você é muito dissimulado! — Paula passou a mão na testa, limpando as pequenas gotículas de suor que apareceram.

— Que raios eu fiz para ser dissimulado? — Júlio abriu os braços, em sinal de rendição.

— Você não tem respeito por mim, nem por você — Paula foi em direção a ele e apontando o dedo no peito, finalizando — e muito menos por Paola, sua namorada! Você é um covarde.

— O quê? — Júlio gritou, lembrando-se de onde estava e diminuindo o tom da voz — Olha, eu não sei do que você está falando.

— Aquela garota linda, encantadora, cabelo chanel, sardinhas pelo rosto...

— Eu conheço Paola — Júlio a interrompeu —, mas o que eu não entendo é o motivo de um relacionamento de quase dez anos atrás me impedir de dizer para você... — Júlio a impediu de falar. — Me deixa terminar. Eu não sei porque isso te incomoda tanto. Paola e eu namoramos por, sei lá, três meses quando estávamos no ensino médio.

Paula estava na frente dele, o dedo ainda esticado e descansando no peito do rapaz, mas ela não sabia o que dizer. E você, leitor, agora deve estar pensando “não estou entendendo nada”, do mesmo jeito que ela, enquanto franzia a testa.

— Não estou entendendo nada — Paula disse, quase em um sussurro. — Maria me disse que haviam boatos sobre vocês dois.

— Cidade pequena, as pessoas falam o tempo todo sobre o que não é da conta delas. — Júlio deu de ombros e pegou a mão de Paula. — Paola e eu trabalhamos juntos em um caso, alguém deve ter ouvido nossos nomes e “caso” na mesma sentença e tirou as próprias conclusões. Até onde sei, essa garota namora um italiano. No dia do incêndio ele estava na igreja.

Paula ficou com vergonha, escondendo o rosto no peito de Júlio.

— Eu pensei que você estivesse namorando — a fala saiu abafada.

— Não estou e não compreendo porque você se afastou de mim dessa maneira. E mesmo que estivesse, porque isso impediria a nossa amizade? — Júlio puxou Paula para mais perto, abraçando-a.

— Eu... — Paula levantou o rosto e olhou nos olhos dele — eu descobri que estou apaixonada por você e que não poderia ficar por perto sofrendo tortura psicológica do meu próprio cérebro — falou num fôlego só, antes que se arrependesse.

Júlio sorriu, daquele jeito que Paula *odiava*.

— Sabe, é uma enorme coincidência. — Ele aproximou o rosto, encostando seu nariz no dela.

— O quê? — Paula sentia as pernas bambas, ainda bem que Júlio a tinha em seus braços.

— Você mencionar que está apaixonada por mim — a voz rouca de Júlio fez com que ela sentisse borboletas na barriga. — Porque eu também — beijou a ponta do nariz de Paula — estou perdida e completamente apaixonado por você.

Assim que ele concluiu aquela frase, alguém bateu na porta da biblioteca, chamando por Paula e forçando a porta para tentar entrar. Paula queria ficar ali, perdida naqueles olhos que estavam tão próximos dos seus, queria que aqueles lábios encostassem nos seus e não queria que Júlio a soltasse. A pessoa tornou a bater na porta.

— Paula! — a pessoa gritava do lado de fora — Tem um casal lá embaixo dizendo que são seus pais e se recusam a entrar...

Paula saiu do transe em que se encontrava e Júlio a soltou, mas antes deu um beijo rápido na testa dela, falando:

— Essa conversa não acabou.

Paula abriu a porta da biblioteca e, ignorando o mensageiro, desceu as escadas num piscar de olhos. O coração acelerado pelo momento que acabara de viver e pela possibilidade de reencontrar os pais. Será que eram eles? Quando chegou na varanda, percebeu que não era um sonho ou ilusão, mas, sim, seus pais estavam ali e parecendo deslocados.

Paula os chamou:



— Pai? Mãe? — Receosa se aproximou, não sabia se abraçava, apertava a mão ou ficava onde estava.

Os dois levantaram a cabeça e sorriram para a filha.

— Filha! — Alberto avançou na direção dela, abraçando-a forte. — Que saudades! — Ele a soltou, analisando cada parte do rosto dela. — Você emagreceu, cortou o cabelo e continua linda. — Ele mergulhou num abraço mais uma vez.

— Alberto, deixe Paula respirar — Susan interrompeu o momento abraço. — Olá, Paula! — Sorriu para a garota.

Paula não esperava um abraço da mãe, que sempre fora durona e nunca a vira demonstrar afetividade. O mais comum era que demonstrasse indignação e raiva contra outras pessoas.

— Nem acredito que estão aqui! — Paula olhou de um para outro. — Temos muito o que conversar e vocês tem tanto a ver por aqui. Vamos entrar, está frio aqui fora... — Tentou falar sem parecer empolgada demais.

Quando entraram, Paula lembrou-se do culto. Olhou para os pais e para a sala, de onde pode ver Carlos e Ester sorrindo para eles. Júlio acabara de se sentar e tinha três cadeiras vagas ao seu lado.

— Minha igreja está reunida aqui em casa. É uma longa história e depois contarei para vocês — Paula deu um passo em direção à sala. — Vocês estão convidados a participar do culto.

— É um tipo de religião? — Alberto caminhou em direção às cadeiras que Paula havia apontado.

— Sim, mas é mais que isso. — Paula sentiu vontade de rir da expressão espantada que o pai fizera.

— O que você disse que eles estão fazendo? — Susan cochichou no ouvido de Paula assim que se sentaram em uma das cadeiras de plástico.

— É um culto, mãe. Sou cristã.

— Desde quando? — Susan colocou a mão na boca, disfarçando o espanto. — Pensei que fosse agnóstica, como eu!

— Sou cristã desde o ensino médio. eu contei para v... — Paula interrompeu sua fala no mesmo instante, não adiantava argumentar com a mãe, ainda mais naquele momento. — Depois eu explico. Vamos nos concentrar no que o pastor tem a dizer.

— Espero que não demore muito — Susan sussurrou para o marido, que naquele momento estava encantado com a oração do jovem pastor.

Esse foi um daqueles momentos inesperados da vida, aqueles acontecimentos que nos tiram o ar por alguns segundos e Paula estava com dificuldade de respirar. De um lado, os pais e do outro, Júlio. Susan e Alberto tinham os olhos fixos no púlpito, ouvindo a mensagem que falava sobre perdão, amor e salvação. Eles nunca tinham ouvido nada parecido. Paula orava em silêncio para que Deus a guiasse e a presenteasse com sabedoria para falar com eles e o que fazer a respeito da declaração de Júlio.

No meio da sua oração silenciosa, sentiu a mão sendo embalada pelos dedos firmes e fortes do homem que estava ao seu lado. Quando encontrou o olhar dele, pode ver mais que amizade. Percebeu que havia sido tola. Se tivesse conversado com ele desde o princípio... Se tivesse permitido que ele conversasse com ela ao invés de fugir, nada daquela bagunça em seu coração teria acontecido. Sorriu para Júlio e, quando recebeu o sorriso em resposta, decidiu que não ficaria se martirizando com o que poderia ter sido, mas que usaria o aprendizado adquirido para não mais se deixar levar por fofocas e informações de terceiros.

— ... e muito mais Jesus fez por nós e pelo mundo, tanto mais que João escreve que os livros não seriam capazes de guardar toda essa informação. Meus queridos, sejamos gratos! Vamos cuidar uns dos outros e de nós mesmos, não deixe o tempo passar, escorrendo pelos dedos para aprender a valorizar a presença de quem você ama. Viva e viva com intensidade, deixe Deus usar você, para que muitos sejam os livros necessários para escrever o que o Pai fez através da sua vida...

Paula olhou para o pai que estava emocionado. A mãe mantinha a aparência de estátua de mármore, mas ela notou um certo brilho nos olhos. O pastor fez a oração final e antes de despedir a todos, agradeceu a Paula por ter cedido sua sala para a realização dos cultos e por todo o aporte financeiro para a reconstrução da igreja.

— Não sabemos como te agradecer, mas um passarinho nos contou — ele piscou para Ester — que você tem um amor especial

por tulipas. — Um dos sobrinhos de Júlio entrou com um vaso lindo cheio de tulipas vermelhas e brancas. — Espero que aceite como um ato simbólico de gratidão, pois você merece muito mais.

Paula se abaixou para pegar as flores e deu um beijo na testa do menino, que abraçou suas pernas e saiu correndo ao encontro dos pais. Paula contemplou os olhares que estavam sobre ela. Chorou ao olhar para aquelas pessoas, que eram como uma família, chorou ao ver a mãe secando uma lágrima no canto do olho e o pai sorrindo para ela e chorou ao ver Júlio sorrindo e iniciando uma salva de palmas para ela. Todos acompanharam e as crianças que estavam sentadas no chão davam gritinhos de alegria. Aquela foi uma noite especial para nossa protagonista e quando no início da madrugada repousou sua cabeça no travesseiro, dormiu com dores na mandíbula de tanto sorrir.

\*\*\*

— PAULA! — Silêncio. — PAULA!

Aquilo só podia ser um pesadelo.

— PAULA!

Não, era real!

A garota saltou da cama num pulo só e desceu as escadas. Os cabelos cacheados uma bagunça só, os olhos tentando focalizar o que estava acontecendo. Quando entrou na cozinha viu a mãe, com seu robe de seda vermelha num canto da cozinha, frigideira na mão e Cometa em sua frente, deitado com as patinhas para frente e abanando o rabo, na boca a sua bolinha de pegar.

— O que houve? — Paula perguntou sonolenta, afinal eram quatro horas da manhã.

— Essa fera está tentando me atacar! — Susan soltou um gritinho quando Cometa ficou em pé e foi até Paula.

— Mãe, por favor! — Paula resmungou. — É só o Cometa. Ele é meu cachorro, incapaz de machucar uma mosca. — Afagou a cabeça do cachorro, fazendo-o deitar de barriga para cima.

A mãe de Paula rolou os olhos e soltou a frigideira na pia da cozinha.

— Ele me pegou desprevenida. Só queria um copo de água, quando esse projeto de cavalo apareceu correndo na cozinha.

— Ele gosta de fazer novos amigos e brincar. — Cometa latiu.

— Ai, agora vai acordar seu pai!

— Cometa, venha! — Paula o levou para a área de serviços, enchendo o pote de ração. — Fique quietinho aqui, antes que aquela *fera* ali na cozinha queira o seu couro para usar como bolsa, tá bom?

— Estou ouvindo, dona Paula! — Susan gritou.

— Agora é você quem está tentando acordar o papai — Paula disse ao retornar para a cozinha.

— Ele já dormiu o suficiente. — Susan puxou uma banqueta ao lado da dela, convidando Paula para sentar. — Sente-se aqui comigo um instante, sim?

Paula se aproximou, lembrando da palavra *ressabiada*, comumente utilizada no Sul para se dizer que estava desconfiada. Susan não era uma mulher de muito papo e o fato de estar ali, na cozinha da casa de Paula, era uma imagem que ela jamais pensou que veria algum dia. Sentou-se em silêncio, observando a mãe brincar com o copo, batendo as unhas de gel no vidro fino. Ela parecia ter envelhecido, olhando assim de perto e sem toda aquela maquiagem de sempre, Paula enxergou as rugas, as olheiras e o quanto a mãe emagrecera. Ficaram em silêncio por um tempo, quando Susan iniciou um discurso.

— Sabe, filha — tomou um gole da água, criando coragem —, eu sei que não fui uma boa mãe para você. Quer dizer, eu acho que fiz o que eu pude para lhe dar educação, saúde e uma boa vida, fiz tudo que seus avós não fizeram por mim — respirou fundo — e esse foi meu erro. Achar que poderia consertar os erros de meus pais, quando eles também estavam fazendo o melhor que podiam. Uma das coisas que mais lamento é você não ter convivido mais tempo com meus pais. Eles sabiam como alegrar um dia triste... Durante muito tempo passamos por dificuldades financeiras, mas eles nunca deixaram faltar comida na mesa e quando alguém, algum vizinho ou familiar, aparecia pedindo um prato de comida a minha mãe sempre dava um jeito.

Paula tentou recobrar a imagem dos avós, mas eles haviam falecido há muito tempo, talvez ela tivesse um pouco mais de 7 anos. Porém, ela sempre se lembraria do dia que receberam a notícia do acidente de carro.

— Paula, quando você saiu de casa eu fiquei muito indignada com sua audácia. Seu pai e eu não falamos sobre você durante um bom tempo. Mas era possível ver que até as paredes da casa perderam a cor. — Fez uma pausa, olhando nos olhos de Paula. — Claro que você também tem sua parcela de culpa, ignorando minhas ligações e mensagens, mas você é tão orgulhosa quanto eu.

Paula fez menção de falar algo, mas Susan a interpelou.

— Só escute, tá bom? Antes que eu mude de ideia e volte para casa no primeiro voo da manhã. — Ela bebeu mais um pouco da água e ficou de pé, dando a volta na bancada. — Talvez essa novidade vai te surpreender, mas seu pai e eu começamos a fazer terapia.

Paula arregalou os olhos. Sim, aquela era uma novidade e tanto. Sua mãe detestava psicólogos, psiquiatras, terapeutas e até mesmo *coachs*.

— Eu sei que você está pensando que enlouqueci. Talvez tenha um fundo de verdade. Mas, quando você saiu de casa, comecei a prestar mais atenção na vida que seu pai e eu levávamos. Pude compreender a tristeza no seu olhar e as motivações que te fizeram partir. O casamento entrou em crise assim que você fechou a porta daquele apartamento pela última vez. — Susan curvou a cabeça. — Na verdade, a crise já estava instaurada há muito, eu só não queria admitir.

Paula olhou pela janela, o dia estava nascendo. Lembrou-se do verso bíblico em que é dito que as misericórdias do Senhor se renovam a cada manhã. Esforçou-se para lembrar dos últimos meses que passara na casa dos pais, garimpando por algum momento alegre que fosse genuíno, mas não conseguiu encontrar nada além das brigas e silêncios constrangedores nas refeições, sem mencionar as farpas, mentiras e discussões entre os pais.

— Para não ver minha família desmoronar por completo, eu fui para a terapia. Estou me conhecendo melhor, aos poucos. Seu pai até participou de algumas sessões, mas o caminho ainda é

longo. Não se muda uma vida toda, com quase 50 anos vividos, da noite para o dia. Sinto que nos falta algo, um vazio em nosso interior.

Paula assentiu. Ela conhecia aquele vazio, mas fazia tempo que fora preenchido.

— E agora chegamos no ponto que explico o motivo de estar aqui...

— Deixa que eu explico essa parte. — Alberto entrou na cozinha, beijando a testa de Paula para depois se juntar a Susan, ambos ficando em pé e de frente para a filha.

— Estamos aqui pois não poderíamos viajar sem antes colocar os pingos nos “is” com você.

— Viajar? Pingos nos “is”? — Paula fitou os pais, curiosa.

— Sim. Vamos passar dois anos viajando pela Europa e Ásia.

— Alberto beijou a mão de Susan, e sim, aquela era mais uma cena atípica. — Quando nos casamos juramos que um dia viajaríamos por todos os lugares incríveis que víamos nos livros e na televisão. Esse dia chegou... graças a Deus. — Alberto suspirou, soltou a mão da esposa e alcançou a mão de Paula, segurando-a com força. — Estamos aqui porque não seria certo viajar sem falar com você e para fazer um convite...

— Vem com a gente! — Susan interrompeu o marido, olhando nos olhos de Paula — Vem com a gente! Vamos ser uma família de verdade, um cuidando do outro, se importando e querendo o bem do outro. Vamos recuperar o tempo perdido. Seja nossa filha e permita que sejamos seus pais.

\*\*\*

Paula não acreditava no que estava vendo. Estavam caminhando a mais de uma hora por toda a fazenda. Passaram pela casa de vegetação, plantações externas até a divisa com o terreno de Felipe, a criação de galinhas poedeiras e conheceram a vaca Mimosa. Seus pais estavam de mãos dadas e sendo agradáveis com ela.

— Filha, assisti a um vídeo seu naquele programa matinal...

— Ele estalou os dedos, tentando lembrar o nome. — Enfim, você

falava sobre os benefícios da erva-mate e estava até tomando um chimarrão!

Ela riu da cara de admirado do pai.

— Sim. Hoje é um dia diferente, acabei saindo da minha rotina, mas caso contrário a essa hora da manhã já teria tomado mais de uma térmica de água quente.

— Você realmente gosta? Achei que fosse uma encenação para o programa.

— Jamais! Tudo o que falo para o programa Manhã Rural é realmente verdade, não sou um personagem, sou eu mesma. Os vídeos da *Internet* ficaram famosos e eles me convidaram para gravar uma série de curiosidades sobre a minha fazenda — Paula disse satisfeita.

— Estou deveras impressionada com tudo o que você tem feito aqui. Você tem muito potencial! Precisarás encontrar alguém à sua altura para te subst.... — Susan teve sua frase interrompida por Cometa, que pulou com as duas patas em sua barriga. — Ah! — gritou. — Tira esse monstro peludo e fedorento de perto de mim!

Aquela era a Susan que Paula conhecia.

— Cometa! — ralhou com o cachorro que abanando o rabo foi atrás de um passarinho.

— Você precisa de um adestrador. Ele é descontrolado! — Susan limpava a calça *jeans*.

— Ele é um bom cachorro e gosta muito de você.

— Gosta? — Alberto arqueou a sobancelha.

— Sim, ele tem suas preferências. — E os pensamentos dela viajaram para um certo homem de olhos verdes, cabelos castanhos e ombros largos de quem Cometa também gostava.

Queria que Júlio estivesse ali, mas na noite anterior ele avisou que viajaria durante os próximos dias. Algo relacionado com um curso de curta duração ou com uma prova na Ordem dos Advogados. Aquela conversa iniciada na biblioteca levaria alguns dias para ser concluída.

— Filha — Alberto a chamou —, parece tão distraída, está tudo bem?

— Sim, claro pai.

— Não se preocupe sobre a viagem e a decisão que precisa tomar. Conversei com sua mãe e se você não se importar, ficaremos por duas semanas aqui no Caminho para o céu. Acreditamos que esse é o tempo necessário para pensar sobre o que fazer em seu futuro.

— Sim, sabemos que é uma decisão importante e não queremos o seu arrependimento — Susan complementou.

Paula sorriu e agradeceu, mas queria um saco de papel para acalmar a ansiedade que surgira de repente. Aquele cenário estava provando a sua capacidade cardíaca, era a única explicação plausível para o momento. Não via a hora de poder conversar com Maria sobre as reviravoltas da vida, e de reencontrar Júlio, para finalmente conversar com ele. A decisão que tomaria estava alinhada com o que aquele homem diria para ela. E se ele dissesse que se confundira, que eram só amigos e que disse estar apaixonado como mais uma das muitas piadas que ele era acostumado a contar? E se ela mudasse totalmente a vida mais uma vez? Ela seria capaz de dizer não para a oportunidade que os pais estavam oferecendo?

Muitas perguntas e poucas respostas.

Agradeceu mentalmente a Deus quando chegaram em frente à casa e Pietra os esperava, braços abertos e anunciando um café da tarde na cozinha. Ela precisava clarear as ideias e só tinha um lugar onde ela conseguiria a paz que precisava: biblioteca.



# Memórias em papel timbrado - cartas

*Olá,*

*acabei de desdobrar meus joelhos. Estava em oração e lembrei de você. Confesso que seria tão mais simples tomar as decisões que preciso se você já estivesse aqui. Eu sei. Tudo tem seu tempo determinado. Quando você estiver lendo essas palavras eu já terei tomado uma das decisões mais importantes da minha vida, eu diria a terceira (ou quarta). Enquanto seus sogros tomam café no andar de baixo, estou aqui pensando no que fazer e creio que Deus me mostrará o melhor caminho e tenho certeza que esse caminho me levará até você.*

*Nosso Deus une propósitos.*

*Com amor,*

*Sua Paula, que precisa tomar decisões*

## Capítulo 12 - Ainda não

— Doze dias! Do-ze dias inteiros sem um único contato e vivendo no limbo de uma das mais difíceis decisões. — Paula andava de um lado para o outro na biblioteca, celular nas mãos e fones nos ouvidos.

— Pare de caminhar, está me deixando tonta! — Maria reclamou. — E pare com o drama também. Você já tentou mandar mensagem?

— Não. — Paula estagnou, em resposta aos protestos da amiga.

— Por que não envia uma mensagem, perguntando como ele está? — Maria ergueu os ombros, sem saber o que dizer.

— Não posso. Júlio e eu trocamos tão poucas mensagens até hoje, seria estranho demais, logo agora, enviar um “oi, tudo bem? Viu... sobre aquilo que você disse outro dia, porventura estava falando sério?”. Como soa essa mensagem? Para mim soa como D-E-S-E-S-P-E-R-O. — Paula soletrou, impaciente.

— Você é muito orgulhosa.

— Não precisa jogar isso na minha cara o tempo todo, mas não é possível que uma única vez nessa vida eu não tenha razão.

— Drama, drama e mais drama.

— Não acha que estou sendo REALISTA? — A última palavra gritada fez Cometa acordar de seu sono.

— Seja razoável, Paula...

— Razoável? O cara vem à minha casa, fala umas coisas que bagunçam toda a minha mente e depois some. Quem precisa ser razoável aqui? Além disso, boa parte dessa confusão é culpa sua, que imaginou um namoro entre ele e Paola. — Paula estava enraivecida, a cabeça começando a latejar.

— Já dei minha opinião e por mim esse assunto já poderia estar encerrado. Você é teimosa e inflexível. E já pedi desculpas pela confusão... — Maria estava com o semblante cansado.

— Estou ansiosa e preciso dar uma resposta aos meus pais amanhã. — Paula tirou o fone e encerrou a chamada. — Pensei que

minha amiga pudesse me compreender, mas vejo que nem ela e nem ninguém poderá me ajudar nessa questão. Que tal você, Cometa? Se eu devo ir embora, balance o rabo duas vezes e se devo ficar, você deve latir duas vezes.

Cometa empolgado com a atenção que estava recebendo, pulou balançando o rabo e latindo inúmeras vezes.

— Assim fica difícil... — Paula afundou a cabeça nas mãos.

Paula ignorou as chamadas de Maria e deitou no sofá da biblioteca. O dia seguinte seria um grande dia. Seus pais estavam pressionando-a e queriam saber qual seria a decisão. Já haviaorado, jejuado e até solicitado para Ester orar por ela. Quanto mais o relógio seguia seu curso, mais perguntas surgiam em sua mente. Viajar para longe seria uma boa ideia? Não viajar com os pais seria desperdiçar uma oportunidade de se reconectar com eles? Onde Júlio estaria? Por que estava deixando-a no escuro, sumindo daquele jeito? Nem os pais do rapaz sabiam direito onde ele se metera, para onde fora ou com quem estava. Talvez soubessem e não queriam contar a ela. Por quê? E ela não daria o braço a torcer, não mandaria mensagem para ele. Precisava ser forte e confiante, como sempre fora.

Enquanto isso, Susan e Alberto a impressionavam cada dia mais. Eles realmente estavam diferentes e ela se perguntava se aquela situação toda já não era a resposta para as orações dos últimos dias.

Levantou-se e foi até a estante, percorrendo os dedos pelas lombadas dos livros. Parou em frente a um livro de uma amiga escritora, intitulado “Uma chance para a esperança”. Pegou-o nas mãos e observou o homem que andava por um caminho. Ela precisava traçar o seu e precisava de esperança. Devolveu o livro para seu lugar e fixou os olhos na estante. O livro seguinte era intitulado “Cinco anos”. Lembrou-se de Marcos, o personagem, perguntando para Ângela onde ela gostaria de estar em cinco anos e fez a mesma pergunta para si mesma. Não obteve resposta. O livro da sequência era intitulado “Unidas por uma história”, tocou a lombada com delicadeza e o puxou, demorando o olhar na capa vermelha e imaginando qual seria o rumo da sua história. Bufou

enquanto colocava o livro que tinha em mãos de volta para a prateleira, retornando para o sofá e deitando sobre as almofadas.

*Basta a cada dia o seu mal*, pensou um pouco antes de adormecer com as luzes acesas e o medo de tomar a decisão errada saltitando de um pensamento para outro.

Muitas questões a se pensar. O que você faria se estivesse no lugar de Paula?

\*\*\*

Paula acordou de madrugada e percebeu que alguém havia colocado uma coberta sobre ela, ainda assim estremeceu com o frio da biblioteca. Olhou para o relógio, cinco horas da manhã. Ainda era cedo, mas assim que sentiu as dores na lombar por conta da péssima posição que havia dormido, decidiu ir para a cozinha tomar seu chimarrão. O dia prometia fortes emoções e era preciso alinhar as ideias, orar e confiar.

A manhã transcorreu tranquila no mundo externo de Caminho para o céu, na mente de Paula, porém, era como se um furacão tivesse passado e mudado todas as coisas do lugar. Tentou se distrair plantando algumas sementes de alguma verdura nos tubetes da casa de vegetação, mas sua mente a boicotava, fazendo-a pensar na analogia das escolhas com o crescimento de sementes; depois foi até o centro da cidade consertar a camionete, mas imaginou que sua vida era como aquela lata velha, sempre precisando de reparo, um ali e outro lá. Cogitou dormir, mas tinha tantos afazeres na sua lista, que esquecer os problemas enquanto dormia estava fora de cogitação.

No final da manhã, decidiu se entregar aos pensamentos e dar uma volta pela fazenda. Foi sozinha, subindo por um caminho tortuoso que dava para um antigo galpão onde guardavam algumas máquinas. No fundo, encontrou um banco feito do que um dia fora uma árvore, sentou-se e escondeu o rosto entre as pernas.

— O que eu faço, meu Deus? — perguntou num sussurro, sentindo em seguida algo duro batendo em sua cabeça. — Ai! — Pestanejou, para ser atingida mais uma vez.

Olhou para cima e não viu nada, mas quando olhou para os lados visualizou o *atirador*.

— O que você está fazendo aqui? — Paula caminhou até ele.

— É uma longa história envolvendo dias de folga atrasados.

— Daniel a abraçou.

— Sua mãe sabe que você está perambulando pela fazenda?

— Claro que sim. Na verdade, ela me pediu para seguir você.

— Piscou, sorrindo em seguida.

— E por que isso agora? Não posso ter um momento de solitude? — Paula cruzou os braços, encarando-o.

— Não me culpe, eu sigo ordens de Pietra, você sabe que aquela mulher me põe medo. — Daniel dirigiu-se até o banco onde Paula estava sentada. — Conte-me o que anda acontecendo com você. Mamãe está preocupada e Maria também, disse que você ignorou todas as últimas chamadas dela.

— Maria é dramática! — Paula sentou-se ao lado dele, brincando com um pedaço de madeira que estava no chão.

— Ela disse o mesmo sobre você.

Paula riu.

— Por isso somos amigas.

— Então, o que anda a deixando preocupada? — Daniel cruzou as pernas como quem diz que tem o dia todo para ouvir, e, bem, foi o que ele disse em seguida — Tenho o dia todo ao seu dispor.

— Não sei se os meus *dramas* são interessantes para você.

— Possivelmente não, mas é para isso que os amigos servem. — Ele fez uma pausa. — Para terem bons ouvidos e, se preciso for, ombros quentinhos que acolhem cabecinhas confusas.

— Pareço confusa para você? — Paula arqueou a sobrancelha.

— Muito e perdida também. Está até com uma cor esquisita, de quem não se alimenta bem.

Paula respirou fundo e soltou o ar rápido demais.

— Eu preciso tomar uma decisão importante. Já deveria ter tomado, mas estava esperando que algo acontecesse, que não aconteceu, e agora já estou em cima do laço. Preciso dar uma resposta que vai definir todo o meu futuro, pelos próximos dois anos,

pelo menos. — Os ombros caídos de Paula combinavam bastante com os pensamentos dela.

— Entendo. Você quer falar sobre essa decisão importante?

— Bom... — Paula começou contando sobre os pais e a viagem, sobre Júlio e a possível declaração e todo o restante que estava em jogo. — Não sei o que fazer. Eu construí uma vida aqui e eu gosto muito de quem eu sou quando estou trabalhando na casa de vegetação, o trabalho com a *internet* e o curso de agronomia. Eu sinto uma empolgação muito grande quando falo sobre tudo isso. — Olhou para além do galpão, sorrindo.

— Porém...

— Porém, eu estou impressionada com meus pais, o quanto eles mudaram e têm sido bons para comigo desde que chegaram. Passar dois anos conhecendo lugares, pessoas e comidas diferentes, seria um sonho realizado. Mas, ainda tem Júlio.

— Você sabe o que sente por ele? — Daniel perguntou.

— Não sei... Eu nunca namorei ou cogitei namorar, muito menos me apaixonar. O relacionamento dos meus pais não me encorajava muito a pensar sobre minha vida sentimental, sempre achei que eles eram infelizes e brigavam demais, mas agora eles parecem um casal jovem apaixonado. Ontem, os dois foram dar uma volta ao entardecer, de mãos dadas e tudo, com direito a beijinhos e abraços. — Paula deixou seu olhar se perder em algum ponto do passado. — Parece até que são outras pessoas.

— Eu posso compreender. Você está numa encruzilhada.

— Estou começando a detestar analogias. — Paula sorriu nervosa.

Ficaram em silêncio, observando o tempo passar. Abelhas e outros insetos passeavam ao redor.

— Paula — Daniel iniciou —, é uma decisão que só você pode tomar e o pouco que conheço você, tenho certeza que temorado. — Daniel pegou a mão dela. — Confie em Deus! Você precisará abrir mão de algo, mas acredite na decisão que tomar, ok?

Ela balançou a cabeça, sorrindo em seguida.

— Muito obrigada, Daniel! — Ela apertou a mão dele de volta. — Obrigada por ouvir.

— Não precisa agradecer. — Ele soltou a mão dela e ficou de pé — Vamos voltar?

— Vou ficar mais um pouco por aqui. Pode ir na frente e dizer para sua mãe que estou bem.

— Certo. Vou estar em oração por você. — Ele foi até ela e bagunçou os cabelos da garota. — Acalma essa sua linda cabecinha!

Assim que Daniel voltou pela mesma estrada em que ela tinha caminhado minutos antes, Paula tornou a encolher os ombros e suspirou. Estava cada vez mais próxima da hora em que diria sim ou não para os pais, e nunca estivera tão dividida em toda a sua vida. Ficou em pé e se arrastou pela estrada, checando o relógio de pulso. O almoço seria dali 30 minutos e dependendo da decisão, viajaria em cinco dias. *Que loucura*, pensou.

\*\*\*

Susan estava preparando ceviche e Alberto acabara de abrir um suco de uva famoso na região.

— Ah, eu amo o cheiro de sucos naturais de uva! — Fez de conta que estava degustando um vinho.

— Alberto, me ajude com os pratos e Paula, tempere a salada. — Susan gritou as ordens, empolgada por estar exercendo seu novo *hobby*.

— Nunca vi a senhora tão feliz. — Paula deu um beijo rápido no rosto da mãe quando passou por ela.

— Descobri na cozinha um refrigerio, uma segunda terapia, um lugar onde posso ligar o meu lado criativo do cérebro — Susan discursou.

— Já posso vê-la em uma dessas palestras do TED<sup>[8]</sup>, falando de como a terapia e a cozinha mudaram a sua vida.

— Não vamos exagerar! — Deu uma olhadela irônica para Paula.

— Sua mãe ainda está superando o fato de ter dado o braço a torcer para coisas que abominava. — Alberto gargalhou.

Os três estavam em total sintonia caminhando pela cozinha, preparando o almoço e arrumando a mesa na sala de jantar.

— A mesa está pronta. — Susan olhava admirada para a obra de arte que acabaram de criar.

Sentaram-se e Paula começou a se servir. Quando percebeu os olhares estranhos dos pais, lentamente ela devolveu a colher com que estava servindo arroz e perguntou:

— O que foi, gente? — perguntou assustada.

— Estávamos esperando pela oração — Alberto falou. — Como você faz todos os dias.

— Oh! — Paula se perguntou como havia esquecido daquele hábito tão importante. — Desculpem-me! Vamos dar as mãos, então.

Paula fez uma prece agradecendo a presença dos pais e pelo alimento que tinham. Pediu por sabedoria e misericórdia, fazendo uma pausa para orar em silêncio em sua mente, pedindo por direcionamento para a conversa que teriam logo após o almoço. Ao finalizar, pronunciou amém e os pais em uníssono a seguiram. Serviram-se e conversaram amenidades. Quando finalizaram, Paula começou a recolher os pratos e talheres.

— Filha — Susan pegou os pratos da mão da filha, fazendo-a sentar novamente —, acho que temos um assunto mais importante para conversarmos antes, os pratos sujos podem esperar.

Alberto assentiu.

— Estamos ansiosos para ouvir o que tem a nos dizer sobre aquela proposta — a mãe continuou. — Sabemos que é uma escolha muito difícil para você, levando em conta tudo o que construiu aqui. Mas queremos que você saiba que confiaremos na decisão que você tomar, cientes de que é a melhor para você.

— Sim, estamos muito orgulhosos de tudo o que tem construído aqui no Caminho para o céu e vamos entender se decidir ficar, mas adorariamos passar esse tempo viajando com você. — Alberto pegou a outra mão da filha e apertou forte.

Paula sentiu o sangue descer para a ponta do pé, uma ligeira tontura a acometeu. A resposta estava na ponta das línguas, mas antes precisava falar algumas coisas para os pais.

— Sabemos que nunca fomos uma família muito unida e capaz de demonstrar afeto. Por isso, esses últimos dias que vocês passaram aqui comigo foram lindos. Quero dizer que eu os amo,



sempre amei, mas perceber o quanto vocês se esforçaram para melhorar, o tanto de atenção que dedicaram a mim e o cuidado que tiveram de me incluir nos planos de vocês, além de perguntar a minha opinião, significou muito para mim. Tudo isso me ajudou a tomar a decisão. — Paula engoliu em seco e apertou as mãos dos pais. — E eu preciso dizer que minha resposta é...

Uma buzina estrondosa rebombou dentro do casarão. Cometa, que estava em silêncio, deitado nos pés da mesa, irrompeu para a varanda em disparada, passando pela entrada de *pets* na parte debaixo da grande porta. Logo em seguida Paula ouviu seu nome sendo gritado e a porta de uma camionete sendo batida.

— Um segundo! — Paula saiu da mesa ignorando os protestos dos pais.

Quando abriu a porta da varanda e a luz da tarde encontrou seus olhos, precisou piscar algumas vezes para enxergar Júlio em sua frente.

— Maria me contou que você está indo embora. — Ele estava quase sem fôlego. — Você não pode fazer isso, quer dizer, você pode... é livre e tem o direito de fazer o que quiser. — Júlio passou a mão pelos cabelos, andando de um lado para o outro na varanda. — Pelo menos ouve o que eu tenho a dizer antes de ir embora.

Paula apenas ficou em silêncio, fitando-o.

— Por favor, fala alguma coisa!

— Porque você sumiu durante todos esses dias? — Foi a única coisa que ela conseguiu pensar.

— Viajei para São Paulo, estava fazendo um curso de curta duração... eu te mandei várias mensagens e você não respondeu nenhuma.

Paula curvou a cabeça.

— Não recebi nenhuma mensagem...

Júlio pegou o celular, abrindo um aplicativo de conversar e procurando pelo nome de Paula.

— Seu número é 0119994....

— Não, troquei faz muito tempo! — Paula sorriu, um pouco embaraçada por não ter avisado a Júlio daquela troca e, ao mesmo tempo, com o coração aliviado por ele ter tentado falar com ela.

Nesse instante, a garota recordou que havia passado seu novo número para Pietra, Maria e os clientes do *Youtube* e *Instagram*. Nem para os pais havia enviado o número. Ela desejou com muita fé um buraco para se esconder, tamanha a sua vergonha.

Ficaram num silêncio constrangedor.

— Eu voltei hoje pela manhã. Acho que nos faltou comunicação.

Paula balançou a cabeça afirmativamente.

— Paula. — Júlio se aproximou e pegou as mãos dela, segurando-as em seu peito. — Você vai mesmo embora?

## Capítulo 13 - Malas prontas

— Mãe! — Paula gritou no pé da escada. — As malas já estão todas na camionete! Vamos, Daniel está nos esperando.

Susan estava se arrumando a mais de duas horas. Alberto piscou para a filha.

— Algumas coisas nunca mudam. — Os dois saíram para a varanda de braços dados. — Meu coração está arrebatado com as possibilidades que o futuro tem reservado para nós. — Alberto apertou com carinho o braço da filha.

Daniel acenou e se aproximou deles.

— Estão prontos? — Sorriu, cumprimentando Alberto com a mão e apertando-a forte.

— Quase... minha mãe acha que está saindo para um casamento ou para um primeiro encontro.

— Na verdade, no nosso primeiro encontro ela demorou mais de quatro horas, pelo que sua avó me contou. Espero que seja um pouco diferente dessa vez. — Alberto olhou em desalento para a porta que dava acesso ao casarão.

— Estou chegando — Susan anunciou enquanto descia as escadas.

Cometa já começou a abanar o rabo assim que ouviu a voz da mulher.

— Cometa, quieto! — Mas já era tarde, o cachorro estava pulando na saia de linho branquíssima de Susan.

— Paula! — Susan grunhiu. — Por que você não prendeu esse monstro? Esse cachorro é descontrolado, ainda bem que ficaremos longe dele. — Cometa a observava, olhos brilhando e a língua para fora da boca, babando. — Esperem, vou trocar de saia.

— Não! — Paula e Alberto gritaram juntos.

— Está linda, não tem necessidade de trocar, o cachorro nem a sujou. — Alberto ignorou a pequena mancha marrom na lateral da saia.

— Mas...

— Nada de “mas”! Precisamos sair ou vamos perder o voo. O simpático jovem... como é mesmo o seu nome?

— Daniel.

— Isso, Daniel vai no levar até Curitiba, e são quase cinco horas de viagem. E se ocorrer algum imprevisto? — Alberto a observava com a sobrancelha arqueada.

— Você tem razão. — Susan checou o relógio. — Nosso voo é às 22 horas, precisamos correr, vamos, vamos! — Antes de descer as escadas afagou a cabeça de Cometa. — Se acalme, sua fera descontrolada! — Cometa lambeu o rosto dela, fazendo com que todos rissem. — É, não tem jeito... alguém precisa ensinar bons modos para ele.

— Gostaria de lembrá-la que Cometa é um cachorro, e cachorros fazem esse tipo de coisa. É bem natural — Paula informou a mãe.

— Vamos ter outras oportunidades para você me dar uma aula sobre cachorros. Agora vamos, precisamos viajar. Alberto, tem mais uma mala na ponta da escada, sim?

O homem voltou e pegou a mala de mão, enquanto os demais caminhavam em direção ao carro.

— Filha, estou orgulhosa de você. — Afagou a mão de Paula. — Sei que já disse isso tantas vezes, mas é a verdade. A decisão que tomou, sei que não se arrependerá. Você é sensata e sabe o que quer para sua vida, assim como eu. Você herdou de seu pai, o bom coração e os olhos doces, mas a determinação e o faro para os negócios, ah! Isso vem de mim, sem dúvida.

— Mãe, a senhora é muito convencida. — Paula deu um beijo na bochecha dela — Mas, digamos que está certa. Fico feliz de ter herdado essas características de vocês.

Susan olhou no fundo dos olhos da filha e sorriu.

— Agora, me escute. Se você mudar de ideia, nós te enviaremos a passagem no mesmo dia. Não se preocupe com nada, podemos providenciar tudo para você de qualquer lugar que estivermos.

— Obrigada, mãe.

— O que você tem nessa mala? — Alberto sem fôlego carregou a pesada mala até a traseira da camionete.

— Nada de mais. — Susan ajeitou uma mecha de cabelo. — Paula, você sabe o que sinto por você. Ainda estou aprendendo a demonstrar meus sentimentos com palavras... — Beijou a testa da filha e a abraçou. — Perdoe os meus erros e nunca se esqueça que faríamos qualquer coisa por você.

— Eu amo você, mãe. — Paula disfarçou os olhos marejados.

— É recíproco, você sabe. — Susan a abraçou mais uma vez e entrou no carro.

— Filha — era a vez de Alberto se despedir —, já disse tudo o que você precisava ouvir. — Beijou e abraçou Paula. — diferente de sua mãe, eu já aprendi a dizer te amo e mais do que isso, a demonstrar esse amor. Recomendo que você dê uma olhada na cozinha, assim que atravessarmos aquele portão. — Virou a cabeça na direção do portão, onde era possível ler numa placa grande de madeira “Caminho para o céu”. — O nome desse lugar não poderia ser outro.

— Eu amo você, pai. Eu amo vocês dois! Meu coração está apertado por não ir com vocês.

— Nós entendemos — Alberto a interrompeu. — Você fez uma escolha sábia, por mais que eu quisesse muito você conosco, sei que não pode abandonar a sua vida aqui.

— Alberto — Susan o chamou —, precisamos ir.

O homem soltou o ar dos pulmões, como se o estivesse segurando durante muito tempo.

— Vou sentir saudades. Espero que esses dois anos passem voando. — Beijou a testa da filha e arrumou um cacho do cabelo, colocando-o atrás da orelha e entrou na camionete.

Daniel abraçou Paula e entrou no carro, dando a partida em seguida. Paula ficou observando o carro sumir além do portão, Cometa ao seu lado, fazendo aqueles sons de cachorro sem dono.

— É, eu sei meu amigo. É triste. — Paula acariciou a cabeça dele.

Os pés ainda pregados no chão, sem conseguir mover um músculo. Aquele momento fora dilacerador. Nunca pensou que poderia sentir-se assim com relação aos pais, mas Deus era bom demais em sua vida e estava cuidando de cada área com maestria.

A decisão fora tomada antes do almoço, quando ainda estava sentada no banco feito de árvore nos fundos do galpão. É possível que desde o começo aquela tenha sido a sua decisão, mas o medo a impedia de dizer em voz alta. Apesar da tristeza que estava sentindo, tinha algo mais, talvez um senso de maturidade e a certeza de ter feito a escolha certa. Claro, aquilo só o tempo diria e ela não queria desperdiçar os dias se lamentando pelos caminhos que não traçaria. Ficou parada ali, no sol, perdendo a noção do tempo, caindo em si quando a sua camionete, dirigida por João, atravessou o portão. Pietra desceu assim que o marido terminou de estacionar, caminhando na direção de Paula.

— Como você está, Paulinha? — A mulher a abraçou antes que ela pudesse falar alguma coisa.

— Um pouco triste — falou quando Pietra a soltou.

— Compreensível. Seus pais são pessoas peculiares, vou sentir saudades deles.

— Boa tarde, dona Paula. — João se aproximou segurando o chapéu no peito, tímido como sempre.

— Como foi na feira? — Paula perguntou, sorrindo para o homem.

— Tudo certo. Não fiz tanto sucesso quanto Daniel, mas acho que se vendemos todos os produtos, significa que deu tudo certo, não é?

— Claro, claro! Muito obrigada pela ajuda e por emprestar o filho de vocês para levar meus pais até Curitiba.

— Ele adora viajar e, para sua sorte, era feriado na cidade onde ele está servindo ao exército. Mas acho que seria uma boa ideia se saíssemos do sol.

— Ah, sim! Estava aqui pensando sobre a vida, devo estar toda queimada do sol.

— Pois vá já passar um hidrante, com queimadura de sol não se brinca! — Pietra a acompanhou até a varanda do casarão. — E coloque um sorriso nesse rosto lindo, guarda os bons momentos que passou com seus pais e tire o resto do dia de folga.

— Até parece que a senhora é quem manda por aqui! — Paula gargalhou.

— Quando você não está — deu uma piscadinha — ou está de folga, alguém precisa assumir o controle. Agora vá! Vá e descanse.

Paula concordou. Seria bom tirar o restante do dia para não fazer nada, além de aproveitar a própria companhia. Enquanto atravessava a entrada e fechava a porta, deu-se conta de que seria a primeira vez nos últimos seis meses que passaria uma noite sozinha. Antes dos pais, Carlos e Ester haviam compartilhado o mesmo teto com ela, depois do incêndio da igreja. Começava a subir os degraus para o segundo andar quando se lembrou que o pai havia comentado sobre algo que havia deixado para ela.

Ao entrar na cozinha, visualizou um pacote vermelho muito bem embrulhado com um laço de fita branca no topo e um cartão com letras garrafais escrito “Para minha princesa linda”. Paula sorriu ao lembrar que o pai a chamava assim quando era criança. Observou o embrulho, notando que tinha o formato de um livro. Curiosa, abriu-o com cuidado, tentando não rasgar o embrulho.

Quando conseguiu tirar todo o papel vermelho cintilante, deparou-se com um álbum de fotos. Era um álbum encomendado. Na capa uma foto dos pais abraçando-a. A foto era da semana passada e tinha ficado linda. Paula passou os dedos com gentileza pela foto, abrindo o álbum em seguida. Não estava preparada para as fotos que encontrou ali. Era como se a sua história fosse contada em ordem cronológica e lindas frases, ora com a letra do pai, ora com a letra da mãe. Derramou algumas lágrimas ao lembrar da primeira vez que fora a praia e das fotos bobas que haviam tirado em um parque no centro de São Paulo, com o pai fazendo de conta que o algodão doce era sua barba e a mãe mostrando a língua, enquanto ela revirava os olhos. Aqueles momentos doces tinham sido abafados pelas memórias ruins.

Paula passou um café e contemplou o álbum mais uma vez. Agradeceu a Deus por sua família e pela chance que tivera de esclarecer algumas coisas nas últimas semanas. Não permitiu que pensamentos de dúvida sobre a escolha que fizera a invadissem, consentindo apenas que a confiança em Deus pousasse em seu coração.

Deixou a caneca com o resto de café na pia, jogou o papel de embrulho no recipiente de resíduos secos e recicláveis e saiu da cozinha, desligando a luz e não acreditando que já estava tão tarde. Quando estava na metade da escada, ouviu o ronco de um motor se aproximando da casa. Parou e esperou. Logo os passos na varanda e a batida na porta fizeram com que ela retornasse os degraus. Ao abrir a porta deu de cara com a outra grande decisão que precisaria tomar.



# Memórias em papel timbrado - bilhetes

*Ao meu amor,*

*espero compartilhar muitas noites estreladas com você.*

*Paula*

## Capítulo 14 - Céu estrelado

Ao abrir a porta e dar de cara com Júlio sentiu que seu coração falhara uma batida. Os olhos dele a fitavam e um sorriso tímido a espreitava.

— Você quer entrar? — Paula deu espaço para que ele pudesse passar, mas o homem ficou pregado no piso da varanda.

— Na verdade — começou e puxou a mão de Paula —, gostaria de convidá-la para dar uma volta.

— Mas está tarde. — Paula travou os pés no chão.

— Esse é o melhor horário para o que eu tenho em mente. — Sorriu ao perceber os olhos arregalados dela.

— Não sei o que passou pela sua mente, mas eu quero levar você para observar as estrelas comigo. — Ele puxou gentilmente a mão dela mais uma vez, fazendo com que ela se aproximasse. — E eu tenho um lugar especial para fazer isso. O que me diz?

Paula queria correr para a biblioteca e se esconder atrás dos livros que costumava ler, onde as personagens têm suas vidas direcionadas por escritores. Acabara de tomar uma decisão importante, queria uma folga e que alguém decidisse por ela, que alguém dissesse “faça isso” ou “faça aquilo”, com a certeza de que seria o melhor. Estava assustada com o quanto seu coração estava acelerado. Assustada com a proximidade de Júlio e o quanto aquilo a deixava nervosa. Será que todas aquelas sensações eram as mesmas que os poetas descreviam em suas poesias? Ou será que era o frio da noite atravessando a sua blusa fina?

— Eu... eu... — gaguejou. — Preciso pegar um casaco. — Soltou a mão de Júlio e subiu correndo as escadas, na direção do quarto.

Jogou o álbum de fotos na cama e correu para o *closet*, experimentando três casacos para detestar a imagem refletida no espelho. O que estava acontecendo com ela? Por que essa preocupação repentina com a aparência?

— Calma, Paula! É só Júlio, aquele bobão de sorriso torto que me importuna desde que cheguei nessa cidade — disse para si

mesma, enquanto olhava para o espelho.

Colocou as ideias no lugar e pegou o último casaco que havia provado. Passou um pouco de perfume, coisa que dificilmente fazia, e desceu as escadas sentindo-se uma grande e bela idiota.

Júlio estava de costas, mãos no bolso e cabeça erguida para o céu, como se estivesse orando. Paula ficou admirando-o por um momento, antes de chamá-lo.

— Júlio?

Ele virou o rosto, olhos brilhando na direção dela.

— Está pronta?

Paula assentiu, apesar de ainda estar sentindo os calafrios debaixo daquele enorme casaco. Entraram no carro e Júlio conduziu por uma estrada que Paula não conhecia. Eram muitos buracos! Os dois sacolejavam na noite escura sem trocar uma única palavra. Quando o veículo parou, estavam no topo de um morro e não era possível ver uma única luz artificial num raio de 10 quilômetros.

Os dois desceram do carro ao mesmo tempo, olhando para o céu. Não havia uma nuvem no céu de lua nova, e as estrelas pontilhavam toda aquela abóbada negra, de uma extremidade a outra, arrancando suspiros com vapores dos dois. Júlio, após um breve momento de vislumbre, abriu a porta traseira e pegou um cobertor, depois subiu no capô da camionete, dando tapinha no lado para que Paula se juntasse a ele. A garota subiu e deixou-se ser envolta pelo cobertor e pelo calor do homem ao seu lado. Em seguida, Júlio deitou no para-brisa e Paula o imitou.

Permaneceram em silêncio, absortos nos próprios pensamentos, sonhos e impressões. Os sons daquela imensidão eram restritos a cigarras, grilos e o bater das asas de outros insetos. Eventualmente um ouvia o suspirar do outro e por mais que tivesse muito a ser dito, não queriam quebrar aquele momento com palavras. Assim ficaram por muito tempo e Paula refletiu sobre o quanto era fácil ficar em silêncio com Júlio, rememorando todas as vezes que ficaram juntos na biblioteca na época em que ele a ajudava com a burocracia dos contratos, depois lembrou-se de todas as vezes que ele a ajudou na fazenda, e sorriu ao lembrar de uma ou outra piada que ele contava.

— O que fez você sorrir assim?

Paula sobressaltou-se com a pergunta repentina, percebendo que Júlio olhava para ela ao invés de admirar o céu.

— Lembrei de uma das suas piadas idiotas. — Paula virou o rosto para ele, surpresa com o quanto o brilho fosco da noite podia deixá-lo ainda mais bonito.

— Minhas piadas não são idiotas, são obras-primas selecionadas com muito cuidado.

Ficaram em silêncio, um olhando para o outro.

— Você vem sempre aqui? — Paula perguntou.

— Só quando você vem também — disse piscando o olho.

Paula revirou os olhos e bufou.

— Na verdade — Júlio limpou a garganta —, gostaria de vir mais vezes. Mas, acredito que pelo menos uma vez por mês estou aqui, contemplando velhas conhecidas e conversando com Deus.

— Esse parece ser um bom lugar para orar. — Paula tornou a olhar o céu no exato instante que uma estrela cadente dava seu show. — Você viu? — perguntou empolgada para Júlio.

— Vi sim. — Mas ele não havia tirado os olhos dela.

— Como? Você nem estava olhando para o céu!

— Vi algo mais lindo que uma estrela cadente — murmurou, tão baixo que Paula quase não entendeu.

Ele pegou a mão dela e colocou-a sobre o peito.

— Paula, você consegue sentir meu coração?

Ela balançou a cabeça, afirmando.

— Percebe o quanto ele está acelerado? É quase uma escola de samba passando na avenida.

Paula não disse nada. Mas, não conseguiu evitar o sorriso nervoso nos lábios.

— Ele bate assim desde aquele dia que acompanhei Maria para te buscar na rodoviária. Assim que eu vi você eu perdi o senso de direção, eu nem sabia o que estava fazendo lá, mas sabia que precisava ir até você, falar com você. — Júlio apertou a mão dela. — Mas você tem esse temperamento forte e o dom de me provocar. Cada vez que te encontrava era uma mistura de sentimentos tão grande que eu não conseguia compreender o que estava acontecendo. Logo você estava nos meus sonhos e, às vezes, até chamava minhas colegas de turma pelo seu nome. Eu cogitei,

naquela época, a minha loucura. Pensei em procurar um psicólogo ou um pastor para fazer uma oração. — Riu, um pouco nervoso e desviou os olhos dela. — Eu acho que me apaixonei à primeira vista.

Naquele instante o coração de Paula já batia mais forte que o de Júlio. Sentiu um turbilhão de sensações, queria sorrir e chorar, pular e abraçar, dar um beijo em Júlio e até cantar uma música antiga da qual gostava. Ela não sabia o que queria fazer primeiro, mas sabia que queria guardar aquele exato momento na caixa preta das suas memórias, para que nunca, em hipótese alguma, se perdesse. Chegou mais perto de Júlio, descansando a cabeça no peito dele, de modo que o ouvido ficasse próximo da região do coração. Queria ouvir o samba enredo que o coração dele entoava e ter certeza de que estava em harmonia com o coração dela e entoando a mesma letra.

— Eu não sei quando foi o momento exato que eu vi em você algo além do primo abusado e irritante da minha melhor amiga.

Júlio riu e ela adorou o som e o tremor que atravessou o peito dele.

— Mas, em algum ponto, uma chave acendeu em meu interior, e quando eu pensei que você estivesse em um relacionamento com Paola... — Paula respirou fundo. — eu, eu... — gaguejou — fiquei arrasada.

— Isso é passado! A partir de hoje não vamos permitir que a falta de comunicação se coloque entre nós dois. — Júlio disse confiante, enquanto acariciava o cabelo de Paula. — Tem mais uma coisa que eu preciso te dizer.

Paula levantou o rosto para Júlio e ajeitou o corpo, para que ficasse de frente para ele.

— Eu amo você, Paula Alves. Amo como nunca imaginei amar alguém. A amo tanto que só de pensar que nesse momento você poderia estar em um avião para outro país, para longe de mim, eu tenho vontade de chorar. Eu amo você a ponto de não suportar a ideia de estar longe. — Balançou a cabeça, enfatizando a afirmação. — Vou continuar amando, mesmo que você me diga, depois de tudo isso que já falei, que quer ser apenas minha amiga, que não sente o mesmo e que eu sou um grande idiota por achar

que alguém incrível como você olharia para um babaca sem noção como eu. — Júlio passou a mão pelo rosto de Paula, enquanto dizia aquelas palavras.

— Ah, Júlio! — Paula deixou que as lágrimas corressem pelo seu rosto, enquanto seu coração era inundado por aquele amor e a necessidade de retribuir todo aquele sentimento era como uma força, arrebatando as barragens, fronteiras e limites dela. — Eu... não tenho outra explicação para esse sentimento que sinto em meu peito. Eu quero estar com você, quero o seu bem e quero te fazer sorrir. Quero você na minha vida, agora e daqui muitos anos. Eu amo você!

Júlio pulou do capô da camionete, assustando Paula e a plenos pulmões gritou para a imensidão da noite:

— ELA ME AMA! — Esperou um segundo — Vocês ouviram? — Deu alguns pulos de alegria e tornou a gritar: — ela me ama e eu a amo! Isso é incrível!

Correu até a camionete e tirou Paula do capô, deixando-a na sua frente. Passou os braços pela cintura dela, fazendo com que ela sentisse suas forças se esvaindo. Puxou-a para perto, o mais perto que pode, enquanto ela passava os braços pelo pescoço dele. Olharam-se nos olhos, sorriram um para o outro e viveram aquele momento em toda a sua intensidade, antes de selarem com um beijo longo e apaixonado o amor que compartilhavam.

## Capítulo 15 – Entrego meu coração

Querido leitor (ou leitora), que alegria saber que você chegou até aqui comigo. Foi uma trajetória e tanto! Olhando para as páginas que passaram, sinto que parte do meu coração ficou costurado entre uma linha ou outra. Essa história mexe comigo mais do que gostaria de admitir. Mas antes que eu revele quem sou, quero falar sobre os acontecimentos que sucederam após aquela noite estrelada. Vamos lá?

É preciso dizer que ninguém ficou surpreso com o relacionamento. Aparentemente, todo mundo já sabia que eles se amavam, menos os dois. As pessoas comentavam que era algo bonito de se ver quando eles saiam para passear com cometa no encalce.

Eles decidiram aproveitar o tempo de namoro para se conhecerem melhor e quando sentiram que estavam prontos, o noivado aconteceu. O noivado durou cerca de um ano e foi o período em que Paula mais escreveu cartas, mas todas com destino certo, o nome de Júlio no topo. O homem sabia da existência das cartas, mas fora avisado de que essas só seriam entregues depois de selado o compromisso no altar. O coração dele se comoveu com a dedicação da noiva e tão logo a aliança de noivado encontrou lugar no dedo dela, ele começou a escrever os votos para o casamento. No dia do casamento, Júlio puxou o envelope, limpou a garganta e começou a falar:

*Paula, minha querida Paula,*

*eu sabia que era você, assim que meus olhos te viram atravessar o estacionamento da rodoviária. No instante em que te vi, meu coração bateu diferente, e olha que eu sempre fui cético para os assuntos relacionados a sentimentos e jamais cogitei a possibilidade de acreditar em amor à primeira vista. Você caminhou até mim tão confiante e cheia de energia, pronta para viver uma nova vida, que eu me perguntei, assim que nossos olhos se cruzaram: “será que há espaço para mim na vida dessa garota?”.*

*Acabei me aproximando de forma inevitável, era como se você tivesse um ímã que me atraía para perto. Mesmo quando eu pensei que o melhor seria me afastar, meus pensamentos sempre me conduziam para o teu sorriso – ainda que esse seja raro de aparecer.*

*No começo eu não compreendia essa minha fixação em estar perto e a vontade de cuidar e abraçar você a cada oportunidade. Aos poucos fui tomando consciência de que não me era suficiente a imagem de ser teu amigo. Talvez seja confuso explicar o amor, e só quem ama outro alguém talvez venha a me compreender, o mais importante para mim sempre foi te ver feliz. Nessa intenção, me afastei, dolorosamente, algumas vezes, na esperança de que isso te fizesse mais feliz. Na minha inocência imaginei que você já tivesse percebido meus sentimentos e não queria ferir um amigo querido com as recusas educadas e sinceras que um amor não correspondido teme.*

*Porém, na primeira oportunidade em que meu olhar cruzou com o seu depois de um tempo sem te ver, tudo se dissipou e eu já não tive controle dos meus braços te acolhendo ou do sorriso teimoso que aparecia sem ser requisitado. Nesses momentos eu desejava não soltar você, com medo de me afastar mais uma vez.*

*Quando tudo o que estava confuso e mal resolvido se encaixou nas engrenagens do amor, eu não poderia estar mais feliz. Acredito que nem seja possível alguém ficar mais feliz do que eu fiquei quando você disse sim para o nosso amor. É admissível que eu tenha ficado em transe durante alguns dias e talvez eu quase tenha colocado fogo na casa, queimado os dedos e quase cortado o cabelo ao invés da barba... tudo isso só me faz perceber que não há dúvida alguma de que você é a pessoa com quem eu quero construir um futuro.*

*Hoje, na frente de pessoas que nos amam e diante do nosso Deus, eu tenho muito para agradecer. Paula, você é uma mulher tão corajosa, linda e iluminada, que quando estou perto de você eu anseio por ser um homem melhor, alguém digno de te amar e receber o seu amor. Uma parte da nossa história começa hoje e espero que seja um longo e maravilhoso caminho e que possamos apoiar um ao outro sempre, sem arrependimentos.*



*Construir uma família com você é mais do que a realização de um sonho para mim, é um presente divino do qual não me sinto merecedor. Mas acredite em mim quando digo que vou me esforçar e fazer tudo o que estiver ao meu alcance e muito mais para que a nossa família seja um bom lugar para se estar. Espero que nossos – muitos – filhos nos deem muita alegria e que possamos aprender uns com os outros pelo resto de nossas vidas.*

*Diante de todos os nossos convidados, de você e de Deus, eu me comprometo a ser o melhor marido que você poderia desejar.*

Pausa nos votos para destacar o beijo na mão de Paula que Júlio deu nesse momento.

*Talvez eu não seja tão bom com as palavras como você, mas nesse pequeno espaço do papel eu deixei transbordar tudo o que há de melhor em mim e eu revivi muitos momentos que compartilhamos. Cada vez que segurei a sua mão, que sequei uma ou outra lágrima e que te abracei. Da mesma forma, recordei cada palavra doce, encorajadora e cada sorriso que você dedicou a mim.*

*Oro por você desde o nosso primeiro contato. Ainda que motivações tristes a tenham trazido para minha vida, eu posso compreender o agir do nosso Deus, transformando o caos em uma linda obra de arte. Orarei por você e pelo nosso casamento todos os dias, me comprometendo a ser o melhor marido que estiver além do meu alcance. Você é um presente lindo que Deus me deu e não encontro mais palavras para descrever o quanto eu te amo. Entrego, oficialmente, meu coração a você.*

*Paula, minha Paulinha... estou muito feliz por saber que vamos compartilhar os próximos anos de nossas vidas. Espero que sejam muitos e um melhor que o outro.*

Quebrando alguns protocolos de cerimônias de casamento, os dois se beijaram assim que Júlio pronunciou a última sílaba. Alguns amigos da família me contaram que foi um dia romântico, uma tarde de inverno com céu azul sem igual, os convidados sentados em cadeiras brancas na frente do casarão do Caminho para o Céu. O vestido de Paula era perfeito: mangas longas, renda em toda a saia e alguns pontos brilhantes cravejados no corpete. Bem que eu gostaria de ter visto esse vestido, sinto que as fotos

que possuo não fazem justiça. Mas de todas as fotos, a que mais me encanta é a foto em que Paula está sentada no balanço da figueira olhando para Júlio, que está posicionado atrás dela, e na saia do vestido, Cometa descansando como se nada demais estivesse acontecendo. Essa foto retrata de modo perfeito os anos de casados.

Querido leitor, quem dera as palavras de Júlio naquele dia tivessem poder para mudar o futuro. Apesar dos meus mais sinceros desejos, tenho a certeza de que tudo está em seu devido lugar. Deus sabe o que faz, se assim não o fosse, eu não estaria aqui contando uma história que não é minha, mas que se não existisse, eu também não existiria.

# Memórias em papel timbrado - a última carta

Júlio,

*Amar você foi uma das escolhas mais bonitas que fiz na vida. Se pudesse voltar no tempo para reviver e aproveitar um pouco mais daqueles dias simples, cheios de rotina, ah! eu voltaria e diria para você, com todas as letras, em todas as línguas, o quanto eu amo você e o quanto sou grata por tudo o que construímos juntos. Eu passaria horas nos teus braços, me perderia em teus beijos e no teu cheiro, desligaria o telefone e compraria passagens para alguma ilha deserta, onde ficaríamos a sós, aproveitando a simplicidade do amor.*

*Os últimos anos foram especiais para nós dois.*

*Você lembra do dia que anunciamos nosso namoro? Pietra comemorou, mas disse que demoramos demais e que perdemos tempo brigando, ao invés de namorar. Maria, então? Só faltou fazer a malas e vir para o Brasil. Ela disse que fomos feitos um para o outro, e que assim que nos viu juntos pela primeira vez sabia que era uma questão de tempo até nós dois percebermos também. Eu amo lembrar que não foi surpresa para ninguém, apesar de ter sido uma enorme reviravolta na minha vida.*

*Lamento que eu tenha demorado demais para abrir os olhos e me permitir sentir tudo o que senti por você. Lamento por aquele período em que não fui capaz de enxergar o quanto a minha vida se encaixava na sua e vice-versa. Enquanto eu desperdiçava horas preciosas mergulhando no mau humor e no meu próprio orgulho, a vida seguia, simplesmente como deveria ser. Mas me alegro na certeza de que tudo é feito segundo a vontade do nosso Pai e que aquele tempo foi necessário para que as feridas do meu coração fossem saradas. Ver meus pais restaurando o próprio casamento e acreditar na minha própria capacidade e nos dons e talentos que Deus me deu, me ajudou a construir a mulher que sou hoje, a*

mesma que decidiu ficar em Ouro e, logo em seguida, disse sim para você.

Você transformou meus dias, me ensinou o que é ser uma mulher amada, respeitada e cuidada. Nem mesmo nos meus melhores sonhos imaginei alguém como você. Por mais que eu me iludisse, dizendo que não queria ninguém em minha vida, a verdade era que sempre esperei por alguém que respeitasse o meu tempo, que me possibilitasse viver algo diferente da realidade a qual eu estava habituada. Eu queria acreditar no amor... e você foi a resposta dessa oração dita no silêncio da minha alma.

Muitas partes da nossa história eu registrei em cartas como esta. Memórias nesse papel timbrado de uma empresa que nem existe mais e que possivelmente algum dia se perderão por conta da umidade, das traças ou tantos outros inimigos do papel. Mas eu não me importo, eu sei o que eu vivi e guardarei essas memórias até a última batida desse fraco coração.

Entre as tantas lembranças, a que ocupa a segunda posição é a do pedido de casamento. Foi algo singelo e especial, algo nosso. Bonito e simples, como flores na primavera ou frio no inverno. Parece que foi ontem que Cometa entrou na biblioteca, carregando aquela caixa enorme com as nossas alianças... Você é um homem incrível e romântico e mostrou tudo isso no dia do nosso casamento e em cada dia que se passou após firmarmos o nosso amor com alianças de ouro e um beijo de tirar o fôlego.

Em primeiro lugar, no ranking das minhas lembranças preferidas, está o dia em que nossa filha nasceu. Chorei de alegria ao ver a sua expressão! Queria ter uma foto daquele momento para que você entendesse do que estou falando. Acho que nunca vi tão real e palpável a tradução de orgulho e amor. Você é um pai incomparável. Tenho certeza de que nossa bebê, nossa pequena Marcela, crescerá cercada de tudo que precisa, mesmo que eu não esteja aqui. E eu sei que não estarei.

A notícia que recebemos no último mês entristeceu a nós dois, e entristeceria a qualquer um. Ninguém nunca estará preparado para ouvir que tem poucos meses de vida e que um tumor maligno invade e se alastra por uma grande parte de seu corpo. Deus sabe o quanto eu chorei e pedi para que isso fosse um

*pesadelo, ou um daqueles erros médicos, mas as tonturas estão cada vez mais fortes e a perda do meu cabelo, que você tanto gostava, não me deixam outra opção a não ser acreditar que aquele laudo é real.*

*Gostaria de estar na minha escrivania, escrevendo apenas mais um capítulo da nossa história. Registrando um dos nossos momentos, o primeiro passo ou as primeiras palavras de Marcela. Mas, o que escrevo são palavras de despedida. A última vez que sinto minha mão deslizar pelo papel e tento evitar os erros de gramática... se bem que a essa altura eu gostaria de já não me importar com coisas tão frívolas e superficiais.*

*Escrevo esta carta para me desfazer dos meus próprios pensamentos, que tentam, em vão, me tirar a paz. Eu já não me importo com riscos e agora me torno repetitiva, mas eu sei que há um propósito em tudo isso que estou passando. Talvez a minha história, o que vivi, sirva para que tantas outras Paulas percebam que o amanhã é tão incerto quanto o tamanho do universo. Eu tive a chance de dizer aos meus pais que os amava, aceitar e receber o amor e de correr riscos ao investir em um sonho maluco.*

*Meu amor, espero que quando estiver lendo essa carta, você se permita chorar. Chore por mim e pelo futuro que nunca teremos juntos. Chore quantas lágrimas forem possíveis, até sentir que não tem mais forças... não guarde uma gota, não guarde nenhum sentimento triste. Eu quero você alegre, quero aquele sorriso torto perambulando por aí, com Marcela e Cometa no seu calçado! Quero que você se permita viver novas histórias, inclusive uma nova e linda história de amor. Posso imaginar você querendo rasgar esse papel agora, mas não faça isso. Eu quero você bem. Não se esqueça do que me prometeu lá no alto do morro, debaixo das nossas velhas companheiras estrelas. A promessa de que jamais desistiria da vida, de Deus e de nossa filha. Isso me dá esperança e forças para suportar as dores e principalmente o medo.*

*O último capítulo de nossa história termina, mas você, nossa filha e todo o resto no Caminho para o céu, ainda têm muitas páginas pela frente. Que os próximos capítulos sejam lindos, cheios de novas aventuras e parágrafos eletrizantes! Quando a saudade*

*bater, deixe algumas linhas reservadas para lembrar de mim, mas depois prossiga e não olhe para trás.*

*Amo você e Marcela!*

*para sempre sua,*

*Paula*

# Carta ao leitor

Prezado(a),

esse é o momento em que você se pergunta por que a história precisava terminar assim, e porque não recebeu nenhuma advertência sobre a tragédia que o esperava ao final dos quinze capítulos. Sei que não vai resolver nada as minhas sinceras desculpas, mas talvez eu deva, pelo menos, me apresentar. Meu nome é Marcela Alves Bertolucci, filha de Paula e Júlio.

Narrei essa história evitando ao máximo colocar meus sentimentos e ideias a frente, mas é impossível estar apático quando falamos das pessoas que amamos. Se você tivesse em mãos o manuscrito original, encontraria algumas marcas de lágrimas em muitas folhas. Das coisas que já aprendi nessa vida ao longo dos meus trinta anos, uma delas é que o amor é sublime, lindo, incrível, mas também machuca, mesmo sem querer. Dói sentir-se impotente diante dos acontecimentos na vida daqueles que amamos.

Minha mãe jamais imaginou que terminaria sua vida ainda tão jovem. A história que contei para vocês tem um pouco desse senso sarcástico que a vida real de todo dia nos proporciona.

Cresci ouvindo as histórias de minha mãe, lendo as cartas que ela escreveu e aprendendo muito com o legado deixado por ela. Quando as folhas de papel com a letra que aprendi a conhecer tão bem começaram a amarelar e a tinta a desbotar, me entristeci. Meu coração ficou apertado e algo me incomodava toda vez que pensava que ela estava certa: um dia todas aquelas lembranças se perderiam.

Tudo o que aprendi lendo minha mãe se perderia para o tempo, que a cada dia consumia um pouco mais as folhas e as ideias que contribuíram para ser quem eu sou. Eu não poderia admitir. Comecei a *scanear* cada bilhete e carta, fazendo *upload* na nuvem e em um disco rígido.

Por mais que eu soubesse que aquele monte de papel não significava nada, que o mais importante eu já tinha absorvido, algo me inquietava.

Foi quando, durante um intervalo, contei a história de minha mãe para uma das minhas turmas na universidade onde leciono literatura estrangeira. No final daquele dia, uma aluna me procurou e disse que a história de minha mãe daria um livro. O céu se abriu e na mesma noite rascunhei algumas frases, que logo viraram parágrafos, capítulos inteiros e que hoje chegaram em suas mãos, querido leitor.

Encontrei neste livro a oportunidade de expandir o testemunho e a missão de vida da minha mãe. As mesmas palavras que tantas vezes me motivaram a prosseguir e que me ensinaram a valorizar a vida, agora podem encontrar outros corações para repousar. As memórias em papel, que antes se perderiam no emaranhado de tantas outras histórias não contadas, agora alcançam você, que as lê. Como uma semente espalhada pelo vento que encontra boa terra e produz frutos, assim eu espero que esse livro seja.

E com a audácia e coragem que Deus me deu, convido você a desligar o seu aplicativo de leitura, desconectar-se da internet e passar um tempo com as pessoas que ama. Não precisa confessar o seu amor, escrever longas e cansativas declarações, apenas sente-se lado a lado, conte uma história ou escute o que essa pessoa tem a dizer... e se não tiver nada a ser dito, contemple o silêncio na companhia do outro. A vida é tão rápida quanto o bater de asas de um beija-flor.

Você pode até esquecer essa história e todos os personagens, só não se esqueça que o tempo se esvai pelos dedos e não é possível segurá-lo.

Agora, que tal um *spoiler* para me redimir? Preparado? Lá vai: Maria casou com Daniel, Júlio (papai), depois de alguns anos, encontrou um novo amor e Cometa teve uma vida longa e feliz.

E você? Qual será a sua história?

Com desejos de uma vida bem vivida,



Marcela Alves Bertolucci

# Agradecimentos

*Tu és o meu Deus; graças te darei!  
Ó meu Deus, eu te exaltarei! Deem graças ao Senhor, porque  
ele é bom; o seu amor dura para sempre.  
Salmos 118:28-29*

Essa história era um rascunho de dois capítulos, escritos no ano de 2016. Deus foi bom comigo ao me conceder o restante das palavras para completar uma novela, quando me julgava incapaz de finalizar uma simples frase. Por isso, hoje agradeço ao meu Pai por sua bondade e misericórdia em minha vida, pela inspiração, criatividade e principalmente, força de vontade e disciplina.

Além de me presentear com as palavras para escrever a história de Paula, Deus me apresentou amigas incríveis que me apoiaram durante todo o processo. Agradeço ao Pai pela vida da Maria Araújo, leitora beta e maior incentivadora. Agradeço pela vida da Flávia Nonato, que sempre lê meus rabiscos e expressa as mais sinceras reações.

Sou grata pelo período incrível que o livro passou no Wattpad. Foram mais de 8 mil leituras! Meu agradecimento especial vai para Cristiane Broca, Lena Rossi, Elizangela Martins, Debora Marinho, Camila Antunes, Fernanda Marques, Mali Godoy, Janah Silva... e tantas outras. Se você leu o livro no Wattpad: obrigada!

Agradeço minha família pela paciência nos dias em que me tranquei no quarto e passei horas escrevendo, revisando e concentrada na história.

Agradeço a todos os leitores que chegaram até aqui. Obrigada pela chance dada ao meu livro. Deus abençoe sua vida! Espero que possamos nos encontrar em breve, em novas histórias.

## Sobre a autora



Pat Müller nasceu em 1991 no interior de Santa Catarina. Passou a infância e parte da adolescência na cidade de Ouro, cenário de Memórias em Papel Timbrado. Leva sonhos nos bolsos, mil ideias na cabeça e acredita no amor, pois teve um encontro com Ele.

Para ficar mais perto da autora, siga:

 @muller

 /mullerpatricia

 @patmuller

# Leia também

Além do Esperado por Socorro Araújo e Pat Müller



Beatriz foi levada de seus pais com apenas cinco anos de idade, mas tornou-se uma mulher forte e determinada. Nada poderia a abalar, é o que ela pensava antes de receber uma misteriosa carta que revelaria muito mais do que ela imaginou sobre o seu passado, até então, esquecido. Decidida a desvendar os segredos sobre sua infância, ela embarca da África para Teresina, Piauí, no Brasil.

Gustavo está de volta ao Brasil após muitos anos trabalhando como missionário em terras estrangeiras. A sua vida estava tranquila, até descobrir o paradeiro de seu irmão, que está entre a vida e a morte. Gustavo se vê no meio de um fogo cruzado. Beatriz, uma mulher indomável, surge em sua vida da forma mais inusitada possível, enquanto a sedutora Elis se mostra uma companheira no tratamento de seu irmão.

Juntos, em um país distante, os dois terão que romper barreiras pessoais e enfrentar os fantasmas do passado e, um deles, atende pelo nome de Príncipe do Morro.

As dificuldades que esperam Beatriz e Gustavo vão impedi-los de encontrar as respostas que tanto procuram?

Tudo se fez novo por Pat Müller e Socorro Araújo



Reencontre Gustavo e Beatriz, nosso casal de "Além do Esperado", nesse conto de ano novo.

Será que Beatriz conseguiu superar os traumas da infância e seguir em frente?

Gustavo tem muitos sonhos, Beatriz estará disposta a fazer parte deles?

---

[1] Tetos da vaca.

[2] Séries asiáticas com forte apelo ao drama.

[3] Série televisiva norte-americana.

[4] Uma família incomum, Unidas pela leitura.

[5] Expressão comum no sul do país. O mesmo que: acalme-se.

- [6] Referência ao filme Hitch - Conselheiro amoroso (2005).
- [7] Personagem de "*A series of unfortunate events*"
- [8] Conferências, palestras – ideias que merecem ser compartilhadas.